

GEORGE R. R.
MARTIN
HISTÓRIAS DOS SETE REINOS

Tradução de Jorge Candeias



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
INTRODUÇÃO: O CAVALEIRO DE WESTEROS	13
O CAVALEIRO DE WESTEROS	15
A ESPADA AJURAMENTADA	107
O CAVALEIRO MISTÉRIO	211



INTRODUÇÃO

As Crônicas de Gelo e Fogo iniciaram a vida como uma trilogia e desde então expandiram-se para sete livros.

O ambiente dos livros é o grande continente de Westeros, num mundo que é ao mesmo tempo semelhante ao nosso e diferente dele, no qual as estações duram anos e por vezes décadas. Encostado ao Mar do Poente, no limite ocidental do mundo conhecido, Westeros estende-se desde as areias vermelhas de Dorne, a sul, até às montanhas geladas e campos gélidos do Norte, onde a neve cai mesmo durante os longos verões.

Os filhos da floresta foram os primeiros habitantes conhecidos de Westeros, durante a Aurora dos Dias: uma raça de baixa estatura que fazia as suas casas na floresta e esculpia estranhas caras nos represeiros brancos como ossos. Depois chegaram os Primeiros Homens, que atravessaram uma ponte terrestre vindos do continente mais vasto do Leste com as suas espadas de bronze e os seus cavalos, e guerrearam os filhos durante séculos até finalmente fazerem a paz com a raça mais antiga e adotarem os seus deuses ancestrais e anónimos. O Pacto assinalou o início da Era dos Heróis, quando os Primeiros Homens e os filhos da floresta partilharam Westeros e uma centena de pequenos reinos surgiu e caiu.

Com o tempo chegaram outros invasores. Os ânдалos atravessaram o Mar Estreito em navios e com ferro e fogo varreram os reinos dos Primei-

ros Homens e expulsaram os filhos das suas florestas, abatendo muitos dos represeiros à machadada. Trouxeram a sua própria fé, venerando um deus com sete aspetos, cujo símbolo era uma estrela de sete pontas. Só no Norte distante conseguiram os Primeiros Homens repelir os recém-chegados, liderados pelos Stark de Winterfell. Nas outras regiões, os ándalos triunfaram e criaram reinos seus. Os filhos da floresta reduziram-se em número e desapareceram, enquanto os Primeiros Homens se cruzavam com os seus conquistadores.

Os roinares chegaram alguns milhares de anos depois dos ándalos, não como invasores mas como refugiados, atravessando os mares em dez mil navios para escapar ao crescente poderio da Cidade Livre de Valíria. Os senhores de Valíria governavam a maior parte do mundo conhecido; eram feiticeiros, grandes em conhecimentos, e só eles entre todas as raças dos homens tinham aprendido a criar dragões e a vergá-los à sua vontade. Quatrocentos anos antes do início de *As Crónicas de Gelo e Fogo*, contudo, a Perdição caiu sobre Valíria, destruindo a cidade numa única noite. Depois disso, o grande império valiriano desintegrou-se em discórdia, barbarismo e guerra.

Westeros, do outro lado do Mar Estreito, foi poupado ao pior do caos que se seguiu. Por essa altura só restavam sete reinos onde em tempos houvera centenas — mas não resistiriam muito mais tempo. Um jovem nobre da perdida Valíria chamado Aegon Targaryen aterrou na foz do Água Negra com um pequeno exército, as duas irmãs (que eram também suas esposas), e três grandes dragões. Montando os dragões, Aegon e as irmãs venceram batalha atrás de batalha e dominaram seis dos sete reinos de Westeros através de fogo, espada e tratado. O conquistador reuniu as espadas fundidas e retorcidas dos inimigos caídos e usou-as para fazer uma monstruosa, gigantesca, cadeira farpada: o Trono de Ferro, de onde governou daí em diante como Aegon, o Primeiro do Seu Nome, Rei dos Ándalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e Senhor dos Sete Reinos.

A dinastia fundada por Aegon e as irmãs perdurou ao longo de quase trezentos anos. Outro rei Targaryen, Daeron Segundo, trouxe mais tarde Dorne para os seus domínios, unindo todo o Westeros sob um único governante. Fê-lo através do casamento, não pela conquista, pois o último

dos dragões morrera meio século antes. *O Cavaleiro de Westeros* tem lugar nos últimos dias do reinado do Bom Rei Daeron, cerca de cem anos antes do início do primeiro dos romances d'*As Crônicas de Gelo e Fogo*, com o reino em paz e a dinastia Targaryen no seu apogeu. *A Espada Ajuramentada*, a história que se lhe segue, regressa às suas personagens cerca de um ano mais tarde e *O Cavaleiro Mistério* desenrola-se logo em seguida.



INTRODUÇÃO O CAVALEIRO DE WESTEROS

“O Cavaleiro de Westeros” é uma prequela para a minha série de fantasia épica, *As Crônicas de Gelo e Fogo*, ambientada nos Sete Reinos de Westeros cerca de noventa anos antes de *A Guerra dos Tronos*. Uma vez que o épico propriamente dito está longe de terminado, nunca me teria ocorrido escrever uma prequela se Robert Silverberg não me tivesse telefonado para me convidar para contribuir para *Legends*, a sua gigantesca antologia de nova fantasia. Já antes tinham sido organizadas enormes antologias de fantasia, claro, mas Silverberg juntara uma lista estelar de contribuidores para *Legends* que incluía Stephen King, Terry Pratchett, Ursula K. Le Guin e a maior parte dos outros principais fantasistas do mundo. Era evidente que este livro ia ser coisa séria, e eu percebi que tinha de estar presente. Não queria revelar nada sobre o fim das *Crônicas de Gelo e Fogo* nem sobre o destino das suas personagens principais, portanto uma prequela parecia ser o caminho certo. (E aconteceu que vários dos outros autores presentes em *Legends* seguiram o mesmo caminho.)

“O Cavaleiro de Westeros” é alta fantasia, nada pode ser mais evidente. Ou será que pode? A fantasia não precisa, bem... de *magia*? Eu tenho dragões n“O Cavaleiro de Westeros”, certíssimo... em cimeiras de elmos e bandeiras. A que acresce outro recheado de serradura, a dançar na ponta de cordéis. Oh, e Dunk lembra-se de ouvir o velho Sor Arlan

falar de ter visto uma vez um dragão verdadeiro e vivo; talvez isso seja suficiente. Se não, bem... podem dizer que “O Cavaleiro de Westeros” é mais aventura histórica do que verdadeira fantasia, exceto pelo facto de toda a história ser imaginária. Então isso faz dela o quê? Não me perguntem, eu só a escrevi.

O CAVALEIRO DE WESTEROS

UMA HISTÓRIA DOS SETE REINOS

As chuvas da primavera tinham amolecido o terreno, e Dunk não teve problemas em cavar a sepultura. Escolheu um local na vertente ocidental duma pequena colina, pois o velho sempre gostara de observar o pôr do sol. — Mais um dia terminado — suspirava — e quem sabe o que o amanhã nos trará, hã, Dunk?

Bem, uma manhã trouxera chuvas e ensopara-os até aos ossos, a manhã seguinte trouxera ventos tempestuosos, e a seguinte um resfriado. Pelo quarto dia, o velho estava demasiado fraco para cavalgar. E agora fora-se. Só uns dias antes, estivera a cantar enquanto cavava uma velha canção sobre ir a Vila Gaivota ao encontro duma bela donzela, mas em vez de Vila Gaivota cantara sobre Vaufreixo. *A caminho de Vaufreixo ao encontro da donzela, olaré, olaré*, pensou Dunk, infeliz, enquanto cavava.

Quando o buraco ficou suficientemente profundo, ergueu o corpo do velho nos braços e levou-o para lá. O homem fora pequeno e magro; despido de lorigão, elmo e cinturão da espada, parecia não pesar mais do que um saco de folhas. Dunk tinha uma altura enorme para a idade; era um rapaz desajeitado, desgrenhado e de grandes ossos, com dezasseis ou dezassete anos (ninguém tinha muita certeza da idade certa) que se aproximava mais dos dois metros do que da altura

normal dos homens, e só começara a encher de músculos a ossatura. O velho elogiara-lhe frequentemente a força. Sempre fora generoso com os elogios. Tinham sido tudo o que tivera para dar.

Pousou-o no fundo da sepultura e ficou algum tempo parado por cima dele. O cheiro da chuva estava de novo no ar, e sabia que devia encher o buraco antes de começar a chover, mas era difícil atirar terra para cima daquela velha cara fatigada. *Devia haver aqui um septão, para dizer algumas preces por ele, mas só me tem a mim.* O velho ensinara a Dunk tudo o que sabia sobre espadas, escudos e lanças, mas nunca fora grande coisa a ensinar-lhe palavras.

— Deixar-vos-ia a espada, mas ela ia enferrujar na terra — disse por fim, como quem pede desculpa. — Os deuses dar-vos-ão uma nova, suponho. Gostava que não tivésseis morrido, sor. — Fez uma pausa, sem ter a certeza do que seria preciso dizer mais. Não conhecia nenhuma oração, pelo menos até ao fim; o velho nunca fora grande adepto de rezas. — Fostes um verdadeiro cavaleiro, e nunca me batestes quando eu não merecia — conseguiu enfim dizer — exceto daquela vez em Lagoa da Donzela. Eu disse-vos que foi o moço da estalagem quem comeu a tarte da viúva, e não eu. Agora não importa. Que os deuses vos protejam, sor. — Pontapeou terra para dentro do buraco, depois começou a enchê-lo metodicamente, sem nunca olhar para a coisa que estava no fundo. *Ele teve uma vida longa, pensou. Devia estar mais perto dos sessenta do que dos cinquenta anos, e quantos homens podem dizer isso?* Pelo menos vivera para ver outra primavera.

O Sol estava a descer para oeste quando deu de comer aos cavalos. Eram três; o seu castrado de dorso arqueado, o palafrém do velho, e *Trovão*, o seu cavalo de guerra, que só era montado em torneios e batalhas. O grande garanhão castanho não era tão rápido ou forte como fora em tempos, mas ainda tinha o olho brilhante e temperamento intenso, e era mais valioso do que qualquer outra das posses de Dunk. *Se vendesse o Trovão e o velho Castanha e também as selas e os freios, arranjava prata suficiente para...* Dunk franziu o sobrolho. A única vida que conhecia era a de um cavaleiro andante, a de viajar de fortaleza em fortaleza, pondo-se ao serviço deste ou daquele senhor, combatendo nas suas batalhas e comendo nos seus salões até a guerra

terminar, seguindo depois caminho. De vez em quando havia também torneios, embora com menos frequência, e sabia que alguns cavaleiros andantes se tornavam ladrões durante os invernos magros, embora o velho nunca o tivesse feito.

Podia encontrar outro cavaleiro andante com falta dum escudeiro que lhe tratasse dos animais e lhe limpasse a cota de malha, pensou, ou talvez pudesse ir para alguma cidade, Lanisporto ou Porto Real, e alistar-me na Patrulha da Cidade. Ou então...

Empilhara as coisas do velho sob um carvalho. A bolsa de pano continha três veados de prata, dezanove dinheiros de cobre e uma grana-da lascada; tal como acontecia com a maioria dos cavaleiros andantes, a maior parte das suas riquezas materiais tinha sido investida nos cavalos e nas armas. Dunk era agora dono de um lorigão de cota de malha a que limpara a ferrugem mil vezes; de um meio-elmo de ferro com uma larga proteção nasal e uma amolgadela na têmpora esquerda; de um cinturão de espada de couro castanho e estalado, e de uma espada longa numa bainha de madeira e couro; de um punhal, de uma navalha, de uma pedra de amolar; de grevas e gorjal, duma lança de guerra de madeira torneada de freixo com dois metros e meio de comprimento e uma cruel ponta de ferro, e dum escudo de carvalho com rebordo de metal amolgado, ostentando o símbolo de Sor Arlan de Pataqueira: um cálice alado, de prata sobre castanho.

Dunk olhou para o escudo, pegou no cinturão da espada e voltou a fitar o escudo. O cinturão fora feito para as ancas magricelas do velho. Nunca lhe serviria, tal como o lorigão nunca lhe serviria. Prendeu a bainha a uma corda de cânhamo, atou-a em volta da cintura, e puxou pela espada.

A lâmina era direita e pesada, bom aço forjado em castelo, o punho de couro mole enrolado em madeira, o botão uma pedra lisa, preta e polida. Simples como era, a espada ajustava-se bem na sua mão, e Dunk sabia como era afiada por ter trabalhado nela com pedra de amolar e oleado muitas noites antes de irem dormir. *Ajusta-se ao meu punho tão bem como se ajustava ao dele*, pensou de si para si, *e há um torneio no Campo de Vaufreixo.*

* * *

Passo-Suave tinha um andamento mais fácil do que o velho *Castanha*, mas mesmo assim Dunk estava dorido e cansado quando vislumbrou a estalagem à sua frente, um edifício alto de madeira e argamassa erguido ao lado dum ribeiro. A morna luz amarela que jorrava das janelas parecia tão convidativa que não podia recusá-la. *Tenho três moedas de prata*, disse a si próprio, *o suficiente para uma boa refeição e tanta cerveja quanta quiser beber.*

Enquanto desmontava, um rapaz nu saiu a pingar do ribeiro e começou a secar-se num manto de ráfia castanha.

— És o moço de estrebaria? — perguntou-lhe Dunk. O rapaz não parecia ter mais de oito ou nove anos, uma coisinha magra e macilenta, com os pés nus envoltos em lama até aos tornozelos. O cabelo era a coisa mais estranha nele. Não tinha nenhum. — Vou querer o palafrém escovado. E aveia para os três. Podes tratar deles?

O rapaz fitou-o com descaramento.

— Podia. Se quisesse.

Dunk franziu o sobrolho.

— Não quero ouvir mais disso. Sou um cavaleiro, para que fiques sabendo.

— Não tendes ar de cavaleiro.

— Os cavaleiros têm todos o mesmo ar?

— Não, mas também não se parecem convosco. O vosso cinturão da espada é feito de corda.

— Desde que me segure a bainha, serve. E agora trata-me dos cavalos. Recebes um cobre se tratares bem, e um carolo nas orelhas se não tratares. — Não esperou para ver como o moço de estrebaria acolhia aquilo; virou-lhe costas e empurrou a porta com o ombro.

Àquela hora esperava encontrar a estalagem cheia de gente, mas a sala comum estava quase vazia. Um jovem fidalgo com um manto de bom damasco estava desacordado sobre uma mesa, ressonando suavemente para dentro dum charco de vinho derramado. Fora ele, não havia ninguém. Dunk olhou em volta, inseguro, até que uma mulher robusta, baixa e pálida apareceu vinda das cozinhas e disse:

— Sentai-vos onde quiserdes. É cerveja que quereis, ou comida?

— As duas coisas. — Dunk escolheu uma cadeira junto da janela, bem longe do homem adormecido.

— Há bom carneiro, assado em crosta de ervas, e uns patos que o meu filho abateu. O que querereis?

Havia um ano ou mais que ele não comia numa estalagem.

— As duas coisas.

A mulher riu-se.

— Bem, tendes tamanho para isso. — Encheu uma caneca de cerveja e levou-lha à mesa. — Também ireis querer um quarto para passar a noite?

— Não. — Nada havia que Dunk mais desejasse do que um colchão mole de palha e um teto sobre a cabeça, mas precisava de ter cuidado com o dinheiro. O chão serviria. — Alguma comida, alguma cerveja e ala para Vaufreixo. Ainda é muito longe?

— A um dia a cavalo. Virai para norte quando a estrada se bifurcar junto ao moinho queimado. É o meu moço que está a tratar dos vossos cavalos, ou ele voltou a fugir?

— Não, ele está lá — disse Dunk. — Parece não ter fregueses.

— Metade da vila foi ver o torneio. Os meus também tinham ido se eu deixasse. Vão ficar com esta estalagem quando eu me for, mas o rapaz prefere andar por aí a pavonear-se entre os soldados e a rapariga derrete-se em risinhos e suspiros de todas as vezes que um cavaleiro passa por cá. Juro que não sou capaz de perceber porquê. Os cavaleiros são feitos da mesma maneira que os outros homens, e nunca ouvi dizer que uma justa mudasse o preço dos ovos. — Deitou uma olhadela curiosa a Dunk; a espada e o escudo diziam-lhe uma coisa, o cinto de corda e a túnica de tecido grosseiro outra bem diferente. — Ides também para o torneio?

Ele bebeu um gole de cerveja antes de responder. Era de um castanho de avelã, e espessa na língua, mesmo como ele gostava.

— Sim — disse. — Pretendo ser um campeão.

— Ah sim? — respondeu a estalajadeira, com razoável polidez.

Do outro lado da sala, o fidalgo levantou a cabeça da poça de vinho. A sua cara tinha um tom amarelado e pouco saudável por baixo do ninho de ratos que era o seu cabelo castanho arenoso, e uma barba rala e loura cobria-lhe o queixo. Esfregou a boca, fitou Dunk a piscar os olhos e disse:

— Sonhei contigo. — A sua mão tremeu quando apontou um dedo.
— Fica longe de mim, estás a ouvir? Fica bem longe de mim.

Dunk fitou-o, confuso.

— Senhor?

A estalajadeira debruçou-se para ele.

— Não ligueis àquele, sor. Não faz nada a não ser beber e falar dos sonhos. Eu vou buscar a comida. — E foi-se embora, apressada.

— Comida? — O fidalgo transformou a palavra numa obscenidade. Pôs-se cambaleantemente em pé, apoiando uma mão na mesa para evitar cair. — Vou vomitar — anunciou. A parte da frente da sua túnica estava coberta de vermelho, com manchas velhas de vinho. — Queria uma rameira, mas aqui não se encontra nenhuma. Foram todas para o Campo de Vaufreixo. Pela bondade dos deuses, preciso de vinho. — Abandonou a sala comum num passo instável, e Dunk ouviu-o a subir umas escadas, cantarolando em surdina.

Uma triste criatura, pensou. Mas porque terá pensado que me conhecia? Refletiu naquilo por um momento em frente da cerveja.

Nunca comera carneiro tão bom como o que a mulher lhe levou, e o pato ainda estava melhor, cozinhado com cerejas e limão e nem de perto tão gorduroso como a maioria. A estalajadeira também serviu ervilhas em manteiga, e pão de aveia ainda quente do forno. *Ser cavaleiro é isto*, disse ele a si próprio enquanto arrancava ao osso o último bocado de carne. *Boa comida e cerveja sempre que a quiser, e ninguém para me dar carolos na cabeça.* Bebeu uma segunda caneca de cerveja com a refeição, uma terceira para a empurrar para baixo, e uma quarta porque não havia ninguém para lhe dizer que não podia, e quando terminou, pagou à mulher com um veado de prata e mesmo assim recebeu de volta uma mancheia de cobres.

Era noite cerrada quando Dunk saiu da estalagem. Tinha o estômago cheio e a bolsa um pouco mais leve, mas sentia-se bem enquanto se dirigia aos estábulos. Em frente, ouviu um cavalo a relinchar.

— Calma, rapaz — disse uma voz juvenil. Dunk estugou o passo, franzindo o sobrolho.

Foi encontrar o moço de estrebaria montado no *Trovão* e a usar a armadura do velho. O lorigão era mais comprido do que ele e tivera de

inclinar o elmo para trás senão ter-lhe-ia tapado os olhos. Parecia completamente concentrado, e completamente absurdo. Dunk parou à porta do estábulo e soltou uma gargalhada.

O rapaz ergueu os olhos, corou, e saltou para o chão.

— Senhor, eu não queria...

— Ladrão — disse Dunk, tentando parecer severo. — Despe essa armadura e dá-te por contente por o *Trovão* não te ter dado um coice nessa cabeça parva. Ele é um cavalo de guerra, não um pônei de rapaz.

O rapaz tirou o elmo e atirou-o para a palha.

— Podia montá-lo tão bem como vós — disse, com toda a ousadia do mundo.

— Fecha a boca, não quero ouvir a tua insolência. O lorigão também, despe-o. Julgavas que estavas a fazer o quê?

— Como é que posso dizer-vos com a boca fechada? — O rapaz saiu de dentro da cota de malha e deixou-a cair.

— Podes abrir a boca para responder — disse Dunk. — Agora pega nessa cota de malha, sacode-a da porcaria e volta a pô-la onde a encontraste. E o elmo também. Alimentaste os cavalos como te disse para fazer? E escovaste *Passo-Suave*?

— Sim — disse o rapaz, enquanto sacudia a palha da cota de malha. — Ides para Vaufreixo, não ides? Levai-me convosco, sor.

A estalajadeira avisara-o sobre aquilo.

— E o que é que a tua mãe dizia se te levasse?

— A minha mãe? — O rapaz franziu a cara. — A minha mãe está morta, não dizia nada.

Dunk ficou surpreendido. A estalajadeira não era mãe dele? Talvez fosse só seu aprendiz. Tinha a cabeça um pouco embotada por causa da cerveja.

— És órfão? — perguntou, de modo incerto.

— Vós sois? — atirou o rapaz de volta.

— Fui em tempos — admitiu Dunk. *Até que o velho me acolheu.*

— Se me levásseis, podia ser vosso escudeiro.

— Não me faz falta um escudeiro — disse.

— Todos os cavaleiros precisam de um escudeiro — disse o rapaz. — Vós tendes ar de quem precisa mais de um do que a maioria.

Dunk ergueu uma mão ameaçadora.

— E tu tens ar de quem precisa dum carolo na orelha, quer-me cá parecer. Enche-me uma saca de aveia. Vou partir para Vaufreixo... sozinho.

Se o rapaz estava assustado, escondia-o bem. Por um momento ficou ali com ar de desafio, de braços cruzados, mas quando Dunk se preparava para desistir dele, virou-se e foi buscar a aveia.

Dunk ficou aliviado. *Uma pena que eu não possa... mas ele tem uma boa vida aqui na estalagem, uma vida melhor do que teria sendo escudeiro dum cavaleiro andante. Levá-lo não seria nenhuma bondade.*

Mas ainda sentia o desapontamento do rapaz. Enquanto montava *Passo-Suave* e virava a cabeça de *Trovão*, Dunk decidiu que um dinheiro de cobre poderia animá-lo.

— Toma, moço, pela tua ajuda. — Atirou-lhe a moeda com um sorriso, mas o moço de estrebaria não fez qualquer tentativa para a apanhar. A moeda caiu na poeira entre os seus pés nus, e foi aí que a deixou ficar.

Há de apanhá-la assim que eu me vá embora, disse Dunk a si próprio. Virou o palafém e afastou-se da estalagem, levando os outros dois cavalos pela arreata. As árvores estavam brilhantes de luar, e o céu estava sem nuvens e salpicado de estrelas. Mas enquanto avançava pela estrada fora, sentia o moço de estrebaria a observar as suas costas, amuado e silencioso.

* * *

As sombras da tarde estavam a ficar longas quando Dunk puxou as rédeas ao cavalo na borda do grande Campo de Vaufreixo. Três vintenas de pavilhões já tinham sido erguidas no campo relvado. Alguns eram pequenos, outros grandes; alguns eram quadrados, outros redondos; alguns eram de tela, outros de linho, outros de seda; mas todos eram vivamente coloridos, com longos estandartes a esvoaçar nos mastros centrais, mais brilhantes do que um prado de flores silvestres, com vermelhos ricos, amarelos soalheiros, incontáveis tons de verde e azul, negros profundos, cinzentos e púrpuras.

O velho acompanhara alguns daqueles cavaleiros; a outros, Dunk conhecia de histórias contadas em salas comuns e em volta de fogueiras de acampamentos. Embora nunca tivesse aprendido a magia da leitura

e da escrita, o velho fora implacável no que tocava a ensinar-lhe heráldica, interrogando-o frequentemente enquanto cavalgavam. Os rouxinóis pertenciam a Lorde Caron da Marca, tão talentoso com a harpa vertical como com uma lança. O veado coroadado representava Sor Lyonel Baratheon, a Tempestade Ridente. Dunk localizou o caçador dos Tarly, o relâmpago púrpura da Casa Dondarrion, a maçã vermelha dos Fossoway. Ali rugia o leão de Lannister, em ouro sobre carmesim, e, além, a tartaruga marinha verde-escura dos Estermont nadava num fundo verde-claro. A tenda castanha por baixo do garanhão vermelho só podia pertencer a Sor Otho Bracken, a quem chamavam o Bruto de Bracken desde que matara o Lorde Quentyn Blackwood três anos antes durante um torneio em Porto Real. Dunk ouvira dizer que Sor Otho batera com tanta força com o machado embotado que metera para dentro a viseira do elmo do Lorde Blackwood e a cara que estava por trás. Viu também algumas bandeiras Blackwood, no limite ocidental do prado, tão distantes de Sor Otho como podiam estar. Marbrand, Mallister, Cargyll, Westerling, Swann, Mullendore, Hightower, Florent, Frey, Penrose, Stokeworth, Darry, Parren, Wylde; parecia que todas as casas senhoriais do Ocidente e do Sul tinham enviado a Vaufreixo um cavaleiro ou dois para ver a bela donzela e enfrentar as liças em sua honra.

Mas por mais esplêndidos que fossem os pavilhões deles aos seus olhos, Dunk sabia que não havia ali lugar para si. Um manto puído de lã seria todo o abrigo que teria naquela noite. Enquanto os senhores e grandes cavaleiros jantariam capões e leitões, o jantar de Dunk seria um bocado duro e fibroso de carne de vaca salgada. Sabia perfeitamente que se montasse acampamento naquele campo garrido, teria de aguentar tanto o escárnio silencioso como a troça aberta. Alguns talvez o tratassem com gentileza, mas de certa forma isso era quase pior.

Um cavaleiro andante tem de se agarrar bem ao orgulho. Sem ele, não passa de um mercenário. *Tenho de conquistar o meu lugar naquela companhia. Se lutar bem, talvez algum senhor me aceite no seu pessoal. Então cavalgarei em nobre companhia, e comerei carne fresca todas as noites num salão de castelo, e erguerei o meu próprio pavilhão em torneios. Mas primeiro tenho de me sair bem.* Com relutância, virou costas ao campo de torneios e levou os cavalos para as árvores.

Nos arredores do grande prado, a quase um quilómetro da vila e do castelo, encontrou um lugar onde uma curva num regato criara uma profunda lagoa. Um denso canal crescia ao longo da margem, e um grande ulmeiro folhoso presidia sobre tudo. A erva primaveril era ali tão verde como a bandeira de qualquer cavaleiro e suave ao toque. Era um local bonito, e ainda ninguém o reclamara para si. *Este será o meu pavilhão*, disse Dunk a si próprio, *um pavilhão alimentado com folhas, mais verde até do que as bandeiras dos Tyrell e dos Estermont*. Os seus cavalos tinham prioridade. Depois de ter tratado deles, despiu-se e entrou na lagoa para lavar a poeira da viagem. “Um verdadeiro cavaleiro é tão limpo como devoto,” dizia sempre o velho, insistindo em que se lavassem dos pés à cabeça de todas as vezes que a Lua virava, quer cheirassem mal, quer não. Agora que era um cavaleiro, Dunk jurou fazer o mesmo.

Sentou-se nu sob o ulmeiro enquanto se secava, apreciando o calor do ar primaveril na pele enquanto observava uma libélula que se movia indolentemente entre os caniços. Uma mosca-dragão, como lhe chamavam em algumas regiões. *Porque haveriam de lhe dar esse nome?*, perguntou a si próprio. *Não se parece nada com um dragão*. Não que Dunk tivesse alguma vez visto um dragão. Mas o velho tinha. Dunk ouvira a história meia centena de vezes, a história de como Sor Arlan fora apenas um rapazinho quando o avô o levava a Porto Real, e como tinham aí visto o último dragão no ano anterior ao da sua morte. Fora uma fêmea verde, pequena e atrofiada, com as asas mirradas. Nunca nenhum dos seus ovos chegara a eclodir. “Alguns dizem que o Rei Aegon a envenenou,” dizia o velho. “Esse há de ser o terceiro Aegon, não o pai do Rei Daeron, mas aquele a que chamaram Desgraça-dos-Dragões, ou Aegon, o Infortunado. Tinha medo de dragões, porque vira o animal do tio devorar a própria mãe. Os verões têm vindo a ser mais curtos desde que o último dragão morreu, e os invernos mais longos e rigorosos.”

O ar começou a arrefecer quando o Sol mergulhou abaixo das copas das árvores. Quando Dunk sentiu pele de galinha a arrepanhar-lhe os braços, bateu com a túnica e as bragas contra o tronco do ulmeiro para sacudir a pior sujidade e voltou a vesti-las. Na manhã seguinte iria à procura do mestre dos jogos e inscreveria o seu nome, mas tinha outros assuntos a tratar naquela noite se queria ter esperança de lutar.

Não precisava de estudar o seu reflexo na água para saber que não se parecia muito com um cavaleiro, por isso pôs o escudo de Sor Arlan às costas para exhibir o símbolo. Prendendo os cavalos, Dunk deixou-os a aparar a densa erva verde que crescia por baixo do ulmeiro e dirigiu-se a pé para o terreno do torneio.

* * *

Em tempos normais, o prado servia de pastagem comunitária para o povo da vila de Vaufreixo do outro lado do rio, mas agora estava transformado. Uma segunda vila nascera do dia para a noite, uma vila de seda em vez de pedra, maior e mais bonita do que a irmã mais velha. Dúzias de mercadores tinham erigido as suas bancadas ao longo do limite do campo, vendendo feltros e frutas, cintos e botas, peles e falcões, louça de barro e cerâmica, pedras preciosas, utensílios de peltre, especiarias, penas e todos os tipos de outros bens. Malabaristas, bonecreiros e mágicos vagueavam pela multidão a exercitar as suas artes... e o mesmo faziam as rameiras e os carteiristas. Dunk manteve uma mão cautelosa a proteger as moedas.

Quando captou o cheiro a salsichas a chiar por cima duma fogueira fumarenta, ficou com a boca cheia de água. Comprou uma com um cobre tirado da bolsa, e um corno de cerveja para a empurrar para baixo. Enquanto comia, viu um cavaleiro de madeira pintada a batalhar com um dragão de madeira pintada. E a bonecreira que manejava o dragão também era agradável à vista; muito alta, com a pele cor de azeitona e o cabelo preto de Dorne. Era esguia como uma lança, sem seios dignos de menção; mas Dunk gostou do rosto e do modo como os seus dedos faziam o dragão morder e deslizar na ponta dos cordéis. Teria atirado um cobre à rapariga se se pudesse dar a esse luxo, mas naquele momento precisava de cada uma das suas moedas.

Havia armeiros entre os mercadores, como Dunk esperara que houvesse. Um tyroshi com uma barba azul bifurcada estava a vender elmos ornamentados, maravilhosas coisas fantásticas esculpidas em forma de aves e feras, com embutidos de ouro e prata. Noutro local, encontrou um fabricante de espadas que apreçoava lâminas baratas de aço, e outro cujo

trabalho era de muito melhor qualidade, mas o que lhe fazia falta não era uma espada.

O homem de que precisava estava mesmo ao fundo da fileira, com um lorigão de boa cota de malha e um par de manoplas articuladas de aço em exibição na mesa à sua frente. Dunk inspecionou os artigos com atenção.

— Fazes bom trabalho — disse.

— Não há melhor. — Atarracado, o ferreiro não tinha mais de metro e meio de altura, mas era tão largo como Dunk no peito e nos braços. Tinha uma barba negra, umas mãos enormes e nenhum vestígio de humildade.

— Preciso de armadura para o torneio — disse-lhe Dunk. — Boa cota de malha com gorjal, grevas e elmo completo. — A cabeça cabia-lhe no meio-elmo do velho, mas Dunk precisava de mais proteção para a cara do que a que uma simples proteção nasal podia fornecer.

O armeiro olhou-o de cima a baixo.

— Sois um dos grandes, mas já armei maiores. — Saiu de trás da mesa. — Ajoelhai, quero medir esses ombros. Sim, e esse vosso grosso pescoço. — Dunk ajoelhou. O armeiro esticou-lhe um bocado de couro cru cheio de nós ao longo dos ombros, soltou um grunhido, enrolou-lho em volta da garganta, voltou a grunhir. — Levantai o braço. Não, o direito. — Grunhiu pela terceira vez. — Agora podeis levantar-vos. — A parte de dentro duma perna, a largura da barriga da perna, e o tamanho da cintura causaram mais grunhidos. — Tenho umas peças na carroça que podem servir-vos — disse o homem quando terminou. — Nada alindado com ouro ou prata, notai, só bom aço, forte e simples. Faço elmos que se parecem com elmos, não porcos alados ou frutas estrangeiras esquisitas, mas os meus hão de servir-vos melhor se apanhardes com uma lança na cara.

— É isso mesmo que quero — disse Dunk. — Quanto é?

— Oitocentos veados, porque me estou a sentir bondoso.

— *Oitocentos?* — Era mais do que ele esperara. — Eu... podia trocar uma armadura velha, feita para um homem mais pequeno... um meio-elmo, um lorigão de cota de malha.

— O Pate de Aço só vende o seu próprio trabalho — declarou o ho-

mem — mas pode ser que o metal me interesse. Se não estiver demasiado ferrugento, aceito-o e armo-vos por seiscentos veados.

Dunk podia implorar a Pate que lhe desse a armadura à confiança, mas sabia que tipo de resposta era provável que esse pedido obtivesse. Viajara com o velho durante tempo suficiente para ficar a saber que os mercadores eram notoriamente desconfiados com os cavaleiros andantes, alguns dos quais pouco melhores eram do que assaltantes. — Dou-vos agora duas pratas, e a armadura e o resto do dinheiro amanhã.

O armeiro estudou-o por um momento.

— Duas moedas de prata comprem-vos um dia. Depois disso, vendo o meu trabalho ao próximo freguês.

Dunk tirou os veados do bolso e pô-los na mão calosa do armeiro.

— Recebereis tudo. Pretendo ser aqui um campeão.

— Ah sim? — Pate mordeu uma das moedas. — E os outros, suponho que vieram só para vos aplaudir?

* * *

A Lua ia bem alta quando virou os passos na direção do seu ulmeiro. Atrás dele, o Campo de Vaufreixo era um clarão de archotes. Os sons de canções e risos pairavam por cima da relva, mas o humor de Dunk estava sombrio. Só conseguia imaginar uma maneira de arranjar dinheiro para a armadura. E se fosse derrotado...

— Só preciso duma vitória — murmurou. — Não é esperança em demasia.

Mesmo assim, o velho nunca teria nutrido tal esperança. Sor Arlan não participara em qualquer justa desde o dia em que fora derrubado pelo Príncipe de Pedra do Dragão num torneio em Ponta Tempestade muitos anos antes. “Não são todos os homens que se podem gabar de ter partido sete lanças contra o melhor cavaleiro dos Sete Reinos,” dizia. “Nunca poderei esperar fazer melhor, por isso para quê tentar?”

Dunk suspeitava que a idade de Sor Arlan tinha mais a ver com isso do que o Príncipe de Pedra do Dragão, mas nunca se atrevera a dizê-lo. O velho tinha o seu orgulho, mesmo no fim. *Eu sou rápido e forte, ele sempre*

o disse, o que era verdade para ele não tem de ser verdade para mim, disse a si próprio, obstinado.

Estava a atravessar uma extensão de ervas altas, a revirar as suas hipóteses na cabeça, quando viu o tremeluzir do fogo através dos arbustos. *Que é isto?* Dunk não parou para pensar. De súbito, tinha a espada na mão e arremetia por entre as ervas.

Saltou do meio delas a rugir e a praguejar, apenas para se imobilizar de repente ao ver o rapaz ao lado da fogueira.

— Tu! — Baixou a espada. — Que estás tu a fazer aqui?

— Estou a cozinhar um peixe — disse o rapaz sem cabelo. — Quereis um pouco?

— O que eu queria dizer é: como foi que *chegaste* aqui? Roubaste um cavalo?

— Vim numa carroça, com um homem que trazia carneiros para o castelo, para a mesa do senhor de Vaufreixo.

— Bom, então é melhor ires ver se ele já se foi embora, ou arranjares outra carroça. Não te quero aqui.

— Não me podeis obrigar a ir — disse o rapaz, impertinente. — Fartei-me daquela estalagem.

— Não quero mais insolências vindas de ti — avisou Dunk. — Devia atirar-te agora mesmo para cima do cavalo e levar-te para casa.

— Teríeis de viajar até Porto Real — disse o rapaz. — Perderíeis o torneio.

Porto Real. Por um momento, Dunk perguntou a si próprio se estariam a trocar dele, mas o rapaz não tinha maneira de saber que ele nascera também em Porto Real. *Outro desgraçado do Fundo das Pulgas, é o mais certo, e quem pode censurá-lo por querer sair daquele lugar?*

Sentiu-se um tolo por estar ali em pé de espada na mão por causa de um órfão de oito anos. Embainhou-a, fitando o rapaz com olhos furiosos, para que ele soubesse que não toleraria disparates. *Devia dar-lhe pelo menos uma boa sova,* pensou, mas o miúdo tinha um ar tão digno de dó que não conseguiu convencer-se a bater-lhe. Deitou uma olhadela ao acampamento. A fogueira ardia alegremente no interior dum círculo de pedras bem feito. Os cavalos tinham sido escovados, e havia roupa pendurada do ulmeiro, a secar por cima das chamas.

— Que está aquilo a fazer ali?

— Lavei-as — disse o rapaz. — E tratei dos cavalos, fiz a fogueira, e apanhei este peixe. Teria montado o vosso pavilhão mas não encontrei nenhum.

— O meu pavilhão está ali. — Dunk fez um gesto largo com a mão por cima da cabeça, indicando os ramos do grande ulmeiro que se erguia por cima deles.

— Isso é uma árvore — disse o rapaz, nada impressionado.

— É todo o pavilhão de que um verdadeiro cavaleiro precisa. Prefiro dormir sob as estrelas do que numa tenda fumarenta qualquer.

— E se chover?

— A árvore abriga-me.

— As árvores deixam passar água.

Dunk soltou uma gargalhada.

— É verdade. Bem, em boa verdade, falta-me o dinheiro para um pavilhão. E é melhor virares esse peixe, senão vai ficar queimado por baixo e cru na parte de cima. Nunca darias um ajudante de cozinha.

— Dava se quisesse — disse o rapaz, mas virou o peixe.

— Que te aconteceu ao cabelo? — perguntou-lhe Dunk.

— Os mestres raparam-no. — De súbito constrangido, o rapaz puxou para cima o capuz do seu manto castanho-escuro, cobrindo a cabeça.

Dunk ouvira dizer que às vezes faziam isso, para tratar piolhos, vermes ou certas doenças.

— Estás doente?

— Não — disse o rapaz. — Qual é o vosso nome?

— Dunk — disse ele.

O desgraçado do rapaz soltou uma gargalhada sonora, como se aquela fosse a coisa mais engraçada que já tinha ouvido.

— *Dunk?* — disse. — Sor Dunk? Isso não é nome para um cavaleiro. É diminutivo de Duncan?

Seria? O velho chamava-lhe simplesmente Dunk desde que se lembrava, e não se lembrava de muito da sua vida anterior.

— Sim, Duncan — disse. — Sor Duncan de... — Dunk não tinha outro nome, nem uma casa; Sor Arlan encontrara-o a viver como um animal selvagem nos lupanares e vielas do Fundo das Pulgas. Nunca

conhecera nem o pai nem a mãe. O que haveria de dizer? “Sor Duncan do Fundo das Pulgas” não soava muito cavaleiresco. Podia adotar Pataqueira, mas e se lhe perguntassem onde ficava? Dunk nunca estivera em Pataqueira, e o velho tampouco falara muito do sítio. Franziu o sobrolho por um momento, e depois disse precipitadamente: — Sor Duncan, o Alto. — Ele *era* alto, ninguém podia pôr isso em causa, e o nome soava poderoso.

O patifório, contudo, não pareceu ser da mesma opinião.

— Nunca ouvi falar de nenhum Sor Duncan, o Alto.

— Quer dizer que conheces todos os cavaleiros dos Sete Reinos?

O rapaz fitou-o com ousadia.

— Conheço os bons.

— Eu sou tão bom como qualquer outro. Depois do torneio, todos ficarão a saber disso. Tens nome, ladrão?

O rapaz hesitou.

— Egg — disse.

Dunk não se riu. *A cabeça dele realmente parece um ovo*¹. *Os rapazi-nhos podem ser cruéis, e os adultos também.*

— Egg — disse. — Devia dar-te uma surra valente e pôr-te a andar, mas a verdade é que não tenho pavilhão e também não tenho escudeiro. Se jurares que fazes o que eu te disser, deixo-te servir-me durante o torneio. Depois disso, bem, veremos. Se decidir que vale a pena ficar contigo, terás roupa para vestir e comida para comer. A roupa pode ser de tecido grosseiro e a comida é carne salgada e peixe salgado, e se calhar alguma carne de veado de vez em quando se não houver guardas florestais por perto, mas não passarás fome. E prometo não te bater exceto quando o mereceres.

Egg sorriu.

— Sim, senhor.

— Sor — corrigiu Dunk. — Eu sou só um cavaleiro andante. — Perguntou a si próprio se o velho estaria a velar por ele. *Ensinar-lhe-ei as artes da batalha, tal como me ensinastes, sor. Ele parece ser um moço capaz, pode ser que um dia dê um cavaleiro.*

O peixe ainda estava um pouco cru por dentro quando o comeram, e

¹ Trocadilho, em inglês, com o nome da personagem “Egg”, ou seja, “ovo”. (N. do T.)

o rapaz não tinha tirado todas as espinhas, mas mesmo assim sabia muitíssimo melhor do que carne dura e salgada.

Egg depressa adormeceu ao lado da fogueira que esmorecia. Dunk deitou-se de costas perto dele, com as grandes mãos atrás da cabeça, a fitar o céu noturno. Conseguia ouvir música distante vinda do terreno do torneio, a quase um quilómetro de distância. Havia estrelas por todo o lado, milhares e milhares de estrelas. Uma caiu enquanto ele estava a observar, um brilhante risco verde que relampejou nas trevas e depois desapareceu.

Uma estrela cadente traz sorte àquele que a vê, pensou Dunk. Mas os outros estão agora todos nos seus pavilhões a olhar para seda em vez de céu. Portanto a sorte é só minha.

* * *

De manhã, acordou ao som dum galo a cantar. Egg ainda lá estava, enrolado debaixo do segundo melhor manto do velho. *Bem, o rapaz não fugiu durante a noite, é um começo.* Acordou-o empurrando-o com o pé.

— A pé. Há trabalho a fazer. — O rapaz levantou-se com bastante rapidez, esfregando os olhos. — Ajuda-me a selar *Passo-Suave* — disse-lhe Dunk.

— Então e o pequeno-almoço?

— Há carne salgada. *Depois* de acabarmos.

— Preferia comer o cavalo — disse Egg. — Sor.

— Vais comer o meu punho se não fizeres o que te disser. Vai buscar as escovas. Estão no alforge. Sim, nesse.

Juntos, escovaram a pelagem castanha-avermelhada do palafrem, içaram a melhor sela de Sor Arlan para o seu dorso, e cingiram-na bem. Dunk viu que Egg era um bom trabalhador quando se decidia a isso.

— Conto andar por longe durante a maior parte do dia — disse ao rapaz enquanto montava. — Tu deverás ficar aqui e pôr o acampamento em ordem. Certifica-te de que nenhum *outro* ladrão vem cá meter o nariz.

— Posso ficar com uma espada para correr com eles? — perguntou Egg. Dunk viu que o rapaz tinha olhos azuis, muito escuros, quase

purpúreos. De algum modo, a cabeça calva fazia com que parecessem enormes.

— Não — disse Dunk. — Uma faca basta. E é melhor que estejas aqui quando voltar, estás a ouvir-me? Rouba-me e foge, que eu te dou caça, juro que dou. Com cães.

— Não tendes cão nenhum — fez Egg notar.

— Arranjo alguns — disse Dunk. — Só para ti. — Virou a cabeça de *Passo-Suave* para o prado e afastou-se a um trote vivo, esperando que a ameaça fosse suficiente para manter o rapaz honesto. À exceção da roupa que trazia vestida, da armadura que levava no saco e do cavalo que tinha por baixo, tudo o que Dunk possuía no mundo estava naquele acampamento. *Sou um grande palerma por ter confiado no rapaz até aqui, mas isso não é mais do que o que o velho fez por mim*, refletiu. *A Mãe deve ter-me enviado para que possa pagar a minha dívida.*

Quando atravessou o campo, ouviu o retinir de martelos vindo da margem do rio, onde carpinteiros estavam a enfiar pregos em barreiras para justas e a construir uma bancada elevada. Alguns pavilhões novos também se estavam a erguer, enquanto os cavaleiros que tinham chegado mais cedo recuperavam, dormindo das pândegas da noite anterior, ou se sentavam para quebrar os jejuns. Dunk sentia o cheiro do fumo de lenha e também de bacon.

A norte do prado fluía o rio Ameijoeiro, afluente do poderoso Vago. Depois do estreito vau ficava a vila e o castelo. Dunk vira muitas vilas francas durante as suas viagens com o velho. Aquela era mais bonita do que a maioria; as casas caiadas com os seus telhados de colmo tinham um aspeto convidativo. Quando era mais pequeno, costumava perguntar a si próprio como seria viver num lugar assim; dormir todas as noites com um telhado por cima da cabeça, e acordar todas as manhãs com as mesmas paredes enroladas à nossa volta. *Pode ser que saiba em breve. Sim, e o Egg também. Podia acontecer. Acontecem coisas mais estranhas todos os dias.*

O Castelo de Vaufreixo era uma estrutura de pedra construída em forma de triângulo, com torres redondas a erguerem-se a uma altura de nove metros em cada ponta e muralhas ameadas a correr entre elas. Estandartes cor de laranja esvoaçavam das ameias, ostentando o símbolo

branco do sol e asna do seu senhor. Homens de armas em uniformes brancos e cor de laranja estavam ao portão com alabardas, observando as pessoas que iam e vinham, parecendo mais concentrados em trocar gracejos com uma leiteira bonita do que em impedir a entrada fosse de quem fosse. Dunk puxou as rédeas ao cavalo à frente do homem baixo e barbudo que tomou pelo capitão e interrogou-o a respeito do mestre dos jogos.

— Quem procurais é Plummer, o intendente de cá. Eu levo-vos lá.

No pátio, um moço de estrebaria ficou-lhe com *Passo-Suave*. Dunk pôs ao ombro o escudo riscado de Sor Arlan e seguiu o capitão da guarda pelas traseiras dos estábulos até um torreão construído num ângulo da muralha exterior. Íngremes degraus de pedra levavam ao adarve.

— Vindes inscrever o nome do vosso amo na liça? — perguntou o capitão enquanto subiam.

— É o meu próprio nome que venho inscrever.

— Ah sim?

Estaria o homem com um sorrisinho no rosto? Dunk não tinha a certeza.

— É aquela porta ali. Deixo-vos com os vossos afazeres e vou voltar para o meu posto.

Quando Dunk abriu a porta, o intendente estava sentado a uma mesa de montar, a esgravatar com uma pena num bocado de pergaminho. Tinha um cabelo grisalho que se ia tornando ralo e uma cara estreita e encovada.

— Sim? — disse, olhando para cima. — Que quereis, homem?

Dunk fechou a porta.

— Sois Plummer, o intendente? Vim para o torneio. Para entrar na liça.

Plummer contraiu os lábios.

— O torneio do meu senhor é uma competição para cavaleiros. Sois um cavaleiro?

Dunk anuiu, perguntando a si próprio se teria as orelhas vermelhas.

— Um cavaleiro com um nome, talvez?

— Dunk. — Porque dissera *aquilo*? — Sor Duncan. O Alto.

— E de onde podereis ser, Sor Duncan, o Alto?

— De toda a parte. Fui escudeiro de Sor Arlan de Pataqueira desde os meus cinco ou seis anos. Este escudo é dele. — Mostrou-o ao intendente. — Ele vinha para o torneio, mas apanhou um resfriado e morreu, portanto vim eu no seu lugar. Ele armou-me cavaleiro antes de falecer, com a própria espada. — Dunk desembainhou a espada e pousou-a na gasta mesa de madeira entre os dois.

O mestre da liça não deitou à arma mais do que um relance.

— É uma espada, com certeza. No entanto, nunca ouvi falar desse Arlan de Pataqueira. Dizeis que fostes seu escudeiro?

— Ele sempre disse que queria que eu fosse cavaleiro, como ele era. Quando estava a morrer, pediu a espada e disse-me para ajoelhar. Tocou-me uma vez no ombro direito e uma vez no esquerdo e disse algumas palavras, e quando me levantei disse que eu era um cavaleiro.

— Humpf. — O homem chamado Plummer esfregou o nariz. — Qualquer cavaleiro pode armar um cavaleiro, é verdade, embora seja mais costumeiro fazer-se uma vigília e ser-se ungido por um septão antes de prestar juramento. Houve alguma testemunha da vossa cerimónia?

— Só um pisco, em cima dum espinheiro. Ouvi-o enquanto o velho estava a dizer as palavras. Ele encarregou-me de ser um bom e verdadeiro cavaleiro, de obedecer aos sete deuses, de defender os fracos e os inocentes, de servir fielmente o meu senhor e de proteger o reino com todas as minhas forças, e eu jurei que o faria.

— Sem dúvida. — Dunk não conseguiu evitar reparar que Plummer não se dignava a chamar-lhe *sor*. — Terei de consultar o Lorde Ashford. Sereis vós ou o vosso falecido amo conhecidos de algum dos bons cavaleiros aqui reunidos?

Dunk pensou por um momento.

— Havia um pavilhão que mostrava a bandeira da Casa Dondarion? A preta com um relâmpago púrpura?

— Esse há de ser Sor Manfred, dessa Casa.

— Sor Arlan serviu o senhor seu pai em Dorne, há três anos. Sor Manfred talvez se lembre de mim.

— Aconselhar-vos-ia a falar com ele. Se ele quiser atestar a vossa identidade, trazei-o cá convosco amanhã, a esta hora.

— Como quiserdes, s'nhor. — E dirigiu-se para a porta.

— Sor Duncan — chamou-o o intendente.

Dunk virou-se para o homem.

— Estais ciente — disse este — de que aqueles que são vencidos em torneio perdem as armas, armadura e cavalo para os vencedores, e terão de os resgatar de volta?

— Eu sei.

— E tendes dinheiro para pagar um tal resgate?

Agora *sabia* que tinha as orelhas vermelhas.

— Não terei necessidade de dinheiro — disse, rezando para que fosse verdade. *Só preciso duma vitória. Se vencer a primeira luta, ficarei com a armadura e o cavalo do perdedor, ou com o seu ouro, e poderei aguentar uma derrota.*

Desceu lentamente a escada, relutante em levar a cabo aquilo que tinha de fazer de seguida. No pátio, agarrou pelo colarinho um dos moços de estrebaria.

— Tenho de falar com o mestre das cavaliças do Lorde Ashford.

— Eu vou buscá-lo.

Os estábulos estavam frescos e sombrios. Um garanhão cinzento e rebelde tentou mordê-lo quando passou por ele, mas *Passo-Suave* limitou-se a relinchar baixinho e a bater-lhe com o focinho na mão quando lha levou à cabeça.

— És uma boa menina, não és? — murmurou. O velho sempre dissera que um cavaleiro nunca devia amar um cavalo, pois era provável que mais do que um punhado acabasse por morrer sob a sua sela, mas nunca dera ouvidos aos seus próprios conselhos. Dunk vira-o muitas vezes gastar as últimas moedas numa maçã para o velho *Castanha* ou um pouco de aveia para *Passo-Suave* e *Trovão*. O palafrém fora a égua de montar de Sor Arlan, e transportara-o incansavelmente ao longo de milhares de milhas, para cima e para baixo, por todos os Sete Reinos. Dunk sentia-se como se estivesse a trair uma velha amiga, mas que alternativa tinha? *Castanha* era velho de mais para ter algum valor, e *Trovão* tinha de o transportar na liça.

Passou-se algum tempo antes que o mestre das cavaliças se dignasse a aparecer. Enquanto esperava, Dunk ouviu uma fanfarrinha de trombetas proveniente das muralhas, e uma voz no pátio. Curioso, levou *Passo-Suave* até à porta do estábulo para ver o que estava a acontecer. Um grande

grupo de cavaleiros e arqueiros a cavalo jorrou pelo portão, pelo menos cem homens, a montar alguns dos cavalos mais magníficos que Dunk vira na vida. *Algum grande senhor chegou.* Agarrou no braço dum moço de estrebaria que lhe passou a correr por perto.

— Quem são eles?

O rapaz fitou-o com um ar estranho.

— Não vedes os estandartes? — Libertou-se com um puxão e afastou-se apressado.

Os estandartes... Quando Dunk virou a cabeça, uma rajada de vento ergueu a flâmula de seda negra no topo do grande mastro, e o feroz dragão de três cabeças da Casa Targaryen pareceu estender as asas, soprando fogo escarlate. O porta-bandeiras era um cavaleiro alto numa armadura de escamas brancas com embutidos de ouro, com um manto de um branco puro a jorrar dos ombros. Dois dos outros cavaleiros também vinham armados de branco dos pés à cabeça. *Cavaleiros da Guarda Real com o estandarte real.* Não admirava que o Lorde Ashford e os filhos saíssem a correr pelas portas da torre, e a bela donzela também, uma rapariga baixa de cabelo louro e uma cara redonda e rosada. *Ela não me parece lá muito bela,* pensou Dunk. A bonecreira era mais bonita.

— Rapaz, larga essa pileca e trata do meu cavalo.

Um cavaleiro desmontara em frente dos estábulos. *Ele está a falar comigo,* compreendeu Dunk.

— Não sou um moço de estrebaria, s'nhor.

— Não tens esperteza que chegue? — Quem falou usava um manto negro debruado de cetim escarlate, mas por baixo tinha um traje brilhante como chamas, todo em vermelhos, amarelos e dourados. Magro e direito como uma adaga, embora apenas de altura mediana, tinha uma idade próxima da de Dunk. Caracóis de um cabelo louro-prateado enquadravam um rosto esculpido e imperioso; uma testa alta, malares pronunciados, nariz direito, pele clara e lisa sem mácula. Os olhos eram de uma profunda cor violeta. — Se não és capaz de lidar com um cavalo, vai-me buscar vinho e uma moçoila bonita.

— Eu... s'nhor, perdão, também não sou um criado. Tenho a honra de ser um cavaleiro.

— A cavalaria entrou em dias tristes — disse o principelho, mas então

um dos moços de estrebaria apareceu a correr, e o nobre virou-se para lhe entregar as rédeas do seu palafrém, um magnífico baio puro-sangue. Dunk foi esquecido num instante. Aliviado, voltou a enfiar-se nos estábulos para esperar o mestre das cavalaria. Já se sentia pouco à vontade entre os senhores nos seus pavilhões, não tinha nada que falar com príncipes.

De que o belo jovem era um príncipe não tinha qualquer dúvida. Os Targaryen eram do sangue da velha Valéria do outro lado do mar, e o cabelo louro-prateado e olhos violeta distinguiam-nos dos homens comuns. Dunk sabia que o Príncipe Baelor era o mais velho, mas o jovem podia perfeitamente ter sido um dos seus filhos: Valarr, a quem chamavam frequentemente “Jovem Príncipe” para o distinguir do pai, ou Matarys, o “Príncipe Ainda Mais Jovem”, como o bobo do velho Lorde Swann lhe chamara uma vez. Havia também outros principelhos, primos de Valarr e Matarys. O bom Rei Daeron tinha quatro filhos adultos, três dos quais tinham filhos seus. A linhagem dos reis do dragão quase se extinguiu durante a época do pai dele, mas dizia-se entre o povo que Daeron II e os filhos a tinham assegurado para sempre.

— Vós. Homem. Perguntastes por mim. — O mestre das cavalaria do Lorde Ashford possuía um rosto vermelho tornado ainda mais vermelho pela libré cor de laranja, e uma forma brusca de falar. — Que é? Não tenho tempo para...

— Quero vender este palafrém — interrompeu Dunk apressadamente, antes de o homem ter tempo para o mandar embora. — É uma boa égua, de patas seguras...

— Não tenho tempo, já vos disse. — O homem não deitou mais de um relance a *Passo-Suave*. — O senhor de Vaufreixo não tem necessidade de animais destes. Levai-a para a vila, talvez o Henly vos dê uma ou duas pratas. — E com igual rapidez, começou a virar-lhe costas.

— Obrigado, s'nhor — disse Dunk antes de ele ter oportunidade de se ir embora. — S'nhor, o rei veio?

O mestre das cavalaria riu-se para ele.

— Não, graças aos deuses. Esta infestação de príncipes já é provação suficiente. Onde vou eu encontrar cocheiras para todos estes animais? E forragem? — E foi-se embora a passos largos, gritando aos moços de estrebaria.

Quando Dunk abandonou o estábulo, o Lorde Ashord tinha já escoltado os seus principescos hóspedes para dentro do salão, mas dois dos cavaleiros da Guarda Real com as suas armaduras brancas e mantos de neve ainda permaneciam no pátio, conversando com o capitão da guarda. Dunk parou na frente deles.

— S'nhores, sou Sor Duncan, o Alto.

— Prazer em conhecer-vos, Sor Duncan — respondeu o maior dos cavaleiros brancos. — Sou Sor Roland Crakehall, e este é o meu Irmão Ajuramentado, Sor Donnel de Valdocaso.

Os sete campeões da Guarda Real eram os mais poderosos guerreiros de todos os Sete Reinos, com a única exceção, talvez, do príncipe herdeiro, o próprio Baelor Quebra-Lanças.

— Viestes para entrar na liça? — perguntou Dunk com ansiedade.

— Não seria próprio que lutássemos contra aqueles que jurámos proteger — respondeu Sor Donnel, ruivo de cabelo e barba.

— O Príncipe Valarr tem a honra de ser um dos campeões da Senhora Ashford — explicou Sor Roland — e dois dos seus primos pretendem desafiar. O resto de nós veio só ver.

Aliviado, Dunk agradeceu aos cavaleiros brancos pela sua gentileza, e saiu pelos portões do castelo antes que outro príncipe pensasse em abordá-lo. *Três príncipes*, refletiu enquanto virava o palafrém na direção das ruas da vila de Vaufreixo. Valarr era o filho mais velho do Príncipe Baelor, segundo na linha de sucessão ao Trono de Ferro, mas Dunk não sabia quanta da fabulosa perícia do pai com a lança e a espada poderia ter herdado. Sobre os outros príncipes Targaryen sabia ainda menos. *Que farei eu se tiver de lutar contra um príncipe? Ser-me-á permitido desafiar alguém de nascimento tão elevado?* Não sabia a resposta. O velho dissera frequentemente que ele tinha uma cabeça tão dura como a muralha dum castelo, e naquele momento sentia que era verdade.

Henly gostou bastante do aspeto de *Passo-Suave* até ouvir dizer que Dunk queria vendê-la. A partir daí, tudo o que o cavaliço conseguiu ver nela foram defeitos. Ofereceu trezentas moedas de prata. Dunk dizia que tinha de obter três mil. Após muita discussão e pragas, chegaram a acordo em setecentos e cinquenta veados de prata. Isso era bastante mais perto do preço inicial de Henly do que do de Dunk, o que o deixou a sentir-se

derrotado no embate, mas o cavaliço recusou-se a subir mais, de modo que por fim não teve alternativa que não fosse ceder. Uma segunda discussão começou quando Dunk declarou que o preço não incluía a sela, e Henly insistiu o contrário.

Por fim, ficou tudo assente. Enquanto Henly se afastava para ir buscar o dinheiro, Dunk afagou a crina de *Passo-Suave* e disse-lhe para ter coragem.

— Se eu ganhar, volto cá e compro-te outra vez, prometo. — Não tinha qualquer dúvida de que todos os defeitos do palafrém teriam desaparecido nos dias que decorreriam até lá, e que ela valeria o dobro do que valera hoje.

O cavaliço deu-lhe três peças de ouro e o resto em prata. Dunk mordeu uma das moedas de ouro e sorriu. Nunca antes saboreara ouro, e tampouco o manuseara. Os homens chamavam “dragões” às moedas, visto que eram estampadas de um dos lados com o dragão de três cabeças da Casa Targaryen. O outro trazia o retrato do rei. Duas das moedas que Henly lhe deu tinham a cara do Rei Daeron; a terceira era mais antiga, bem gasta, e mostrava um homem diferente. O seu nome encontrava-se lá escrito, por baixo da cabeça, mas Dunk não sabia ler as letras. Viu também que algum ouro fora raspado da borda. Fez notar isso a Henly, e em voz alta. O cavaliço resmungou, mas entregou-lhe mais algumas pratas e uma mancheia de cobses para compensar o peso. Dunk entregou-lhe de volta alguns dos cobses e indicou *Passo-Suave* com a cabeça.

— Isso é para ela — disse. — Trata de que tenha um pouco de aveia esta noite. Sim, e também uma maçã.

Com o escudo preso ao braço e o saco da velha armadura posto ao ombro, Dunk avançou a pé pelas ruas ensolaradas da vila de Vaufreixo. O peso de todas as moedas que tinha na bolsa fazia-o sentir-se estranho; por um lado quase tonto de alegria, e por outro ansioso. O velho nunca lhe confiara mais de uma moeda ou duas de cada vez. Podia viver durante um ano com todo aquele dinheiro. *E o que farei quando se acabar? Vendo o Trovão? Aquele caminho levava-o a acabar como mendigo ou fora da lei. Esta oportunidade nunca mais regressará. Tenho de arriscar tudo.*

Quando voltou a chapinhar pelo vau, de regresso à margem sul do Amejoeiro, a manhã estava quase terminada e o terreno do torneio tinha

de novo regressado à vida. Os vendedores de vinho e fabricantes de salsichas estavam a fazer um negócio animado, um urso dançarino movia-se ao som da música do dono enquanto um cantor cantava “O Urso, o Urso, e a Bela Donzela,” malabaristas faziam malabarismos, e os bonecreiros estavam mesmo a terminar outro combate.

Dunk parou para ver o dragão de madeira a ser morto. Quando o boneco do cavaleiro cortou a cabeça do animal e a serradura vermelha se derramou sobre a erva, riu-se alto e atirou à rapariga dois cobres.

— Um pela noite passada — gritou. Ela apanhou as moedas no ar e atirou-lhe de volta o mais doce sorriso que já vira.

É a mim que ela sorri, ou às minhas moedas? Dunk nunca estivera com uma rapariga, e elas deixavam-no nervoso. Uma vez, três anos antes, quando a bolsa do velho estivera cheia após meio ano ao serviço do cego Lorde Florent, dissera a Dunk que chegara a altura de o levar a um bordel e fazer dele um homem. Mas estivera bêbado e, quando ficara sóbrio, não se lembrava. Dunk ficara demasiado embaraçado para lho lembrar. Fosse como fosse, não tinha a certeza de querer uma rameira. Se não pudesse ter uma donzela bem-nascida como um cavaleiro a sério, queria uma que pelo menos gostasse mais dele do que da sua prata.

— Quereis ir tomar um corno de cerveja? — perguntou à bonecreira enquanto ela empurrava o sangue de serradura para dentro do dragão. — Comigo, quero eu dizer. Ou uma salsicha? Comi uma salsicha ontem à noite e estava boa. São feitas de porco, parece-me.

— Agradeço-vos, s’nhor, mas temos outro espetáculo. — A rapariga levantou-se, e correu para junto da feroz e gorda dornesa que manejava o cavaleiro fantoche enquanto Dunk ali ficava a sentir-se estúpido. Mas gostou do modo como ela corria. *Uma rapariga bonita, e alta. Não teria de me ajoelhar para beijar aquela.* Sabia como se beijava. Uma taberneira mostrara-lho uma noite em Lanisporto, um ano antes, mas era tão baixa que tivera de se sentar na mesa para chegar aos seus lábios. A recordação fez-lhe arder as orelhas. Que grande palerma era. Devia estar a pensar nas justas, não em beijos.

Os carpinteiros do Lorde Ashford estavam a cair as barreiras de madeira que lhes davam pelo peito e serviriam para separar os adversários. Dunk observou o seu trabalho por algum tempo. Havia cinco

pistas, dispostas de norte para sul, por forma a que nenhum dos competidores cavalgasse com o sol nos olhos. Uma bancada com três níveis fora erguida do lado oriental do campo, com uma coberta cor de laranja para proteger os senhores e as senhoras da chuva e do sol. A maioria sentar-se-ia em bancos, mas quatro cadeirões de espaldar alto tinham sido postos no centro da plataforma, para o Lorde Ashford, a bela donzela, e os príncipes visitantes.

Na borda oriental do prado, fora erguido um estafermo e uma dúzia de cavaleiros arremetia contra ele, pondo-lhe o braço a girar de todas as vezes que atingiam o maltratado escudo suspenso de uma das pontas. Dunk viu o Bruto de Bracken tomar a sua vez, e de seguida o Lorde Caron da Marca. *Não monto tão bem como nenhum deles*, pensou, preocupado.

Noutros locais, homens treinavam a pé, atirando-se uns aos outros com espadas de madeira, enquanto os seus escudeiros gritavam conselhos irreverentes. Dunk viu um jovem atarracado a tentar resistir a um cavaleiro musculoso que parecia ágil e rápido como um gato de montanha. Ambos tinham a maçã vermelha dos Fossoway pintada nos escudos, mas o do homem mais novo foi rapidamente fendido e feito em bocados.

— Aqui está uma maçã que ainda não está madura — disse o mais velho enquanto batia no elmo do outro. O Fossoway mais novo estava magoado e ensanguentado quando se rendeu, mas o adversário quase nem ofegava. Este ergueu a viseira, olhou em volta, viu Dunk e disse: — Vós aí. Sim, vós, o grandalhão. Cavaleiro do cálice alado. Isso que trazeis é uma espada?

— É legitimamente minha — disse Dunk num tom defensivo. — Sou Sor Duncan, o Alto.

— E eu Sor Steffon Fossoway. Quereis testar-me, Sor Duncan, o Alto? Seria bom ter alguém novo com quem cruzar espadas. O meu primo ainda não está maduro, como haveis visto.

— Aceitai, Sor Duncan — instou o Fossoway derrotado enquanto tirava o elmo. — Eu posso não estar maduro, mas o meu bom primo está podre até ao caroço. Arrancai-lhe as sementes à pancada.

Dunk abanou a cabeça. Porque estavam aqueles fidalgos a envolvê-lo na sua disputa? Não queria participar nela.

— Agradeço-vos, sor, mas tenho assuntos a tratar. — Sentia-se des-

confortável a transportar tanto dinheiro. Quanto mais depressa pagasse ao Pate de Aço e obtivesse a armadura, mais contente ficaria.

Sor Steffon fitou-o com escárnio.

— O cavaleiro andante tem assuntos. — Olhou em volta e encontrou outro potencial oponente a demorar-se por perto. — Sor Grance, prazer em ver-vos. Vinde experimentar-me. Conheço todos os fracos truques que o meu primo Raymun aprendeu, e parece que Sor Duncan precisa de voltar para as andanças. Vinde, vinde.

Dunk foi-se embora enrubescido. Ele próprio não possuía muitos truques, fracos ou não, e não queria que ninguém o visse lutar até ao torneio. O velho sempre dissera que quanto melhor se conhecesse o adversário, mais fácil seria derrotá-lo. Cavaleiros como Sor Steffon tinham olhos aguçados para descobrir com um relance as fraquezas de um homem. Dunk era forte e rápido, e tinha o peso e o alcance a seu favor, mas não acreditava nem por um momento que a sua perícia se comparasse à daqueles homens. Sor Arlan ensinara-o o melhor que pudera, mas o velho nunca fora o melhor dos cavaleiros mesmo quando jovem. Os grandes cavaleiros não viviam as suas vidas em andanças, nem morriam junto a uma estrada lamacenta. *Isso não acontecerá comigo*, jurou Dunk. *Hei de mostrar-lhes que posso ser mais do que um cavaleiro andante.*

— Sor Duncan. — O Fossoway mais novo apressava-se para o apanhar. — Eu não vos devia ter pedido que combatêsseis com o meu primo. Estava zangado com a sua arrogância, e vós sois tão grande que achei... bem, foi errado da minha parte. Não usais armadura. Ele ter-vos-ia partido a mão se conseguisse, ou um joelho. Gosta de espancar homens no terreno de treinos para que estejam magoados e vulneráveis mais tarde, no caso de os encontrar na liça.

— Ele não vos quebrou.

— Não, mas eu sou do seu sangue, embora o dele seja o ramo principal da macieira, como nunca para de me fazer lembrar. Sou Raymun Fossoway.

— Prazer em conhecer-vos. Vós e o vosso primo, ireis participar no torneio?

— Ele sim, com certeza. Quanto a mim, gostaria de poder. Sou só um escudeiro, por enquanto. O meu primo prometeu armar-me cavalei-

ro, mas insiste que ainda não estou maduro. — Raymun tinha uma cara quadrada, um nariz achatado e cabelo curto e lanudo, mas o seu sorriso era cativante. — Vós tendes o ar de um desafiador, parece-me. Pretendeis bater no escudo de quem?

— Não faz diferença — disse Dunk. Aquilo era o que se esperava que se dissesse, embora fizesse toda a diferença do mundo. — Só entrarei na liça ao terceiro dia.

— E por essa altura, alguns dos campeões terão caído, sim — disse Raymun. — Bem, que o Guerreiro vos sorria, sor.

— E a vós também. — *Se ele é só um escudeiro, que direito tenho eu de ser um cavaleiro? Um de nós é um tolo.* A prata na bolsa de Dunk tilintava a cada passo, mas ele podia perdê-la toda num piscar de olhos e sabia-o. Até as regras daquele torneio funcionavam a seu desfavor, fazendo com que fosse muito improvável enfrentar um oponente inexperiente ou débil.

Havia uma dúzia de formatos diferentes que um torneio podia seguir, de acordo com os caprichos do senhor que o organizava. Alguns eram batalhas simuladas entre equipas de cavaleiros, outros violentos combates corpo a corpo em que a glória seria alcançada pelo último combatente a manter-se em pé. Onde os combates individuais eram regra, os emparelhamentos eram por vezes determinados por sorteio, por vezes pelo mestre dos jogos.

O Lorde Ashford estava a organizar aquele torneio para celebrar o décimo terceiro dia do nome da filha. A bela donzela sentar-se-ia ao lado do pai como a Rainha reinante do Amor e da Beleza. Cinco campeões usando os seus favores iriam defendê-la. Todos os outros tinham por força de ser desafiadores, mas qualquer homem que conseguisse derrotar um dos campeões tomaria o seu lugar e tornar-se-ia ele próprio campeão, até ao momento em que outro desafiador o derrubasse. Ao fim dos três dias de justas, os cinco que resistissem determinariam se a bela donzela manteria a coroa do Amor e da Beleza, ou se outra a usaria no seu lugar.

Dunk fitou as pistas arrelvadas e as cadeiras vazias na bancada, e pesou as suas hipóteses. Uma vitória era tudo aquilo de que necessitava; depois podia intitular-se como um dos campeões do Campo de Vaufreixo, mesmo que apenas por uma hora. O velho vivera quase sessenta anos e nunca fora campeão. *Não é esperar demasiado, se os*

deuses forem bons. Recordou todas as canções que ouvira, canções sobre o cego Symeon Olhos de Estrela e sobre o nobre Serwyn do Escudo Espelhado, sobre o Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, sobre Sor Ryam Redwyne e sobre Florian, o Bobo. Todos tinham alcançado vitórias sobre adversários muito mais terríveis do que qualquer um dos que ele iria defrontar. *Mas eles foram grandes heróis, homens corajosos de nobre nascimento, exceto Florian. E eu sou o quê? Dunk do Fundo das Pulgas? Ou Sor Duncan, o Alto?*

Supunha que iria saber a verdade sobre isso bastante depressa. Ergueu a bolsa com as moedas e virou os pés na direção das bancadas dos mercadores, em busca do Pate de Aço.

* * *

Egg trabalhara valentemente no local do acampamento. Dunk ficou contente; tivera algum receio de que o seu escudeiro voltasse a fugir.

— Conquistastes um bom preço pelo palafrém? — perguntou o rapaz.

— Como soubeste que a vendi?

— Saístes a cavalo e voltastes a pé, e se tivésseis sido roubado por salteadores, estaríeis mais zangado do que estais.

— Consegui o suficiente para isto. — Dunk desembalhou a nova armadura, para a mostrar ao rapaz. — Se alguma vez chegares a cavaleiro, vais ter de saber distinguir o bom aço do mau. Olha para aqui, isto é bom trabalho. Esta é malha dupla, cada elo está ligado a outros dois, vês? Dá mais proteção do que a malha simples. E o elmo, o Pate arredondou a parte de cima, vês como curva? Uma espada ou um machado vão deslizar quando talvez penetrassem num elmo de topo plano. — Dunk enfiou o elmo na cabeça. — Que tal parece?

— Não há viseira — fez Egg notar.

— Há buracos para o ar. As viseiras são pontos de fraqueza. — Fora o que o Pate de Aço dissera. “Se soubésseis quantos cavaleiros apanharam com uma seta num olho enquanto erguiam a viseira para encher os pulmões de ar fresco, nunca iríeis querer uma,” dissera ele a Dunk.

— Também não há cimeira — disse Egg. — É só simples.

Dunk tirou o elmo.

— Simples é bom para alguém como eu. Vês como o aço é brilhante? Vai ser tarefa tua mantê-lo assim. Sabes como limpar a malha?

— Num barril de areia — disse o rapaz — mas não tendes um barril. Também comprastes um pavilhão, sor?

— Não consegui um preço assim tão bom. — *O rapaz é demasiado ousado para o seu próprio bem, devia acabar com isso à pancada.* Mas sabia que não o faria. Gostava da ousadia. Ele próprio precisava de ser mais ousado. *O meu escudeiro é mais corajoso do que eu, e também mais esperto.* — Fizeste aqui bom trabalho, Egg — disse-lhe Dunk. — Amanhã virás comigo. Dar uma olhadela ao terreno do torneio. Vamos comprar aveia para os cavalos e pão fresco para nós. Talvez também um bocado de queijo; estavam a vender bom queijo numa das bancadas.

— Não vou ter de ir ao castelo, vou?

— Porque não? Um dia, tenciono viver num castelo. Espero conquistar um lugar à cabeceira, antes de acabar.

O rapaz não disse nada. *Talvez tema entrar no salão dum senhor, refletiu Dunk. Não é mais do que o que se podia esperar. A seu tempo perderá o medo.* Regressou à admiração da sua armadura, e à curiosidade sobre quanto tempo a usaria.

* * *

Sor Manfred era um homem magro, com uma expressão amarga no rosto. Usava um sobretudo preto cortado com o relâmpago púrpura da Casa Dondarrion, mas Dunk ter-se-ia recordado dele na mesma pela sua rebelde juba de cabelo louro-arruivado.

— Sor Arlan serviu o senhor vosso pai quando ele e o Lorde Caron espantaram pelo fogo o Rei Abutre das Montanhas Vermelhas, sor — disse ele apoiado num joelho. — Eu era só um rapaz nessa altura, mas era seu escudeiro. Sor Arlan de Pataqueira.

Sor Manfred franziu o sobrolho.

— Não. Não o conheço. Nem a vós, rapaz.

Dunk mostrou-lhe o escudo do velho.

— Este era o seu símbolo, o cálice alado.

— O senhor meu pai levou oitocentos cavaleiros e quase quatro mil

homens a pé para as montanhas. Não se pode esperar que eu me lembre de todos eles e dos escudos que levavam. Pode ser que tenhais estado connosco, mas... — Sor Manfred encolheu os ombros.

Dunk foi deixado sem fala por um instante. *O velho foi ferido ao serviço do teu pai, como podes tê-lo esquecido?*

— Eles não querem deixar-me desafiar, a menos que algum cavaleiro ou senhor ateste a minha identidade.

— E que tenho eu com isso? — disse Sor Manfred. — Já vos dei quanto baste do meu tempo, sor.

Se regressasse ao castelo sem Sor Manfred, estava perdido. Dunk olhou para o relâmpago púrpura bordado na lã preta do sobretudo de Sor Manfred e disse:

— Lembro-me de o vosso pai contar ao acampamento como a vossa Casa obteve o seu símbolo. Numa noite tempestuosa, quando o primeiro da vossa linhagem atravessava a Marca de Dorne com uma mensagem, uma seta matou-lhe o cavalo entre as pernas e atirou-o ao chão. Dois dorneses saíram das trevas com cotas de malha e elmos com penachos. A espada tinha-se-lhe partido debaixo do corpo quando ele caíra. Quando viu isso, pensou que estava perdido. Mas quando os dorneses se aproximaram para o abater, um relâmpago estalou vindo do céu. Era de um púrpura brilhante e ardente, e dividiu-se, atingindo o aço dos dorneses e matando-os a ambos ali mesmo. A mensagem deu ao Rei da Tempestade a vitória sobre os dorneses, e, como agradecimento, ele elevou o mensageiro à nobreza. Foi o primeiro Lorde Dondarrion, por isso adotou como armas um relâmpago púrpura bifurcado, num campo negro salpicado de estrelas.

Se Dunk julgara que a história impressionaria Sor Manfred, não se podia ter enganado mais.

— Todos os camareiros e lacaios que já serviram o meu pai ouvem essa história mais cedo ou mais tarde. Conhecê-la não faz de vós um cavaleiro. Desaparecei-me da vista, sor.

* * *

Foi com um coração de chumbo que Dunk regressou ao Castelo de Vau-freixo, perguntando a si próprio o que poderia dizer para que Plummer

lhe concedesse o direito de desafio. Contudo, o intendente não se encontrava na sua sala de torreão. Um guarda disse-lhe que podia ser encontrado no Grande Salão.

— Devo esperar aqui? — perguntou Dunk. — Ele vai demorar quanto tempo?

— Como quereis que eu saiba? Fazei o que quiserdes.

O Grande Salão não era lá muito grande, em comparação com outros, mas Vaufreixo era um castelo pequeno. Dunk entrou por uma porta lateral, e viu imediatamente o intendente. Estava com o Lorde Ashford e uma dúzia de outros homens ao fundo do salão. Dirigiu-se para eles, ao longo de uma parede da qual pendiam tapeçarias de frutos e flores.

— ... mais preocupado se fossem os *teus* filhos, aposto — estava um homem zangado a dizer quando Dunk se aproximou. O seu cabelo liso e a barba cortada a direito eram tão claros que pareciam brancos à luz sombria do salão mas, quando se aproximou mais, Dunk viu que na realidade eram de uma pálida cor prateada, tocada de ouro.

— O Daeron já tinha feito destas — respondeu outro homem. Plummer estava numa posição que não permitia a Dunk ver quem falara. — Nunca lhe devias ter ordenado que entrasse na liça. O lugar dele é tanto num campo de torneios como seria o de Aerys, ou de Rhaegel.

— Com isso queres dizer que ele preferia montar uma rameira do que um cavalo — disse o primeiro homem. De constituição forte e poderosa, o príncipe (era certamente um príncipe) usava uma brigantina de couro coberta de tachões de prata sob um pesado manto preto debruado de arminho. Cicatrizes de bexigas marcavam-lhe as bochechas, só parcialmente ocultas pela barba prateada. — Não preciso de ser recordado das falhas do meu filho, irmão. Ele só tem dezoito anos. Pode mudar. *Ir*á mudar, malditos sejam os deuses, caso contrário hei de mandá-lo matar.

— Não sejas um completo idiota. O Daeron é o que é, mas apesar disso é do teu sangue e do meu. Não tenho dúvida de que Sor Roland o há de desencantar, e a Aegon com ele.

— Depois de o torneio acabar, talvez.

— Aerion está aqui. Seja como for, é melhor lanceiro do que Daeron, se o que te preocupa é o torneio. — Dunk conseguia agora ver o homem que falava. Estava sentado no cadeirão, com uma folha de

pergaminho numa mão e o Lorde Ashford a pairar junto ao seu ombro. Mesmo sentado, parecia ser uma cabeça mais alto do que o outro, ajuizando pelas longas pernas direitas estendidas na sua frente. O seu cabelo cortado curto era escuro e estava salpicado de cinzento, o seu forte maxilar escanhado. O nariz parecia ter sido partido mais do que uma vez. Embora estivesse vestido com grande simplicidade, com um gibão verde, manto castanho e botas gastas, havia nele um peso, uma sensação de poder e certeza.

Ocorreu a Dunk que se intrometera em algo que nunca devia ter ouvido. *É melhor que me vá embora e volte mais tarde, depois de eles acabarem*, decidiu. Mas já era tarde de mais. O príncipe com a barba prateada reparou subitamente nele.

— Quem sois e porque viestes interromper-nos? — quis saber com dureza.

— É o cavaleiro que o nosso bom intendente esperava — disse o homem sentado, sorrindo a Dunk de uma maneira que sugeria que estivera consciente da sua presença desde o início. — Os intrusos aqui somos nós os dois, irmão. Aproximai-vos, sor.

Dunk avançou lentamente, pouco seguro do que se esperava dele. Olhou para Plummer, mas não obteve aí qualquer auxílio. O intendente de cara encovada que fora tão assertivo no dia anterior estava agora em silêncio, a estudar as pedras do chão.

— Senhores — disse. — Pedi a Sor Manfred Dondarrion para certificar a minha identidade a fim de poder entrar na liça, mas ele recusa. Diz que não me conhece. Mas Sor Arlan serviu-o, juro. Tenho a sua espada e o seu escudo, e...

— Um escudo e uma espada não fazem um cavaleiro — declarou o Lorde Ashford, um grande homem calvo com uma cara redonda e vermelha. — Plummer falou-me de vós. Mesmo se aceitarmos que essas armas pertenceram a esse tal Sor Arlan de Pataqueira, pode perfeitamente ter acontecido que o tendeis achado morto e as tendeis roubado. Se não tiverdes melhor prova daquilo que dizeis, algo escrito ou...

— Eu lembro-me de Sor Arlan de Pataqueira — disse em voz baixa o homem sentado no cadeirão. — Nunca ganhou um torneio, que eu saiba, mas também nunca se envergonhou. Em Porto Real, há dezasseis

anos, derrotou o Lorde Stokeworth e o Bastardo de Harrenhal no corpo a corpo, e muitos anos antes, em Lanisporto, derrubou o próprio Leão Grisalho. O leão, nessa época, não era lá muito grisalho, certamente.

— Ele falou-me disso, muitas vezes — disse Dunk.

O homem alto estudou-o.

— Então não tenho dúvida de que vos lembrareis do verdadeiro nome do Leão Grisalho.

Por um momento, não houve absolutamente nada na cabeça de Dunk. O velho contara-lhe mil vezes aquela história, mil vezes, o leão, o leão, o nome dele, o nome dele, o nome dele... Estava perto do desespero quando subitamente lhe ocorreu.

— Sor Damon Lannister! — gritou. — O Leão Grisalho! É agora Senhor do Rochedo Ocidental.

— É, sim senhor — disse o homem alto num tom agradável — e entra na liça amanhã. — Sacudiu a pilha de papéis que tinha na mão.

— Como é possível que te lembres dum cavaleiro andante insignificante que calhou derrubar Damon Lannister há dezasseis anos? — disse o príncipe da barba prateada, franzindo o sobrolho.

— É meu costume saber tudo o que posso sobre os meus adversários.

— Porque haverias de te dignar a justar com um cavaleiro andante?

— Foi há nove anos, em Ponta Tempestade. O Lorde Baratheon organizou um hastilúdio para celebrar o nascimento de um neto. O sorteio fez de Sor Arlan meu oponente no primeiro confronto. Quebrámos quatro lanças antes de finalmente o derrubar.

— Sete — insistiu Dunk — e isso foi contra o Príncipe de Pedra do Dragão! — Assim que as palavras saíram, quis chamá-las de volta. Conseguiu ouvir o velho a ralar: *Dunk, o marmelo, de cabeça mais dura que a muralha dum castelo.*

— Pois foi. — O príncipe do nariz partido sorriu gentilmente. — As histórias crescem ao serem contadas, bem sei. Não penseis mal do vosso antigo mestre, mas temo que tenham sido só quatro lanças.

Dunk sentiu-se grato por o salão estar mal iluminado; sabia que tinha as orelhas vermelhas.

— Senhor. — Não, aquilo também estava mal. — Vossa Graça. — Caiu de joelhos e baixou a cabeça. — É como dizeis, quatro, não quis...

eu nunca... O velho, Sor Arlan, ele costumava dizer que eu tinha uma cabeça dura como a muralha dum castelo e que era lento como um auroque.

— E forte como um auroque, pelo aspeto que tendes — disse Baelor Quebra-Lanças. — Não foi feito nenhum mal, sor. Erguei-vos.

Dunk pôs-se em pé, perguntando a si próprio se devia manter a cabeça baixa ou se lhe era permitido olhar um príncipe no rosto. *Estou a falar com Baelor Targaryen, Príncipe de Pedra do Dragão, Mão do Rei, e herdeiro do Trono de Ferro de Aegon, o Conquistador.* O que poderia um cavaleiro andante atrever-se a dizer a uma pessoa assim?

— V-vós devolvestes-lhe o cavalo e a armadura e não exigistes resgate, se bem me lembro — gaguejou. — O velh... Sor Arlan, ele disse-me que éreis a alma da cavalaria, e que um dia os Sete Reinos estariam seguros nas vossas mãos.

— Rezo que não o estejam por muitos anos ainda — disse o Príncipe Baelor.

— Não — disse Dunk, horrorizado. Quase disse: *Não queria dizer que o rei devia morrer*, mas calou-se a tempo. — Perdoai, s'nhor. Quero dizer, Vossa Graça.

Tardamente, lembrou-se de que o homem atarracado com a barba prateada se dirigira ao Príncipe Baelor como irmão. *Ele também é sangue do dragão, que os demónios levem o idiota que sou.* Só podia ser o Príncipe Maekar, o mais jovem dos quatro filhos do Rei Daeron. O Príncipe Aerys era dado aos livros e o Príncipe Rhaegel era louco, pacífico e enfermiço. Nenhum dos dois era homem para atravessar metade do reino a fim de estar presente num torneio, mas dizia-se que Maekar era um temível guerreiro de pleno direito, embora sempre tivesse vivido à sombra do irmão mais velho.

— Desejais entrar na liça, é isso? — perguntou o Príncipe Baelor. — Essa decisão cabe ao mestre dos jogos, mas não vejo motivo para vo-lo negar.

O intendente inclinou a cabeça.

— Como quiserdes, senhor.

Dunk tentou gaguejar um agradecimento, mas o Príncipe Maekar interrompeu-o.

— Muito bem, sor, estais grato. Agora desaparecei.

— Tendes de perdoar o meu nobre irmão, sor — disse o Príncipe Baelor. — Dois dos seus filhos perderam-se a caminho daqui, e teme por eles.

— As chuvas da primavera encheram muitos dos ribeiros — disse Dunk. — É possível que os príncipes estejam apenas atrasados.

— Não vim cá para obter conselhos dum cavaleiro andante — declarou o Príncipe Maekar, dirigindo-se ao irmão.

— Podeis ir, sor — disse o Príncipe Baelor a Dunk, não sem gentileza.

— Sim, senhor. — Dunk fez uma vénia e virou-se.

Mas antes de ter tempo de se ir embora, o príncipe chamou-o.

— Sor. Mais uma coisa. Não sois do sangue de Sor Arlan?

— Sim, s'nhor. Quer dizer, não. Não sou.

O príncipe indicou com um aceno de cabeça o escudo marcado que Dunk transportava, e o cálice alado que nele estava desenhado.

— Pela lei, só um filho legítimo tem o direito de herdar as armas de um cavaleiro. Tereis de arranjar um novo emblema, sor, um símbolo que seja vosso.

— Arranjarei — disse Dunk. — De novo obrigado, Vossa Graça. Lutarei com bravura, vereis. — *Corajoso como Baelor Quebra-Lanças*, costumava o velho dizer com frequência.

* * *

Os vendedores de vinho e fabricantes de salsichas estavam a fazer negócio vivo, e rameiras andavam descaradamente por entre as bancadas e pavilhões. Algumas eram bastante bonitas, em particular uma rapariga ruiva. Não pôde evitar fitar-lhe os seios, o modo como se moviam sob o vestido largo enquanto ela passava por ele a passo lento. Pensou na prata que trazia na bolsa. *Podia tê-la, se quisesse. Ela havia de gostar bastante do tinir das minhas moedas. Podia levá-la para o acampamento e tê-la, toda a noite se quisesse.* Nunca dormira com uma mulher e, tanto quanto sabia, podia perfeitamente morrer no primeiro confronto. Os torneios podiam ser perigosos... mas as rameiras também podiam ser perigosas, o velho avisara-o disso. *Ela podia roubar-me enquanto dormia, e depois eu fazia o*

quê? Quando a rapariga ruiva o fitou por cima do ombro, Dunk abanou a cabeça e foi-se embora.

Foi encontrar Egg no espetáculo de fantoches, sentado de pernas cruzadas no chão, com o capuz do manto puxado completamente para cima, a fim de esconder a calvície. O rapaz tivera medo de entrar no castelo, o que Dunk atribuiu a partes iguais de timidez e vergonha. *Ele não se julga digno de se misturar com senhores e senhoras, quanto mais grandes príncipes.* Passara-se o mesmo consigo quando era pequeno. O mundo para lá do Fundo das Pulgas parecia tão assustador como excitante. Egg precisava de tempo, nada mais. De momento, parecia ser maior bondade dar ao rapaz alguns cobres para se ir divertir entre as bancadas do que arrastá-lo de má vontade para o castelo.

Naquela manhã, os bonecreiros estavam a apresentar a lenda de Florian e Jonquil. A dornesa gorda manejava Florian na sua armadura feita de remendos, enquanto a rapariga alta manuseava os cordéis de Jonquil.

— Vós não sois nenhum cavaleiro — estava ela a dizer enquanto a boca da marioneta se movia para cima e para baixo. — Eu conheço-vos. Sois Florian, o Bobo.

— Sou, senhora — respondeu a outra marioneta, ajoelhando. — Um bobo tão grande como nenhum outro que já tenha vivido, e um cavaleiro igualmente grande.

— Um bobo e um cavaleiro? — disse Jonquil. — Nunca ouvi falar de tal coisa.

— Doce senhora — disse Florian. — Todos os homens são bobos, e todos os homens são cavaleiros, no que toca às mulheres.

Era um bom espetáculo, ao mesmo tempo doce e triste, com uma animada luta de espadas no fim e um gigante bem pintado. Quando acabou, a gorda percorreu a multidão para recolher moedas, enquanto a rapariga guardava as marionetas.

Dunk foi buscar Egg e foi ter com ela.

— S'nhor? — disse ela, com um relance oblíquo e um meio sorriso. Era uma cabeça mais baixa do que ele, mas mesmo assim era mais alta do que qualquer outra rapariga que ele já tivesse visto.

— Aquilo foi bom — entusiasmou-se Egg. — Gosto de como os fa-

zeis mexer, a Jonquil e ao dragão e tudo. Vi um espetáculo de marionetas no ano passado, mas elas moviam-se todas aos saltos. As vossas são mais suaves.

— Obrigada — disse ela educadamente ao rapaz.

Dunk disse:

— E os vossos bonecos também estão bem esculpidos. Especialmente o dragão. Uma fera temível. Sois vós quem os faz?

Ela confirmou com a cabeça.

— O meu tio esculpe-os. Eu pinto-os.

— Podeis pintar uma coisa para mim? Tenho dinheiro para pagar. — Tirou o escudo do ombro e virou-o para lho mostrar. — Preciso de pintar alguma coisa por cima do cálice.

A rapariga olhou para o escudo e depois para ele.

— E que quereis pintado?

Dunk não pensara naquilo. Se não fosse o cálice alado do velho, seria o quê? Tinha a cabeça vazia. *Dunk, o marmelo, de cabeça mais dura que a muralha dum castelo.*

— Eu não... não tenho a certeza. — Apercebeu-se, infeliz, de que as orelhas estavam a ficar vermelhas. — Deveis achar-me um perfeito tolo.

Ela sorriu.

— Todos os homens são tolos, e todos os homens são cavaleiros.

— Que cor de tinta tendes? — perguntou ele, esperando que isso pudesse dar-lhe uma ideia.

— Posso misturar tintas para fazer qualquer cor que queirais.

O castanho do velho sempre parecera mortiço a Dunk.

— O fundo deve ser da cor do poente — disse de repente. — O velho gostava de poentes. E o símbolo...

— Um ulmeiro — disse Egg. — Um grande ulmeiro, como aquele que está junto da lagoa, com um tronco castanho e ramos verdes.

— Sim — disse Dunk. — Isso servirá. Um ulmeiro... mas com uma estrela cadente por cima. Podeis fazer isso?

A rapariga confirmou com a cabeça.

— Dai-me o escudo. Pinto-o esta mesma noite, e entrego-o amanhã.

Dunk deu-lho.

— Chamo-me Sor Duncan, o Alto.

— Eu sou a Tanselle. — Ela riu-se. — Tanselle Alta-De Mais, costumavam os rapazes chamar-me.

— Não sois demasiado alta — disse precipitadamente Dunk. — Tendes precisamente a altura certa para... — Apercebeu-se do que quase dissera, e corou furiosamente.

— Para? — disse Tanselle, inclinando a cabeça numa interrogação.

— Marionetas — concluiu ele de forma pouco convincente.

* * *

O primeiro dia do torneio amanheceu luminoso e sem nuvens. Dunk comprou um saco de alimentos, para poderem quebrar o jejum com ovos de ganso, pão frito e bacon, mas quando a comida ficou pronta, descobriu que não tinha apetite. Sentia a barriga dura como pedra, apesar de saber que não iria lutar naquele dia. O direito de primeiro desafio pertencia a cavaleiros de nascimento mais elevado e maior renome, aos senhores e aos seus filhos, e a campeões de outros torneios.

Egg levou todo o pequeno-almoço a tagarelar, falando deste homem ou daquele e de como eles poderiam sair-se. *Ele não estava a brincar comigo quando disse que conhecia todos os bons cavaleiros dos Sete Reinos*, pensou Dunk com tristeza. Achava humilhante escutar tão atentamente as palavras de um órfão escanzelado, mas os conhecimentos de Egg podiam ser-lhe úteis no caso de defrontar no torneio um daqueles homens.

O prado era uma massa agitada de pessoas, todas a tentar abrir caminho à cotovelada para um lugar com boa vista. Dunk era tão bom com os cotovelos como qualquer outro, e maior do que a maioria. Esgueirou-se para a frente até uma elevação que se erguia a seis metros da vedação. Quando Egg se queixou de que tudo o que conseguia ver eram traseiros, Dunk sentou o rapaz nos seus ombros. Do outro lado do campo, a bancada estava a encher-se de senhores e senhoras de nascimento elevado, algumas pessoas ricas da vila, e uma vintena de cavaleiros que tinham decidido não competir naquele dia. Não viu sinal do Príncipe Maekar, mas reconheceu o Príncipe Baelor ao lado do Lorde Ashford. A luz do Sol relampejou em ouro no pregador de ombro que lhe prendia o manto e na estreita coroa que lhe rodeava as têmporas, mas à parte disso ele trajava

muito mais simplesmente do que a maior parte dos outros senhores. *Não parece um verdadeiro Targaryen, com aquele cabelo escuro.* Dunk disse isso mesmo a Egg.

— Diz-se que sai à mãe — fez-lhe o rapaz lembrar. — Ela era uma princesa de Dorne.

Os cinco campeões tinham erguido os respetivos pavilhões na extremidade norte das pistas, com o rio por trás. Os dois mais pequenos eram cor de laranja, e os escudos pendurados ao lado das portas exibiam o sol e asna brancos. Aqueles deviam ser os filhos do Lorde Ashford, Androw e Robert, irmãos da bela donzela. Dunk nunca ouvira outros cavaleiros falar da sua perícia, o que significava que seriam provavelmente os primeiros a cair.

Ao lado dos pavilhões cor de laranja encontrava-se outro de um verde forte, muito maior. A rosa dourada de Jardim de Cima flutuava do pavilhão, e o mesmo símbolo decorava o grande escudo verde pendurado à porta.

— Aquele é Leo Tyrell, Senhor de Jardim de Cima — disse Egg.

— Eu sei — disse Dunk, irritado. — O velho e eu servimos em Jardim de Cima antes de tu nasceres. — Ele próprio quase não se lembrava desse ano, mas Sor Arlan falara com frequência de Leo Espinho-Longo, como por vezes lhe chamavam; um justador sem par, apesar de toda a prata no seu cabelo. — Aquele deve ser o Lorde Leo ao lado da tenda, o homem magro e grisalho vestido de verde e dourado.

— Sim — disse Egg. — Vi-o uma vez em Porto Real. Não é ele quem quereis desafiar, sor.

— Rapaz, não preciso dos teus conselhos quanto a quem desafiar.

O quarto pavilhão fora feito com bocados de tecido em forma de losango, alternando vermelho e branco. Dunk não conhecia as cores, mas Egg disse que elas pertenciam a um cavaleiro do Vale de Arryn chamado Sor Humfrey Hardyng.

— Ele ganhou um grande corpo a corpo em Lagoa da Donzela no ano passado, sor, e derrubou Sor Donnel de Valdocaso e os Lordes Arryn e Royce na liça.

O último pavilhão era do Príncipe Valarr. Era de seda negra, com uma fila de pendões pontiagudos pendurados do teto como longas cha-

mas vermelhas. O escudo montado no respetivo suporte era de um negro lustroso, decorado com o dragão de três cabeças da Casa Targaryen. Um dos cavaleiros da Guarda Real estava parado a seu lado com a brilhante armadura branca a parecer pura contra o negro do pano da tenda. Ao vê-lo ali, Dunk perguntou a si próprio se algum dos desafiadores se atreveria a tocar o escudo do dragão. Valarr era neto do rei, afinal, e filho de Baelor Quebra-Lanças.

Não precisava de se ter preocupado. Quando as cornetas soaram para convocar os desafiadores, todos os cinco campeões da donzela foram chamados a defendê-la. Dunk ouviu o murmúrio de excitação na multidão enquanto os desafiadores iam surgindo um a um na extremidade sul das liças. Arautos trovejaram os nomes dos cavaleiros, um de cada vez. Estes fizeram uma pausa perante a bancada, para baixar as lanças em saudação ao Lorde Ashford, ao Príncipe Baelor e à bela donzela, após o que deram a volta até à extremidade norte do campo para selecionar os seus oponentes. O Leão Grisalho de Rochedo Ocidental bateu no escudo do Lorde Tyrell, enquanto o seu herdeiro de cabelo dourado, Sor Tybolt Lannister, desafiava o filho mais velho do Lorde Ashford. O Lorde Tully de Correrrio tocou o escudo de losangos de Sor Humfrey Hardyng, Sor Abelar Hightower bateu no de Valarr, e o Ashford mais jovem foi desafiado por Sor Lyonel Baratheon, o cavaleiro a quem chamavam Tempestade Ridente.

Os desafiadores regressaram a trote à extremidade sul das liças para esperar pelos adversários: Sor Abelar em cores de prata e fumo, com uma torre de vigia de pedra no escudo, coroada de fogo; os dois Lannister todos de carmim, ostentando o leão dourado de Rochedo Ocidental; a Tempestade Ridente a brilhar de pano de ouro, com um veado negro no peito e no escudo e um par de hastes de ferro no elmo; o Lorde Tully a usar um manto às riscas azuis e vermelhas, preso com uma truta de prata em cada ombro. Apontavam as suas lanças de três metros e meio para o céu, e o vento fresco fazia bater e puxava pelas flâmulas.

Na extremidade norte do campo, escudeiros seguraram cavalos de batalha brilhantemente arreados para os campeões montarem. Estes puseram os elmos e pegaram em lanças e escudos, iguais em esplendor aos seus adversários: as sedas enfunadas e cor de laranja dos Ashford, os lo-

sangos vermelhos e brancos de Sor Humfrey, o Lorde Leo no seu cavalo branco com jaezes de cetim verde, providos de um padrão de rosas douradas e, claro, Valarr Targaryen. O cavalo do Jovem Príncipe era negro como a noite, para combinar com a cor da armadura, lança, escudo e jaezes. No topo do seu elmo via-se um cintilante dragão de três cabeças, de asas abertas, esmaltado num tom rico de vermelho; um dragão gêmeo estava pintado na lustrosa superfície negra do seu escudo. Todos os defensores tinham uma tira de seda cor de laranja atada em volta de um braço, um favor concedido pela bela donzela.

Enquanto os campeões seguiam a trote para as suas posições, o Prado de Vaufreixo ficou quase silencioso. Então soou uma corneta e o silêncio transformou-se em tumulto em meio segundo. Dez pares de esporas douradas espetaram-se nos flancos de dez grandes cavalos de batalha, mil vozes começaram a gritar e a berrar, quarenta cascos ferrados de ferro espezinharam e rasgaram a erva, dez lanças baixaram e equilibraram-se, o campo pareceu quase tremer, e campeões e desafiadores juntaram-se numa dilacerante colisão de madeira e aço. Num instante, os cavaleiros tinham passado uns pelos outros, e giravam sobre si próprios para outra investida. O Lorde Tully oscilou sobre a sela mas conseguiu aguentar-se. Quando os plebeus se aperceberam de que todas as dez lanças se tinham quebrado, ouviu-se um grande rugido de aprovação. Era um magnífico agouro para o sucesso do torneio, e uma demonstração da perícia dos competidores.

Escudeiros entregaram novas lanças aos justadores para substituir as lanças quebradas que deitaram fora, e de novo as esporas se enterraram profundamente. Dunk conseguiu sentir a terra a tremer sob as solas dos pés. Em cima dos seus ombros, Egg gritou, feliz, e acenou com os braços escanzelados. O Jovem Príncipe foi quem passou mais perto deles. Dunk viu a ponta da sua lança negra beijar a torre de vigia no escudo do adversário e escorregar para ir colidir com o seu peito, no mesmo instante em que a lança de Sor Abelar rebentava em lascas contra a placa de peito de Valarr. O ganhão cinzento com jaezes de prata e fumo empinou-se com a força do impacto, e Sor Abelar Hightower foi erguido dos estribos e atirado violentamente ao chão.

O Lorde Tully também se encontrava caído, derrubado por Sor Hum-

frey Hardyng, mas ergueu-se imediatamente de um salto e desembainhou a espada, e Sor Humfrey deitou fora a lança — inteira — e desmontou para prosseguir a luta a pé. Sor Abelar não mostrou tanta vivacidade. O seu escudeiro correu para ele, desapertou-lhe o elmo, e gritou por ajuda, e dois criados ergueram pelos braços o cavaleiro entontecido para o ajudar a regressar ao pavilhão. Noutros pontos do campo, os seis cavaleiros que tinham permanecido montados faziam a sua terceira investida. Mais lanças se estilhaçaram, e desta vez o Lorde Leo Tyrell colocou a ponta com tal perícia que arrancou o elmo da cabeça do Leão Grisalho. De rosto descoberto, o Senhor de Rochedo Casterly ergueu a mão numa saudação e desmontou, cedendo o recontro. Por essa altura, Sor Humfrey já levava o Lorde Tully à rendição, mostrando-se tão hábil com uma espada como era com uma lança.

Tybolt Lannister e Androw Ashford cavalgaram um contra o outro mais três vezes antes de Sor Androw finalmente perder escudo, montada e confronto no mesmo instante. O Ashford mais jovem durou ainda mais tempo, quebrando nada menos que nove lanças contra Sor Lyonel Baratheon, a Tempestade Ridente. Tanto campeão como desafiador perderam o equilíbrio na décima investida, só para se voltarem a levantar e continuarem a lutar, espada contra mangual. Por fim, um maltratado Sor Robert Ashford admitiu a derrota, mas na bancada o pai parecia tudo menos abatido. Ambos os filhos do Lorde Ashford tinham sido afastados das fileiras dos campeões, era certo, mas tinham-se comportado com nobreza contra dois dos melhores cavaleiros dos Sete Reinos.

Mas eu tenho de me sair ainda melhor, pensou Dunk enquanto observava o vencedor e o vencido a trocarem abraços e a saírem juntos do campo. *Não me basta combater bem e perder. Tenho de vencer pelo menos o primeiro desafio, senão perco tudo.*

Sor Tybolt Lannister e a Tempestade Ridente iriam agora tomar os seus lugares entre os campeões, substituindo os homens que tinham derrotado. Os pavilhões cor de laranja já estavam a ser desmontados. A alguns metros de distância, o Jovem Príncipe estava sentado à vontade numa cadeira de acampar elevada, à frente da sua grande tenda negra. Tirara o elmo. Possuía cabelo escuro como o pai, mas uma madeixa bri-

lhante cortava-o. Um criado trouxe-lhe um cálice de prata e ele bebeu um gole. *Água, se for sensato*, pensou Dunk, *vinho se não for*. Deu por si a interrogar-se sobre se Valarr teria realmente herdado parte da perícia do pai, ou se teria apenas atraído o oponente mais fraco.

Uma fanfarra de trombetas anunciou que três novos desafiadores tinham entrado na liça. Os arautos gritaram os seus nomes. “*Sor Pearse da Casa Caron, Senhor da Marca*.” Tinha uma harpa de prata pintada no escudo, embora o manto mostrasse um padrão de rouxinóis. “*Sor Joseth da Casa Mallister, de Guardamar*.” Sor Joseth ostentava um elmo alado; no escudo, uma águia de prata voava por um céu de índigo. “*Sor Gawen da Casa Swann, Senhor de Pedrelmo no Cabo da Fúria*.” Um par de cisnes, um preto e um branco, combatiam furiosamente nas suas armas. A armadura e manto do Lorde Gawen e os jaezes do seu cavalo eram também uma extravagância de preto e branco, chegando esta mesmo às riscas da bainha da sua espada e lança.

O Lorde Caron, harpista, cantor e cavaleiro de renome, tocou com a ponta da lança na rosa do Lorde Tyrell. Sor Joseth bateu nos losangos de Sor Humfrey Hardyng. E o cavaleiro preto e branco, Lorde Gawen Swann, desafiou o príncipe preto com o guardião branco. Dunk esfregou o queixo. O Lorde Gawen era ainda mais velho do que o velho, e o velho estava morto.

— Egg, quem é o menos perigoso destes desafiadores? — perguntou ao rapaz sentado nos seus ombros, o qual tanto parecia saber sobre aqueles cavaleiros.

— O Lorde Gawen — disse o rapaz de imediato. — O adversário de Valarr.

— Do *Príncipe Valarr* — corrigiu Dunk. — Um escudeiro deve ter uma língua cortês, rapaz.

Os três desafiadores ocuparam os seus lugares enquanto os três campeões montavam. A toda a volta de Dunk e Egg, homens faziam apostas e gritavam encorajamentos aos seus preferidos, mas Dunk só tinha olhos para o príncipe. Na primeira passagem, deu um golpe de relance no escudo do Lorde Gawen, fazendo deslizar a ponta embotada da lança, tal como fizera com Sor Abelar Hightower, só que desta vez foi defletida na outra direção, para o ar vazio. A lança do Lorde Gawen quebrou-se com

limpeza contra o peito do príncipe, e Valarr pareceu por um instante a ponto de cair, antes de recuperar o equilíbrio.

Da segunda vez em que cruzou a liça, Valarr virou a lança para a esquerda, apontando para o peito do adversário, mas em vez disso acertou-lhe no ombro. Mesmo assim, o golpe foi suficiente para fazer o cavaleiro mais velho perder a lança. Um braço rodou em busca de equilíbrio e o Lorde Gawen caiu. O Jovem Príncipe saltou da sela e puxou pela espada, mas o homem caído fez-lhe sinal para que se afastasse e ergueu o visor.

— Rendo-me, Vossa Graça — gritou. — Bem lutado. — Os senhores na bancada ecoaram as palavras dele, gritando “*Bem lutado! Bem lutado!*” enquanto Valarr se ajoelhava para ajudar o grisalho senhor a pôr-se em pé.

— Não foi nada — protestou Egg.

— Cala-te, senão podes voltar para o acampamento.

Mais longe, Sor Joseth Mallister estava a ser levado inconsciente do campo, enquanto o senhor da harpa e o senhor da rosa se atiravam um ao outro energicamente com machados embotados, para deleite da ruidosa multidão. Dunk estava tão atento a Valarr Targaryen que quase nem os viu. *Ele é um cavaleiro razoável, mas não passa disso*, deu por si a pensar. *Contra ele, terei uma hipótese. Se os deuses forem bons, posso até derrubá-lo e, depois de apeados, o meu peso e a minha força mostrar-se-ão.*

— Apanha-o! — gritou alegremente Egg, mexendo-se sobre as costas de Dunk na sua excitação. — Apanha-o! Bate-lhe! Sim! Ele está mesmo aí, ele está mesmo aí! — Parecia ser pelo Lorde Caron que ele gritava. O harpista estava agora a tocar outro tipo de música, empurrando o Lorde Leo cada vez mais para trás, enquanto aço cantava contra aço. A multidão parecia quase igualmente dividida entre os dois, e vivas e pragas misturavam-se livremente no ar da manhã. Lascas de madeira e tinta voavam do escudo do Lorde Leo enquanto o Lorde Pearse ia arrancando as pétalas à sua rosa dourada, uma por uma, até que por fim o escudo se estilhaçou e se rachou. Mas, quando o fez, o machado prendeu-se por um instante na madeira... e o machado do Lorde Leo caiu sobre a haste da arma do adversário, cortando-a a menos de trinta centímetros da sua mão. Deitou fora o escudo quebrado, e de súbito era ele quem estava ao ataque.

Momentos depois, o cavaleiro harpista estava caído sobre um joelho a indicar por sinais a sua rendição.

Ao longo do resto da manhã e pela tarde dentro, foi mais do mesmo, com desafiadores a ocuparem o campo aos pares e aos trios, e por vezes aos cinco em simultâneo. Trombetas soavam, os arautos gritavam nomes, cavalos de batalha carregavam, a multidão aplaudia, lanças quebravam-se como gravetos, e espadas ressoavam contra elmos e cotas de malha. Era, de acordo tanto com os plebeus como com os grandes senhores, um dia magnífico de justas. Sor Humfrey Hardyng e Sor Humfrey Beesbury, um ousado jovem cavaleiro às riscas amarelas e pretas com três colmeias no escudo, fizeram em lascas nada menos que uma dúzia de lanças, cada um num épico combate a que os plebeus depressa começaram a chamar “a batalha dos Humfrey.” Sor Tybolt Lannister foi derrubado por Sor Jon Penrose, e partiu a espada na queda, mas ripostou apenas com o escudo para ir ganhar o combate e permanecer como campeão. O zarolho Sor Robyn Rhysling, um velho cavaleiro encanecido com uma barba salpicada de branco, perdeu o elmo sob a lança do Lorde Leo durante a primeira arremetida, mas recusou-se a render-se. Arremeteram um contra o outro mais três vezes, com o vento a chicotear o cabelo de Sor Robyn enquanto as lascas de lanças partidas voavam à volta da sua cara nua como facas de madeira, o que Dunk achou ainda mais assombroso quando Egg lhe disse que Sor Robyn perdera o olho por causa duma lasca duma lança quebrada, menos de cinco anos antes. Leo Tyrell foi demasiado cavaleiresco para apontar outra lança à cabeça desprotegida de Sor Robyn, mas mesmo assim a teimosa coragem (ou seria loucura?) de Rhysling deixou Dunk estupefacto. Por fim, o Senhor de Jardim de Cima atingiu a placa de peito de Sor Robyn com um golpe sólido mesmo sobre o coração e atirou-o ao chão, às cambalhotas.

Sor Lyonel Baratheon também travou vários combates notáveis. Contra adversários menores, era frequente rebentar em gargalhadas trovejantes no momento em que lhe tocavam no escudo, e continuava a rir enquanto montava, carregava e os fazia saltar dos estribos. Se os desafiadores usassem algum tipo de cimeira nos elmos, Sor Lyonel arrancava-lhas e atirava-as à multidão. As cimeiras eram coisas ornamentadas, feitas de madeira ou couro esculpido, e por vezes douradas ou esmal-

tadas ou até trabalhadas em prata pura, de modo que os homens que ele derrotava não apreciavam este hábito, apesar de ele o transformar num grande favorito dos plebeus. Não demorou muito até passar a ser escolhido apenas por homens sem cimeira. No entanto, por ruidosa e frequentemente que Sor Lyonel derrotasse os desafiadores à gargalhada, Dunk achava que a distinção do dia devia ir para Sor Humfrey Hardyng, que humilhou catorze cavaleiros, todos eles formidáveis.

Entretanto, o Jovem Príncipe sentava-se à porta do seu pavilhão negro, bebendo do cálice de prata e levantando-se de vez em quando para montar no cavalo e derrotar mais um adversário de pouco relevo. Conquistara nove vitórias, mas a Dunk parecia que todas tinham sido vazias. *Ele está a derrotar velhos e escudeiros recém-promovidos, e alguns senhores de elevado nascimento e baixa perícia. Os homens realmente perigosos estão a passar pelo seu escudo como se não o vissem.*

Ao fim da tarde, uma fanfarra metálica anunciou a entrada de um novo desafiador na liça. Montava um grande cavalo avermelhado, cujos jaezes pretos estavam cortados para revelar vislumbres de amarelo, carmesim e cor de laranja por baixo. Quando se aproximou da bancada para fazer a sua saudação, Dunk viu a cara sob o visor erguido, e reconheceu o príncipe que encontrara nos estábulos do Lorde Ashford.

As pernas de Egg apertaram-se-lhe em volta do pescoço.

— Para com isso — irritou-se Dunk, afastando-as. — Queres estrangular-me?

— *Príncipe Aerion Chamaviva* — gritou um arauto — *da Fortaleza Vermelha de Porto Real, filho de Maekar, Príncipe de Solarestival da Casa Targaryen, neto de Daeron, o Bom, Segundo do Seu Nome, Rei dos Andalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, e Senhor dos Sete Reinos.*

Aerion ostentava um dragão de três cabeças no escudo, mas estava representado em cores muito mais vivas do que as de Valarr; uma cabeça era cor de laranja, uma amarela e uma vermelha, e as chamas que sopravam tinham o brilho da folha de ouro. O seu manto era um rodopio de fumo e fogo entretecidos, e o elmo enegrecido estava encimado por uma cimeira de chamas vermelhas esmaltadas.

Após uma pausa para baixar a lança ao Príncipe Baelor, uma pausa tão breve que foi quase negligente, galopou até à extremidade norte

do campo, passou pelo pavilhão do Lorde Leo e do da Tempestade Ridente, abrandando apenas quando se aproximou da tenda do Príncipe Valarr. O Jovem Príncipe levantou-se e ficou hirto ao lado do escudo, e por um momento Dunk teve a certeza que Aerion queria bater-lhe... mas então o príncipe soltou uma gargalhada, avançou a trote e foi bater com força com a ponta da lança nos losangos de Sor Humfrey Hardyng.

— Saí, saí, cavaleirinho — cantarolou numa voz sonora e clara. — Chegou a altura de enfrentardes o dragão.

Sor Humfrey inclinou rigidamente a cabeça perante o adversário enquanto o seu cavalo de batalha lhe era trazido, e depois ignorou-o enquanto montava, apertava o elmo e pegava em lança e escudo. Os espetadores foram-se silenciando quando os dois cavaleiros se dirigiram para os seus lugares. Dunk ouviu o *clang* que o Príncipe Aerion fez ao deixar cair a viseira. A corneta soou.

Sor Humfrey começou a avançar lentamente, ganhando velocidade, mas o adversário espetou com força ambas as esporas no cavalo avermelhado, avançando velozmente. As pernas de Egg voltaram a apertar-se.

— *Mata-o!* — gritou de súbito. — *Mata-o, ele está mesmo aí, mata-o, mata-o, mata-o!* — Dunk não tinha a certeza a qual cavaleiro ele gritava.

A lança do Príncipe Aerion, com ponta dourada e pintada às riscas vermelhas, laranja e amarelas, desceu para o outro lado da barreira. *Baixo, baixo de mais*, pensou Dunk no momento em que viu aquilo. *Ele vai falhar o cavaleiro e atingir o cavalo de Sor Humfrey, tem de levantar a lança.* Depois, com um horror crescente, começou a suspeitar de que Aerion não pretendia fazer nada que se parecesse. *Ele não pode querer...*

No último instante possível, o garanhão de Sor Humfrey empinou-se para longe da ponta que se aproximava, com os olhos a rolar de terror, mas era tarde de mais. A lança de Aerion acertou no animal logo acima da armadura que lhe protegia o esterno, e explodiu pela parte de trás do seu pescoço numa torrente de sangue brilhante. Gritando, o cavalo caiu para o lado, desfazendo a barreira de madeira enquanto tombava. Sor Humfrey tentou saltar do cavalo, mas um pé prendeu-se-lhe no estribo

e ouviram-no gritar quando a sua perna foi esmagada entre a vedação estilhaçada e o cavalo em queda.

Todo o Prado de Vaufreixo estava aos gritos. Homens correram para o campo a fim de libertar Sor Humfrey, mas o garanhão, morrendo em agonia, escoiceou-os quando se aproximaram. Aerion, tendo contornado despreocupadamente a carnificina e continuado até ao fim da liça, fez o cavalo dar meia-volta e regressou a galope. Também ele gritava, embora Dunk não conseguisse distinguir as palavras, submersas pelos gritos quase humanos do cavalo moribundo. Saltando da sela, Aerion puxou pela espada e avançou sobre o adversário caído. Os seus próprios escudeiros e um dos de Sor Humfrey tiveram de o puxar para longe. Egg contorceu-se aos ombros de Dunk.

— Deixa-me descer — disse o rapaz. — Pobre cavalo, *deixa-me descer*.

Dunk também se sentia doente. *O que faria eu se um destino destes caísse sobre Trovão?* Um homem de armas com uma alabarda acabou com o garanhão de Sor Humfrey, pondo fim aos gritos hediondos. Dunk virou-se e abriu caminho à força através da multidão. Quando chegou a terreno livre, tirou Egg dos ombros. O capuz do rapaz caíra para trás e os seus olhos estavam vermelhos.

— Sim, foi uma coisa terrível de se ver — disse ao moço — mas um escudeiro tem de ser forte. Temo que vás ver acidentes piores noutros torneios.

— Não foi acidente nenhum — disse Egg, com a boca a tremer. — Aerion quis fazer aquilo. Vós vistes.

Dunk franziu o sobrolho. A ele também parecera que sim, mas era difícil aceitar que algum cavaleiro pudesse ser tão pouco cavaleiresco, especialmente um cavaleiro que fosse do sangue do dragão.

— O que eu vi foi um cavaleiro verde como a relva do verão a perder o controlo da lança — disse, obstinado — e não quero ouvir mais nada sobre o assunto. O torneio acabou por hoje, parece-me. Vem daí, rapaz.

* * *

Tinha razão a respeito do fim das competições do dia. Quando o caos foi finalmente dominado, o Sol estava baixo a oeste, e o Lorde Ashford

ordenou uma interrupção no torneio. Enquanto as sombras da noite se insinuavam no prado, uma centena de archotes foi acesa ao longo da fileira de mercadores. Dunk comprou um corno de cerveja para si e meio corno para o rapaz, para o animar. Vaguearam durante algum tempo, escutando uma animada ária tocada com flautas e tambores e vendo um espetáculo de marionetas sobre Nymeria, a rainha guerreira com os dez mil navios. Os bonecreiros só tinham dois navios, mas mesmo assim conseguiram criar uma apaixonante batalha naval. Dunk quis perguntar à rapariga chamada Tanselle se ela já acabara de lhe pintar o escudo, mas viu que estava ocupada. *Vou esperar até que acabe o trabalho da noite*, decidiu. *Talvez nessa altura tenha sede*.

— Sor Duncan — chamou uma voz atrás dele. E depois de novo: — Sor Duncan. — De súbito, Dunk lembrou-se de quem era ele. — Vi-vos hoje entre os plebeus, com este rapaz ao ombro — disse Raymun Fossoway enquanto se aproximava, sorrindo. — Na verdade, era difícil não vos ver.

— O rapaz é meu escudeiro. Egg, este é Raymun Fossoway. — Dunk teve de empurrar o rapaz para a frente, e mesmo assim Egg baixou a cabeça e fitou as botas de Raymun enquanto resmungava uma saudação.

— Prazer em conhecer-te, rapaz — disse Raymun em tom descontraido. — Sor Duncan, porque não vedes o torneio da bancada? Todos os cavaleiros são lá bem-vindos.

Dunk estava à vontade entre os plebeus e os criados; a ideia de reivindicar um lugar entre os senhores, senhoras e cavaleiros com terras deixava-o desconfortável.

— Não teria gostado de ver mais de perto aquele último confronto. Raymun fez uma careta.

— Nem eu. O Lorde Ashford declarou Sor Humfrey vencedor e premiou-o com o corcel do Príncipe Aerion mas, mesmo assim, ele não será capaz de continuar. Tem a perna partida em dois sítios. O Príncipe Baelor mandou o seu próprio mestre cuidar dele.

— Haverá outro campeão no lugar de Sor Humfrey?

— O Lorde Ashford tinha intenção de atribuir o lugar ao Lorde Caron, ou talvez ao outro Sor Humfrey, aquele que deu a Hardyng uma tão magnífica luta, mas o Príncipe Baelor disse-lhe que não seria apropriado

remover o escudo e pavilhão de Sor Humfrey, dadas as circunstâncias. Creio que prosseguirão com quatro campeões em vez de cinco.

Quatro campeões, pensou Dunk. Leo Tyrell, Lyonel Baratheon, Tybolt Lannister e o Príncipe Valarr. Vira o suficiente naquele primeiro dia para saber como eram poucas as hipóteses que tinha de resistir aos primeiros três. O que só deixava...

Um cavaleiro andante não pode desafiar um príncipe. Valarr é o segundo na linha de sucessão para o Trono de Ferro. É filho de Baelor Quebra-Lanças, e o seu sangue é o sangue de Aegon, o Conquistador e do Jovem Dragão e do Príncipe Aemon, o Cavaleiro do Dragão, e eu sou um rapaz qualquer que o velho encontrou atrás duma loja de sopas no Fundo das Pulgas.

Doeu-lhe a cabeça só de pensar naquilo.

— Quem é que o vosso primo pretende desafiar? — perguntou a Raymun.

— Sor Tybolt, se as coisas se mantiverem como estão. Estão bem um para o outro. Mas o meu primo mantém uma vigilância atenta sobre todos os confrontos. Se algum homem for ferido amanhã, ou mostrar sinais de exaustão ou fraqueza, Steffon será rápido em lhe ir bater no escudo, podeis contar com isso. Nunca ninguém o acusou de excesso de cavaleirismo. — E riu-se, como que para tirar a mordacidade das suas palavras. — Sor Duncan, quereis acompanhar-me numa taça de vinho?

— Tenho um assunto de que tenho de tratar — disse Dunk, desconfortável com a ideia de aceitar hospitalidade que não podia retribuir.

— Eu podia esperar aqui e levar-vos o escudo quando o espetáculo de marionetas acabasse, sor — disse Egg. — Depois vão apresentar o Symeon Olhos de Estrelas, e também vão fazer o dragão voar outra vez.

— Pronto, vedes, o vosso assunto está tratado, e o vinho espera — disse Raymun. — E é uma colheita especial da Árvore. Como podeis recusar?

Privado de desculpas, Dunk não teve alternativa a segui-lo, deixando Egg no espetáculo de marionetas. A maçã da Casa Fossoway flutuava por cima do pavilhão dourado onde Raymun servia o primo. Por trás do pavilhão, dois criados estavam a regar uma cabra com mel e ervas por cima duma pequena fogueira.

— Também há comida, se tiverdes fome — disse Raymun num tom negligente enquanto erguia a aba para Dunk entrar. Um braseiro de carvão iluminava o interior e tornava o ar agradavelmente tépido. Raymun encheu duas taças com vinho. — Diz-se que Aerion está furioso com o Lorde Ashford por entregar o seu corcel a Sor Humfrey — comentou enquanto servia o vinho — mas aposto que foi o tio dele que o aconselhou. — Entregou a Dunk uma taça de vinho.

— O Príncipe Baelor é um homem de honra.

— Tanto quanto o Príncipe Brillhante não o é? — Raymun soltou uma gargalhada. — Não façais um ar tão ansioso, Sor Duncan, não está aqui ninguém além de nós. Não é segredo que Aerion é má rés. Graças aos deuses que está bem abaixo na ordem de sucessão.

— Acreditais mesmo que ele pretendia matar o cavalo?

— Mas há alguma dúvida? Se o Príncipe Maekar cá estivesse, as coisas teriam corrido de outro modo, garanto-vos. Aerion é todo sorrisos e cavaleirismo desde que o pai esteja a ver, se as histórias forem verdadeiras, mas quando não está...

— Eu vi que a cadeira do Príncipe Maekar estava vazia.

— Ele abandonou Vaufreixo para procurar os filhos, com Roland Crakehall, da Guarda Real. Conta-se por aí uma história louca sobre cavaleiros assaltantes, mas aposto que o príncipe só está bêbado algures.

O vinho era fino e frutado, a melhor taça que ele já saboreara. Rolou-o na boca, engoliu, e disse:

— Que príncipe é esse?

— O herdeiro de Maekar. Chama-se Daeron, em honra do rei. Chamam-lhe Daeron, o Bêbado, embora não de modo que o pai possa ouvir. O rapaz mais novo também estava com ele. Saíram juntos de Solarestival mas nunca chegaram a Vaufreixo. — Raymun esvaziou a taça e pô-la de parte. — Pobre Maekar.

— Pobre? — disse Dunk, surpreendido. — O filho do rei?

— O *quarto* filho do rei — disse Raymun — que não é exatamente tão ousado como o Príncipe Baelor, nem tão inteligente como o Príncipe Aerys, nem tão gentil como o Príncipe Rhaegel. E agora tem de aguentar ver os filhos à sombra dos do irmão. Daeron é um bebedolas, Aerion é

vaidoso e cruel, o terceiro filho era tão pouco promissor que o entregaram à Cidadela para fazerem dele um meistre, e o mais novo...

— *Sor! Sor Duncan!* — Egg entrou de rompante, a arquejar. O capuz caíra-lhe para trás, e a luz do braseiro brilhava nos seus grandes olhos escuros. — Tendes de correr, ele está a fazer-lhe mal!

Dunk pôs-se em pé, confuso.

— Fazer mal? Quem?

— *Aerion!* — gritou o rapaz. — Está a *magó-la*. À bonecreira. Depressa. — Girando sobre si próprio, precipitou-se para a noite.

Dunk fez tenção de o seguir, mas Raymun segurou-lhe no braço.

— Sor Duncan. Ele disse Aerion. Um príncipe do sangue. Tende cuidado.

Dunk sabia que era um bom conselho. O velho teria dito o mesmo. Mas não podia dar-lhe ouvidos. Libertou-se com um puxão da mão de Raymun e saiu do pavilhão. Ouvia gritos vindos da direção da fileira dos mercadores. Egg estava quase fora de vista. Dunk correu atrás dele. As suas pernas eram compridas e as do rapaz curtas; rapidamente diminuiu a distância.

Uma muralha de mirones tinha-se reunido em volta dos bonecreiros. Dunk abriu caminho através deles ao encontrão, ignorando as pragas. Um homem de armas com a libré real avançou para lhe bloquear a passagem. Dunk pôs uma grande mão no seu peito e empurrou, atirando o homem a espernear para trás, para se ir estatelar de rabo no chão.

A bancada dos bonecreiros tinha sido derrubada. A dornesa gorda estava no chão a chorar. Um homem de armas tinha as marionetas de Florian e Jonquil penduradas das mãos enquanto outro as incendiava com um archote. Mais três homens abriam arcas, despejavam mais marionetas no chão, e espezinhavam-nas. A marioneta do dragão estava espalhada a toda a volta, aqui uma asa quebrada, ali a cabeça, a cauda partida em três bocados. E no meio de tudo aquilo estava o Príncipe Aerion, resplandecente num gibão de veludo vermelho com longas mangas pendentes, a torcer o braço de Tanselle com ambas as mãos. Ela estava de joelhos, suplicando. Aerion ignorou-a. Forçou-a a abrir a mão e agarrou-lhe num dos dedos. Dunk ficou ali estupi-

damente parado, sem conseguir acreditar no que estava a ver. Depois ouviu um estalido, e Tanselle gritou.

Um dos homens de Aerion tentou agarrá-lo e foi posto a voar. Três longos passos, e Dunk agarrou no ombro do príncipe e obrigou-o a virar-se com violência. A espada e o punhal estavam esquecidos, bem como tudo o que o velho lhe ensinara. O seu punho atirou Aerion ao chão, e a ponta da bota esmagou-se contra a barriga do príncipe. Quando Aerion tentou agarrar na faca, Dunk pisou-lhe no pulso e depois voltou a pontapé-lo, em cheio na boca. Podia tê-lo matado ao pontapé ali mesmo, mas os homens do principelho caíram sobre ele. Tinha um homem agarrado a cada braço e outro a dar-lhe murros nas costas. Assim que se libertou de um, outros dois o agarraram.

Por fim conseguiram atirá-lo ao chão e dominaram-lhe os braços e as pernas. Aerion estava de novo em pé. A boca do príncipe estava ensanguentada. Enfiou um dedo nela.

— Deixaste-me um dos dentes solto — queixou-se — portanto vamos começar por partir todos os teus. — Afastou o cabelo dos olhos. — Pareces-me familiar.

— Confundistes-me com um moço de estrebaria.

Aerion fez um sorriso vermelho.

— Lembro-me. Recusaste-te a levar o meu cavalo. Porque foi que deitaste a vida fora? Por esta rameira? — Tanselle estava enrolada no chão, a embalar a mão destroçada. O príncipe deu-lhe um empurrão com a ponta da bota. — Ela não a vale. Uma traidora. O dragão nunca deve perder.

Ele é louco, pensou Dunk, *mas continua a ser filho de um príncipe, e quer matar-me*. Poderia ter rezado naquele momento, se conhecesse alguma prece até ao fim, mas não houve tempo. Quase nem havia tempo para ter medo.

— Nada mais a dizer? — disse Aerion. — Aborreceis-me, sor. — Voltou a enfiar o dedo na boca ensanguentada. — Arranja um martelo e parte-lhe os dentes todos, Wate — ordenou — e depois vamos abri-lo e mostrar-lhe a cor das entranhas.

— Não! — disse uma voz de rapaz. — Não o magoeis!

Pela bondade dos deuses, o rapaz, o bravo e tolo rapaz, pensou Dunk. Lutou contra os braços que o seguravam, mas não serviu de nada.

— Domina a língua, estúpido moço. Foge. Eles vão magoar-te!

— Não vão, não. — Egg aproximou-se mais. — Se magoarem, responderão perante o meu pai. E perante o meu tio também. Largai-o, já disse. Wate, Yorkel, vós conheceis-me. Fazei o que eu digo.

As mãos que seguravam o braço esquerdo de Dunk desapareceram, e depois o mesmo aconteceu às outras. Não compreendeu o que estava a acontecer. Os homens de armas estavam a afastar-se. Um até ajoelhou. Depois a multidão abriu-se para deixar passar Raymun Fossoway. Envergara a cota de malha e o elmo, e tinha a mão posta sobre a espada. O primo, Sor Steffon, mesmo atrás dele, já desembainhara a sua arma, e com eles viera meia dúzia de homens de armas com o símbolo da maçã vermelha cosido ao peito.

O Príncipe Aerion não lhes prestou atenção.

— Insolente desgraçado — disse a Egg, cuspidando sangue aos pés do rapaz. — Que aconteceu ao teu cabelo?

— Cortei-o, irmão — disse Egg. — Não queria parecer-me contigo.

* * *

O segundo dia do torneio estava encoberto, com rajadas de vento que sopravam de oeste. *A multidão deve ser menor num dia como este*, pensou Dunk. Ter-lhes-ia sido mais fácil encontrar um local junto da vedação para ver as justas de perto. *Egg poderia ter-se sentado no parapeito, enquanto eu ficava em pé atrás dele.*

Mas em vez disso, Egg teria um lugar na bancada, vestido de sedas e peles, enquanto a visão de Dunk ficaria limitada às quatro paredes da cela de torre onde os homens do Lorde Ashford o tinham confinado. A sala tinha uma janela, mas dava para a direção errada. Mesmo assim, Dunk empoleirou-se no banco de janela e olhou sombriamente para fora, para a vila, os campos e a floresta. Tinham-lhe tirado o cinturão de cânhamo em que prendera a espada, e com ele fora-se a espada e o punhal, e também lhe tinham tirado a prata. Esperava que Egg ou Raymun se lembrassem de *Castanha* e de *Trovão*.

— Egg — murmurou, em surdina. O seu escudeiro, um rapaz pobre arrancado às ruas de Porto Real. Alguma vez um cavaleiro fora tão idiota?

Dunk, o marmelo, de cabeça mais dura que a muralha dum castelo e lento como um auroque.

Não lhe fora permitido falar com Egg desde que os soldados do Lorde Ashford os tinham prendido a todos no espetáculo de marionetas. Nem com Raymun, nem com Tanselle, nem com ninguém, nem mesmo com o próprio Lorde Ashford. Perguntou a si próprio se alguma vez voltaria a ver algum deles. Tanto quanto sabia, pretendiam mantê-lo naquela pequena sala até morrer. *Que julgava eu que ia acontecer?*, perguntou a si próprio com amargura. *Atirei ao chão o filho de um príncipe e dei-lhe um pontapé na cara.*

Sob aqueles céus cinzentos, os adornos flutuantes dos senhores e grandes campeões de nascimento elevado não pareceriam tão magníficos como tinham parecido no dia anterior. O Sol, emparedado atrás das nuvens, não pintaria os seus elmos de aço com brilho, nem faria os seus embutidos de ouro e prata cintilar e relampejar, mas mesmo assim Dunk gostaria de estar lá entre a multidão para ver as justas. Seria um bom dia para cavaleiros andantes, para homens vestidos de malha simples e cavalos sem armaduras.

Pelo menos conseguia *ouvi*-los. As cornetas dos arautos ouviam-se bem, e de vez em quando um rugido proveniente da multidão dizia-lhe que alguém caíra, ou se erguera, ou fizera algo de particularmente ousado. Também ouvia o ruído ténue de cascos e lá muito de vez em quando o tinir de espadas ou o quebrar de uma lança. Dunk estremecia sempre que ouvia este último som; fazia-lhe lembrar o ruído que o dedo de Tanselle fizera quando Aerion o quebrara. Havia também outros sons, mais próximos: passos no corredor que passava pela sua porta, o ruído de cascos no pátio, lá em baixo, gritos e vozes vindos das muralhas do castelo. Por vezes, sobrepunham-se ao torneio. Dunk supunha que ainda bem.

“Um cavaleiro andante é o mais verdadeiro tipo de cavaleiro, Dunk,” dissera-lhe o velho, muito tempo antes. “Outros cavaleiros servem os senhores que os sustentam, ou em nome de quem têm as terras, mas nós servimos onde quisermos, homens em cujas causas acreditamos. Todos os cavaleiros juram proteger os fracos e inocentes, mas nós cumprimos melhor o juramento, parece-me.” Era estranho como aquela recordação

parecia forte. Dunk esquecera quase por completo aquelas palavras. E talvez o velho também as tenha esquecido, para o fim.

A manhã transformou-se em tarde. Os sons distantes do torneio começaram a reduzir-se e a morrer. O ocaso começou a penetrar na cela, mas Dunk continuou sentado no banco de janela, a olhar para a escuridão que se aprofundava e a tentar ignorar a barriga vazia.

E então ouviu passos e um retinir de chaves de ferro. Esticou-se e pôs-se em pé quando a porta se abriu. Dois guardas entraram, um dos quais trazendo uma candeia de azeite. Uma criada seguiu-os com um tabuleiro de comida. Atrás veio Egg.

— Deixai a candeia e a comida e saí — disse-lhes o rapaz.

Fizeram o que ele ordenara, embora Dunk tivesse reparado que haviam deixado a pesada porta de madeira entreaberta. O cheiro da comida fê-lo tomar consciência de como estava esfomeado. Havia pão quente e mel, uma tigela de papas de ervilhas, uma espetada de cebolas assadas e carne bem esturricada. Sentou-se junto da bandeja, partiu o pão com as mãos, e enfiou algum na boca.

— Não há faca — observou. — Eles julgaram que eu te ia apunhalar, rapaz?

— Não me disseram o que pensaram. — Egg usava um gibão justo de lã preta com uma cintura pregueada e longas mangas forradas de cetim vermelho. No peito tinha cosido o dragão de três cabeças da Casa Targaryen. — O meu tio diz que devo pedir-vos humildemente perdão por vos ter enganado.

— O teu tio — disse Dunk. — Estás a falar do Príncipe Baelor.

O rapaz tinha uma expressão infeliz.

— Nunca quis mentir.

— Mas mentiste. Sobre tudo. Começando pelo teu nome. Nunca ouvi falar dum Príncipe Egg.

— É diminutivo de Aegon. O meu irmão Aemon chamou-me Egg. Ele está agora na Cidadela, a aprender a ser um mestre. E Daeron também me chama Egg às vezes, e as minhas irmãs também.

Dunk pegou na espetada e mordeu um bocado de carne. Cabra, temperada com uma qualquer especiaria de nobre que ele nunca tinha provado. Gordura correu-lhe pelo queixo abaixo.

— Aegon — repetiu. — Claro que teria de ser Aegon. Como Aegon, o Dragão. Quantos Aegons foram reis?

— Quatro — disse o rapaz. — Quatro Aegons.

Dunk mastigou, engoliu, e partiu mais um pouco de pão.

— Porque foi que fizeste isto? Foi alguma brincadeira, para fazer o estúpido cavaleiro andante de idiota?

— Não. — Os olhos do rapaz encheram-se de lágrimas, mas ele manteve-se ali em pé, com bravura. — Eu ia servir como escudeiro a Daeron. É o meu irmão mais velho. Aprendi tudo o que tinha de aprender para ser um bom escudeiro, mas o Daeron não é um cavaleiro lá muito bom. Ele não queria participar no torneio, por isso depois de termos saído de Solarestival, escapou-se à nossa escolta, só que, em vez de voltar para trás, foi diretamente para Vaufreixo, achando que nunca nos procurariam nessa direção. Foi ele que me rapou a cabeça. Sabia que o meu pai mandaria homens à nossa procura. O Daeron tem um cabelo comum, uma espécie de castanho-claro, nada de especial, mas o meu é como o de Aerion e o do meu pai.

— O sangue do dragão — disse Dunk. — Cabelo louro-prateado e olhos púrpura, toda a gente sabe disso. — *Cabeça dura como a muralha de um castelo, Dunk.*

— Sim. Por isso, Daeron rapou-o. Queria que nós nos escondêssemos até o torneio terminar. Só que depois confundistes-me com um moço de estrebaria, e... — Baixou os olhos. — Eu não me importava se Daeron lutava ou não, mas queria ser escudeiro de alguém. Lamento, sor. Lamento mesmo.

Dunk fitou-o, pensativo. Sabia como era querer tanto alguma coisa que se era capaz de dizer uma mentira monstruosa só para chegar perto dessa coisa.

— Eu pensei que eras como eu — disse. — E se calhar és. Só que não da maneira como eu pensava.

— De qualquer forma somos os dois de Porto Real — disse o rapaz num tom esperançoso.

Dunk teve de se rir.

— Sim, tu do topo da Colina de Aegon, e eu do fundo.

— Isso não é assim tão longe, sor.

Dunk deu uma dentada numa cebola.

— Tenho de te chamar *s'nhor* ou *Vossa Graça* ou qualquer coisa dessas?

— Na corte, sim — admitiu o rapaz — mas noutras alturas podeis continuar a chamar-me Egg se quiserdes. Sor.

— Que vão eles fazer comigo, Egg?

— O meu tio quer falar convosco. Depois de acabardes de comer, sor. Dunk pôs o prato de lado e levantou-se.

— Então já acabei. Já pontapeei um príncipe na boca, não quero deixar outro à espera.

* * *

O Lorde Ashford tinha entregado os seus aposentos ao Príncipe Baelor enquanto este permanecesse no castelo, portanto foi para a sala de visitas do senhor que Egg — não, *Aegon*, teria de se habituar a isso — o conduziu. Baelor estava a ler à luz de velas de cera de abelha. Dunk ajoelhou na sua frente.

— Erguei-vos — disse o príncipe. — Quereis vinho?

— Como vos aprouver, *Vossa Graça*.

— Serve a Sor Duncan uma taça do tinto doce de Dorne, *Aegon* — ordenou o príncipe. — Tenta não o derramar em cima dele, já lhe fizeste mal que chegue.

— O rapaz não derramará, *Vossa Graça* — disse Dunk. — É um bom rapaz. Um bom escudeiro. E não queria fazer-me nenhum mal, eu sei.

— Não é preciso querer-se fazer mal para o fazer. O *Aegon* devia ter vindo ter comigo quando viu o que o irmão estava a fazer àqueles bonecreiros. Em vez disso, correu para vós. Isso não foi nenhuma bondade. O que vós fizestes, sor... bem, eu talvez tivesse feito o mesmo se estivesse no vosso lugar, mas sou um príncipe do reino, não um cavaleiro andante. Nunca é sensato bater com fúria no neto dum rei, seja qual for o motivo.

Dunk anuiu sombriamente. Egg ofereceu-lhe um cálice de prata, cheio de vinho até à borda. Aceitou-o e bebeu um longo trago.

— *Odeio* o *Aerion* — disse Egg com veemência. — E tive de correr para o Sor Duncan, tio, o castelo era longe de mais.

— Aerion é teu irmão — disse o príncipe com firmeza — e os septões dizem que devemos amar os nossos irmãos. Aegon, agora deixa-nos, quero falar em privado com Sor Duncan.

O rapaz pousou o jarro de vinho e fez uma vénia hirta.

— Como quiserdes, Vossa Graça. — Foi até à porta da sala de visitas e fechou-a suavemente atrás de si.

Baelor Quebra-Lanças estudou os olhos de Dunk por um longo momento.

— Sor Duncan, deixai que vos pergunte o seguinte: quão bom sois na realidade como cavaleiro? Qual é a vossa perícia com as armas?

Dunk não soube o que dizer.

— Sor Arlan ensinou-me a espada e o escudo, e como investir contra anéis e estafermos.

O Príncipe Baelor pareceu perturbado por aquela resposta.

— O meu irmão Maekar regressou ao castelo há algumas horas. Descobriu o herdeiro bêbado numa estalagem a um dia de viagem para sul. Maekar nunca o admitirá, mas creio que tinha a esperança secreta de que os seus filhos pudessem brilhar mais do que os meus neste torneio. Em vez disso, ambos o envergonharam, mas que pode ele fazer? São sangue do seu sangue. Maekar está zangado, e tem de arranjar um alvo para a sua fúria. Escolheu-vos a vós.

— A mim? — disse Dunk, infeliz.

— Aerion já tinha enchido os ouvidos do pai. E Daeron também não vos ajudou. Para desculpar a sua própria cobardia, disse ao meu irmão que um cavaleiro ladrão enorme, encontrado por acaso na estrada, lhe levou Aegon. Temo que tendeis sido representado como esse cavaleiro ladrão, sor. Na história de Daeron, ele passou todos estes dias a perseguir-vos dum lado para o outro, a fim de recuperar o irmão.

— Mas o Egg irá contar-lhe a verdade. Aegon, quero eu dizer.

— O Egg irá contar-lhe, não tenho qualquer dúvida — disse o Príncipe Baelor — mas o rapaz também já foi apanhado a mentir, como tendes bons motivos para recordar. Em qual dos filhos irá o meu irmão acreditar? E quanto a esses bonecreiros, quando Aerion acabar de retorcer a história, serão culpados de alta traição. O dragão é o símbolo da Casa Real. Representar um deles a ser morto, com sangue de serradura a jorrar-lhe

do pescoço... bem, sem dúvida que foi inocente, mas esteve longe de ser sensato. Aerion chama ao espetáculo um ataque velado à Casa Targaryen, um incitamento à revolta. É provável que Maekar concorde. O meu irmão tem uma natureza suscetível, e depositou todas as suas melhores esperanças em Aerion, visto que Daeron é um tão grave desapontamento para ele. — O príncipe bebeu um trago de vinho, após o que pôs o cálice de parte. — Seja o que for em que o meu irmão acredita ou deixa de acreditar, uma coisa está fora de qualquer disputa. Vós pusestes as mãos no sangue do dragão. Por essa ofensa, tendes de ser julgado, sentenciado e punido.

— Punido? — Dunk não gostou do som daquilo.

— Aerion gostaria de obter a vossa cabeça, com ou sem dentes. Não a terá, prometo-vos, mas não lhe posso negar um julgamento. Como sua majestade, o meu pai, está a centenas de léguas de distância, teremos de ser eu e o meu irmão a julgar-vos, juntamente com o Lorde Ashford, em cujos domínios nos encontramos, e o Lorde Tyrell de Jardim de Cima, seu suserano. Da última vez que um homem foi declarado culpado de agredir alguém de sangue real, determinou-se que perdesse a mão transgressora.

— A minha *mão*? — disse Dunk, aterrado.

— E o vosso pé. Também o pontapeastes, não é verdade?

Dunk não conseguiu falar.

— É certo que irei pedir aos outros juízes para serem misericordiosos. Sou Mão do Rei e o herdeiro ao trono, a minha palavra tem algum peso. Mas a do meu irmão também. O risco está presente.

— Eu... — disse Dunk. — Eu... Vossa Graça, eu... — *Eles não pretendiam cometer qualquer traição, era só um dragão de madeira, nunca se pretendeu que fosse um príncipe real*, queria ele dizer, mas as palavras tinham-no abandonado por completo. Nunca fora grande coisa com as palavras.

— No entanto, tendes outra alternativa — disse o Príncipe Baelor em voz baixa. — Se é uma alternativa melhor ou pior, não sei dizer, mas faço-vos lembrar que qualquer cavaleiro acusado de um crime tem o direito de exigir julgamento por combate. Por isso volto a perguntar-vos, Sor Duncan, o Alto: quão bom sois como cavaleiro? De verdade?

* * *

— Um julgamento de sete — disse o Príncipe Aerion, sorrindo. — Tenho esse direito, creio.

O Príncipe Baelor tamborilou na mesa com os dedos, franzindo o sobrolho. À sua esquerda, o Lorde Ashford confirmou lentamente com a cabeça.

— Porquê? — quis saber o Príncipe Maekar, inclinando-se para o filho. — Tens medo de enfrentar sozinho este cavaleiro andante e deixar que os deuses decidam da verdade das tuas acusações?

— Medo? — disse Aerion. — De alguém como ele? Não digais tolices, pai. Os meus pensamentos dirigem-se ao meu querido irmão. Daeron foi também lesado por este Sor Duncan, e tem o direito de primeiro reclamar o seu sangue. Um julgamento de sete permite que ambos o enfrentemos.

— Não me faças favores, irmão — murmurou Daeron Targaryen. O filho mais velho do Príncipe Maekar tinha ainda pior aspeto do que o que tivera quando Dunk o encontrara na estalagem. Daquela vez parecia estar sóbrio, com o gibão vermelho e preto limpo de manchas de vinho, mas os olhos estavam injetados de sangue e uma fina película de suor cobria-lhe a testa. — Basta-me aplaudir-te enquanto tu matas o patife.

— És demasiado bondoso, querido irmão — disse o Príncipe Aerion, todo sorrisos — mas seria egoísta da minha parte privar-te do direito de provar a verdade das tuas palavras pondo em risco o teu corpo. Tenho de insistir num julgamento de sete.

Dunk não estava a perceber.

— Vossas Graças, senhores — disse ele, dirigindo-se ao estrado. — Não compreendo. O que é este *julgamento de sete*?

O Príncipe Baelor mexeu-se desconfortavelmente na cadeira.

— É outra forma de julgamento por combate. Antiga, raramente pedida. Atravessou o Mar Estreito com os ânдалos e os seus sete deuses. Em qualquer julgamento por combate, o acusador e o acusado pedem aos deuses para que decidam a disputa entre eles. Os ânдалos acreditavam que se sete campeões lutassem por cada lado, os deuses, sendo assim honrados, estariam mais dispostos a intervir e a assegurar-se de que um resultado justo seria atingido.

— Ou talvez tivessem simplesmente gosto pela esgrima — disse o Lorde Leo Tyrell, com um sorriso cínico a tocar-lhe os lábios. — Seja como for, Sor Aerion está no seu direito. Terá de ser um julgamento de sete.

— Então tenho de combater *sete homens*? — perguntou Dunk, desesperado.

— Sozinho não, sor — disse impacientemente o Príncipe Maekar. — Não façais de tolo, que não pega. Têm de ser sete contra sete. Tendes de encontrar outros seis cavaleiros para lutar ao vosso lado.

Seis cavaleiros, pensou Dunk. Bem podiam ter-lhe pedido para encontrar seis mil. Não tinha irmãos, nem primos, nem velhos camaradas que o tivessem acompanhado em batalha. Porque haveriam seis estranhos de arriscar as vidas para defender um cavaleiro andante contra dois principelhos da família real?

— Vossas Graças, senhores — disse — e se ninguém tomar o meu partido?

Maekar Targaryen baixou friamente os olhos para ele.

— Se uma causa é justa, bons homens lutarão por ela. Se não conseguirdes encontrar campeões, sor, será porque sois culpado. Haverá algo de mais evidente?

* * *

Dunk nunca se sentira tão só como quando atravessou a pé o portão do Castelo de Vaufreixo e ouviu a porta levadiça descer a chocalhar atrás de si. Caía uma chuva fraca, leve como orvalho na sua pele, e no entanto ele estremecia com o toque. Do outro lado do rio, anéis coloridos aureolavam os escassos pavilhões onde ainda havia fogos a arder. Calculou que metade da noite já tivesse passado. A alvorada cairia sobre ele dentro de poucas horas. *E com a alvorada vem a morte.*

Tinham-lhe devolvido a espada e a prata, mas enquanto atravessava o rio a vau, os seus pensamentos eram lúgubres. Perguntou a si próprio se esperariam que selasse um cavalo e fugisse. Podia fazê-lo, se quisesse. Isso seria o fim do seu estatuto como cavaleiro, certamente; daí em diante não passaria dum fora da lei, até ao dia em que algum senhor o capturasse e lhe cortasse a cabeça. *Antes morrer como cavaleiro do que viver assim,*

disse a si próprio com obstinação. Molhado até aos joelhos, atravessou com dificuldade o terreno vazio do torneio. A maior parte dos pavilhões estavam escuros, os seus donos há muito adormecidos, mas aqui e ali ainda ardiam algumas velas. Dunk ouviu gemidos baixos e gritos de prazer vindos de uma das tendas. Isso fê-lo perguntar se morreria sem nunca conhecer uma donzela.

Então ouviu o resfolegar dum cavalo, um resfolegar que, sem que soubesse como, reconheceu como sendo de *Trovão*. Mudou de direção e correu, e ali estava ele, atado com *Castanha* junto de um pavilhão redondo iluminado por dentro com um vago clarão dourado. No mastro central, a bandeira pendia, ensopada, mas mesmo assim Dunk conseguiu distinguir a curva escura da maçã Fossoway. Parecia-se com a esperança.

* * *

— Um julgamento por combate — disse Raymun num tom grave. — Pela bondade dos deuses, Duncan, isso quer dizer lanças de guerra, maçãs de armas, machados de batalha... as espadas não estarão embotadas, compreendeis isso?

— Raymun, o Relutante — troçou o primo, Sor Steffon. Uma maçã feita de ouro e granadas prendia-lhe o manto de lã amarela. — Não tens de ter medo, primo, isto é um combate de cavaleiros. Como não és cavaleiro, a tua pele não está em risco. Sor Duncan, tendes pelo menos um Fossoway. O maduro. Vi o que Aerion fez àqueles bonecreiros. Estou convosco.

— Eu também — exclamou Raymun, zangado. — Só quis dizer... O primo interrompeu-o.

— Quem mais luta connosco, Sor Duncan?

Dunk abriu as mãos, impotente.

— Não conheço mais ninguém. Bem, à parte Sor Manfred Dondarrion. Ele nem sequer quis atestar que eu era um cavaleiro, nunca arriscará a vida por mim.

Sor Steffon pareceu pouco perturbado.

— Então precisamos de cinco bons homens. Felizmente, tenho mais de cinco amigos. Leo Longthorn, a Tempestade Ridente, o Lorde Caron, os Lannister, Sor Otho Bracken... sim, e os Blackwood também, embora

nunca se consiga pôr Blackwood e Bracken do mesmo lado num corpo a corpo. Vou falar com alguns deles.

— Eles não ficarão contentes por serem acordados — objetou o primo.

— Excelente — declarou Sor Steffon. — Se estiverem zangados, lutarão com mais ferocidade. Podeis contar comigo, Sor Duncan. Primo, se eu não regressar antes da alvorada, traz-me a armadura e assegura-te de que *Cólera* está selado e ajazado para mim. Encontramo-nos no cercado dos desafiadores. — Riu-se. — Este dia será recordado durante muito tempo, parece-me. — Quando saiu a passos largos da tenda, parecia quase feliz.

Raymun nem por isso.

— Cinco cavaleiros — disse num tom sombrio depois de o primo sair. — Duncan, tenho relutância em destruir-vos a esperança, mas...

— Se o vosso primo puder trazer os homens de que fala...

— Leo Longthorn? O Bruto de Bracken? A Tempestade Ridente? — Raymun pôs-se em pé. — Conhece-os a todos, não duvido, mas tenho menos certeza de que algum deles o conhece. Steffon vê isto como uma oportunidade de alcançar a glória, mas para vós significa a vida. Devíeis encontrar os vossos próprios homens. Eu ajudo. Será melhor terdes campeões a mais do que a menos. — Um ruído lá fora fez Raymun virar a cabeça. — Quem vem lá? — perguntou, no momento em que um rapaz se baixava para passar pela aba, seguido por um homem magro que envergava um manto preto encharcado de chuva.

— Egg? — Dunk pôs-se em pé. — Que estás tu a fazer aqui?

— Sou o vosso escudeiro — disse o rapaz. — Ireis precisar de alguém que vos arme, sor.

— O senhor teu pai sabe que abandonaste o castelo?

— Pela bondade dos deuses, espero que não. — Daeron Targaryen desprende o pregador que lhe segurava o manto e deixou-o escorregar de cima dos ombros magros.

— Vós? Estais louco para virdes até aqui? — Dunk desembainhou a faca. — Devia enfiar-vos isto na barriga.

— Provavelmente — admitiu o Príncipe Daeron. — Se bem que eu prefira que me sirvais uma taça de vinho. Olhai-me para as mãos. — Estendeu uma e deixou que todos vissem como tremia.

Dunk deu um passo na direção dele, furioso.

— As vossas mãos não me interessam. Mentistes sobre mim.

— Tinha de dizer *alguma coisa* quando o meu pai exigiu saber onde o meu irmão mais novo se tinha metido — replicou o príncipe. Sentou-se, ignorando Dunk e a faca. — Em boa verdade, nem me tinha apercebido de que o Egg tinha desaparecido. Não estava no fundo da minha taça de vinho, e não tinha procurado em mais sítio nenhum, portanto... — Suspirou.

— Sor, o meu pai vai juntar-se aos sete acusadores — interrompeu Egg. — Implorei-lhe que não o fizesse, mas ele não me dá ouvidos. Diz que é a única maneira de recuperar a honra de Aerion e de Daeron.

— Não que eu tivesse alguma vez pedido que me recuperassem a honra — disse o Príncipe Daeron com amargura. — Quem quer que a tenha, por mim, pode ficar com ela. Mas enfim, aqui estamos. Se vos servir de alguma coisa, Sor Duncan, tendes pouco a temer de mim. A única coisa que aprecio menos do que cavalos são espadas. Coisas pesadas e bestialmente afiadas. Farei o meu melhor para parecer galante na primeira carga, mas depois disso... bem, talvez possais dar-me um bom golpe de lado no elmo. Fazei-o ressoar, mas não *demasiado* ruidosamente, se compreendeis o que quero dizer. Os meus irmãos pedem-me meças no que toca a combater, dançar e pensar, mas nenhum deles me chega aos calcanhares quando se trata de ficar sem sentidos na lama.

Dunk só conseguiu ficar a fitá-lo, e perguntar a si próprio se o príncipe estaria a tentar fazê-lo de idiota.

— Viestes cá porquê?

— Para vos avisar do que enfrentais — disse Daeron. — O meu pai ordenou à Guarda Real que lutasse consigo.

— A Guarda Real? — disse Dunk, horrorizado.

— Bem, os três que estão aqui. Graças aos deuses, o tio Baelor deixou os outros quatro em Porto Real com o nosso real avô.

Egg forneceu os nomes.

— Sor Roland Crakehall, Sor Donnel de Valdocaso e Sor Willem Wylde.

— Têm pouco voto na matéria — disse Daeron. — Juraram proteger

as vidas do rei e da família real, e os meus irmãos e eu somos do sangue do dragão, que os deuses nos ajudem.

Dunk contou pelos dedos.

— Isso faz seis. Quem é o sétimo homem?

O Príncipe Daeron encolheu os ombros.

— Aerion há de encontrar alguém. Se for preciso, comprará um campeão. Não lhe falta ouro.

— Quem temos nós? — perguntou Egg.

— O primo de Raymun, Sor Steffon.

Daeron estremeceu.

— Só um?

— Sor Steffon foi ter com alguns dos seus amigos.

— Eu posso trazer gente — disse Egg. — Cavaleiros. Posso mesmo.

— Egg — disse Dunk. — Eu vou lutar contra os teus irmãos.

— Mas não ireis magoar Daeron — disse o rapaz. — Ele disse-vos que ia cair. E Aerion... eu lembro-me, quando era pequeno, ele vinha ao meu quarto à noite e punha-me a faca entre as pernas. Dizia que tinha irmãos a mais, talvez um dia me transformasse em irmã, depois podia casar comigo. E atirou o meu gato ao poço. Diz que não atirou, mas ele mente sempre.

O Príncipe Daeron encolheu fatigadamente os ombros.

— O Egg diz a verdade. Aerion é um belo monstro. Pensa que é um dragão em forma humana, sabeis? Foi por isso que ficou tão furioso com aquele espetáculo de marionetas. É uma pena que não tenha nascido como Fossoway, então julgar-se-ia uma maçã e estaríamos todos bastante mais seguros, mas é neste pé que estamos. — Dobrando-se, pegou no manto caído e sacudiu dele a chuva. — Tenho de voltar a entrar à socapa no castelo antes que o meu pai comece a interrogar-se sobre o motivo por que estou a levar tanto tempo a amolar a espada mas, antes de me ir embora, gostava de vos dar uma palavrinha em privado, Sor Duncan. Vindes comigo?

Dunk olhou para o príncipe com suspeita por um momento.

— Como quiserdes, Vossa Graça. — Embainhou o punhal. — Também preciso de ir buscar o meu escudo.

— Eu e Egg iremos à procura de cavaleiros — prometeu Raymun.

O Príncipe Daeron prendeu o manto em volta do pescoço e puxou o capuz para cima. Dunk regressou atrás dele para a chuva fraca. Dirigiram-se para as carroças dos mercadores.

— Sonhei convosco — disse o príncipe.

— Dissestes isso na estalagem.

— Ah disse? Bem, é verdade. Os meus sonhos não são como os vossos, Sor Duncan. Os meus são verdadeiros. Assustam-me. Vós assustais-me. Sonhei convosco e com um dragão morto, entendeis? Um grande animal, enorme, com asas tão grandes que podiam cobrir este Prado. Tinha caído em cima de vós, mas vós estáveis vivo e o dragão morto.

— Fui eu que o matei?

— Isso não consegui perceber, mas estáveis lá e o dragão também. Nós fomos em tempo os senhores dos dragões, nós, os Targaryen. Agora desapareceram todos, mas nós permanecemos. Não quero morrer hoje. Só os deuses sabem porquê, mas não quero. Portanto fazei-me uma bondade, por favor, e assegurai-vos de que é o meu irmão Aerion quem matais.

— Eu também não quero morrer — disse Dunk.

— Bem, eu não vos matarei, sor. Também retirarei a minha acusação, mas de nada servirá a menos que Aerion retire a dele. — Suspirou. — Pode ser que vos tenha matado com a minha mentira. Se assim for, lamentação. Estou condenado a algum inferno, bem sei. Provavelmente a um inferno sem vinho. — Estremeceu, e foi nesses termos que se separaram, ali à leve chuva fria.

* * *

Os mercadores tinham estacionado as carroças no limite ocidental do Prado, sob um aglomerado de bétulas e freixos. Dunk parou debaixo das árvores e olhou impotente para o lugar vazio onde a carroça dos bonecreiros estivera. Desaparecera. Ele temera que isso pudesse ter acontecido. *Eu também fugiria, se não tivesse uma cabeça dura como a muralha dum castelo.* Perguntou a si próprio como poderia agora arranjar um escudo. Tinha a prata para comprar um, suponha, se conseguisse encontrar algum à venda...

— Sor Duncan — chamou uma voz vinda do escuro. Dunk virou-se para ir encontrar o Pate de Aço em pé atrás dele, com uma lanterna de ferro na mão. Sob um curto manto de couro, o armeiro estava nu da cintura para cima, mostrando o peito largo e os braços fortes cobertos de pelos grossos e pretos. — Se viestes buscar o escudo, ela deixou-o comigo. — Olhou para Dunk de cima a baixo. — Estou a contar duas mãos e dois pés. Quer dizer que é julgamento por combate, não é?

— Um julgamento de sete. Como soubestes?

— Bem, eles podiam ter-vos beijado e dado uma senhoria, mas não me pareceu provável, e se as coisas tivessem seguido o outro caminho, haviam de faltar-vos peças. Agora segui-me.

A carroça dele era fácil de identificar pela espada e pela bigorna pintadas nos lados. Dunk seguiu Pate para dentro. O armeiro pendurou a lanterna num gancho, encolheu-se para fora do manto molhado, e enfiou uma túnica de tecido grosseiro pela cabeça. Uma tábua com dobradiças caiu de uma das paredes para fazer uma mesa.

— Sentai-vos — disse, empurrando um banco baixo na sua direção. Dunk sentou-se.

— Para onde foi ela?

— Dirigiram-se para Dorne. O tio da rapariga? Aí está um homem sensato. O desaparecido é esquecido. Ficando e sendo visto, é provável que o dragão se lembre. Além disso, ele não achou que ela devesse ver-vos morrer. — Pate foi até à outra ponta da carroça, remexeu por momentos nas sombras, e regressou com o escudo. — O rebordo era de velho aço barato, quebradiço e ferrugento — disse. — Fiz-vos um novo, duas vezes mais grosso, e pus umas faixas na parte de trás. Agora vai ser mais pesado, mas também mais forte. A rapariga fez a pintura.

Ela fizera melhor trabalho do que Dunk alguma vez esperara. Até à luz da lanterna, as cores do poente eram ricas e brilhantes, a árvore alta, forte e nobre. A estrela cadente era um brilhante golpe de tinta no céu de carvalho. Mas agora que Dunk o tinha nas mãos, parecia tudo errado. A estrela estava a *cair*, que tipo de símbolo era esse? Cairia ele com igual rapidez? E o poente anuncia a noite.

— Devia ter ficado com o cálice — disse ele, infeliz. — Pelo menos tinha asas, para voar para longe, e Sor Arlan dizia que a taça estava cheia

de fé e camaradagem e de coisas boas para beber. Este escudo está todo pintado como a morte.

— O ulmeiro está vivo — fez Pate notar. — Vedes como as folhas estão verdes? Folhas de verão, com certeza. E eu vi escudos brasonados com crânios, lobos e corvos, até homens enforcados e cabeças ensanguentadas. Serviram bastante bem, e este também servirá. Conheceis a velha rima do escudo? *Carvalho e ferro, defendam-me bem...*

— ... *senão estou morto e no inferno também* — concluiu Dunk. Não pensava naquela rima havia anos. O velho ensinara-lha, muito tempo antes. — Quanto quereis pelo novo rebordo e tudo o resto? — perguntou a Pate.

— De vós? — Pate coçou a barba. — Um cobre.

* * *

A chuva já tinha quase parado quando a primeira luz pálida se derramou pelo céu oriental, mas fizera o seu trabalho. Os homens do Lorde Ashford tinham removido as barreiras, e o campo de torneios era um grande pântano de lama castanha-acinzentada e relva arrancada. Gaviinhas de nevoeiro contorciam-se junto ao chão como pálidas serpentes brancas enquanto Dunk regressava na direção da liça. O Pate de Aço caminhava com ele.

A bancada já começara a encher-se, e os senhores e senhoras aconchegavam bem os mantos ao corpo contra o frio da manhã. Os plebeus também deambulavam na direção do campo, e centenas deles já estavam parados ao longo da vedação. *Vieram tantos ver-me morrer*, pensou Dunk com amargura, mas estava a injustiçá-los. Alguns passos mais à frente, uma mulher gritou:

— Que tendes boa sorte.

Um velho avançou para lhe pegar na mão e disse:

— Que os deuses vos deem forças, sor.

Depois um Irmão suplicante com uma veste castanha esfarrapada abençoou-lhe a espada, e uma donzela beijou-lhe a cara. *Eles estão a meu favor.*

— Porquê? — perguntou a Pate. — Que lhes sou eu?

— Um cavaleiro que se lembrou do seu juramento — disse o ferreiro. Foram encontrar Raymun à porta do cercado dos desafiadores na extremidade sul da liça, à espera com o cavalo do primo e o de Dunk. *Trovão* mexia-se irrequieto sob o peso de testeira, barda e manta de cota de malha pesada. Pate inspecionou a armadura e afiançou que era bom trabalho, embora tivesse sido outra pessoa a forjá-la. Fosse qual fosse a proveniência da armadura, Dunk sentiu-se grato.

Então viu os outros: o homem zarolho com a barba grisalha, o jovem cavaleiro com o sobretudo às riscas amarelas e negras e as colmeias no escudo. *Robyn Rhysling e Humfrey Beesbury*, pensou, espantado. *E Sor Humfrey Hardyng também*. Hardyng estava montado no cavalo ruivo de Aerion, agora ajaezado com os seus losangos vermelhos e brancos.

Foi ter com eles.

— Sores, estou em dívida para convosco.

— A dívida é de Aerion — respondeu Sor Humfrey Hardyng — e tencionamos cobrá-la.

— Tinha ouvido dizer que a vossa perna estava partida.

— Ouvistes a verdade — disse Hardyng. — Não posso andar. Mas enquanto puder sentar-me num cavalo, posso lutar.

Raymun chamou Dunk de parte.

— Tive a esperança de que Hardyng quisesse ter outra oportunidade de lutar contra Aerion, e ele queria. Acontece que o outro Humfrey é irmão dele pelo casamento. O Egg é responsável por Sor Robyn, que conhece de outros torneios. Portanto, sois cinco.

— Seis — disse Dunk estupefacto, apontando. Um cavaleiro estava a entrar no cercado, com o escudeiro atrás a trazer o cavalo pela arreata. — A Tempestade Ridente. — Uma cabeça mais alto do que Sor Raymun e quase da mesma altura de Dunk, Sor Lyonel usava um manto de pano de ouro que ostentava o veado coroadado da Casa Baratheon, e trazia o seu elmo provido de hastes debaixo do braço. Dunk estendeu a mão. — Sor Lyonel, não posso agradecer-vos o suficiente por terdes vindo, nem a Sor Steffon por vos haver trazido.

— Sor Steffon? — Sor Lyonel deitou-lhe um olhar confuso. — Foi o vosso escudeiro que veio ter comigo. O rapaz, Aegon. O meu moço tentou correr com ele, mas ele enfiou-se-lhe entre as pernas e despejou-me

um jarro de vinho pela cabeça abaixo. — Soltou uma gargalhada. — Não há um julgamento de sete há mais de cem anos, sabíeis? Não ia perder uma oportunidade para lutar contra os cavaleiros da Guarda Real, e ao mesmo tempo torcer o nariz do Príncipe Maekar.

— Seis — disse Dunk a Raymun Fossoway, num tom esperançoso, quando Sor Lyonel se foi juntar aos outros. — O vosso primo certamente trará o último.

Um rugido ergueu-se da multidão. Na extremidade norte do prado, uma coluna de cavaleiros saiu a trote da névoa do rio. Os três Guardas Reais vinham à frente, como fantasmas nas suas cintilantes armaduras esmaltadas de branco, com longos mantos brancos a esvoaçar atrás das costas. Até os escudos eram brancos, vazios e limpos como uma extensão de neve acabada de cair. Atrás vinha o Príncipe Maekar e os filhos. Aerion estava montado num cavalo cinzento malhado, com laranja e vermelho a tremeluzir a cada passo através dos cortes nos jaezes do cavalo. O cavalo do irmão era um baio mais pequeno com uma armadura de escamas sobrepostas, negras e douradas. Uma pluma de seda verde esvoaçava no elmo de Daeron. Mas era o pai quem tinha uma aparência mais temível. Dentes de dragão, negros e curvos, cobriam-lhe os ombros, encimavam-lhe o elmo e desciam-lhe pelas costas, e o enorme mangual eriçado de espigões que trazia atado à sela era a arma de aspeto mais mortífero que Dunk já vira.

— Seis — exclamou Raymun de repente. — Eles são só seis.

Dunk viu que era verdade. *Três cavaleiros negros e três brancos. Também lhes falta um homem.* Seria possível que Aerion não tivesse sido capaz de encontrar um sétimo homem? O que queria isso dizer? Combateriam seis contra seis se nenhum dos dois encontrasse o sétimo?

Egg surgiu a seu lado ainda ele estava a tentar chegar a alguma conclusão.

— Sor, está na altura de envergades a armadura.

— Obrigado, escudeiro. Se tiveres a bondade.

O Pate de Aço deu uma ajuda ao rapaz. Lorigão e gorjal, grevas e manoplas, coifa e bragadura, os dois transformaram-no em aço, verificando três vezes cada fivela e cada fecho. Sor Lyonel afiava a espada numa pedra de amolar enquanto os Humfrey conversavam em voz baixa, Sor Robyn

rezava, e Raymun Fossoway andava de um lado para o outro, perguntando a si próprio onde se metera o primo.

Dunk estava completamente armado quando Sor Steffon finalmente apareceu.

— Raymun — chamou. — A minha cota de malha, por favor. — Vestira um gibão almofadado, para usar debaixo do aço.

— Sor Steffon — disse Dunk — e os vossos amigos? Precisamos de mais um cavaleiro para fazermos sete.

— Precisais de dois, temo bem — disse Sor Steffon. Raymun acabou de atar a parte de trás do lorigão.

— S'nhor? — Dunk não compreendeu. — Dois?

Sor Steffon pegou numa manopla de aço articulado e enfiou nela a mão esquerda, fletindo os dedos.

— Estou a ver aqui cinco — disse, enquanto Raymun lhe apertava o cinturão da espada. — Beesbury, Rhysling, Hardyng, Baratheon e vós.

— E vós — disse Dunk. — Vós sois o sexto.

— Eu sou o sétimo — disse Sor Steffon, sorrindo — mas do outro lado. Luto com o Príncipe Aerion e os acusadores.

Raymun aprestava-se para entregar o elmo ao primo. Parou como se tivesse sido atingido.

— Não.

— Sim. — Sor Steffon encolheu os ombros. — Sor Duncan compreende, tenho a certeza. Tenho um dever para com o meu príncipe.

— Disseste-lhe para confiar em ti. — Raymun empalidecera.

— Ah disse? — Tirou o elmo das mãos do primo. — Sem dúvida que estava a ser sincero nessa altura. Traz-me o cavalo.

— Vai buscá-lo tu — disse Raymun, zangado. — Se julgas que quero ter alguma participação nisto, és tão burro como vil.

— Vil? — Sor Steffon deu um estalo com a língua. — Cuidado com o que dizes, Raymun. Somos ambos maçãs da mesma árvore. E tu és o meu escudeiro. Ou será que te esqueceste do teu juramento?

— Não. Tu esqueceste-te do teu? Juraste ser um cavaleiro.

— Serei mais do que um cavaleiro antes de este dia chegar ao fim. *Lorde* Fossoway. Gosto do som que isso tem. — Sorrindo, calçou a outra manopla, virou-se e atravessou o cercado até ao cavalo. Embora os outros

defensores o fitassem com olhares de desprezo, ninguém fez um movimento para o impedir.

Dunk viu Sor Steffon levar o cavalo até ao outro lado do campo. As mãos cerraram-se-lhe em punhos, mas sentia a garganta demasiado inflamada para falar. *De qualquer maneira, nenhuma palavra demoveria um homem como aquele.*

— Armai-me cavaleiro. — Raymun pôs uma mão no ombro de Dunk e fê-lo virar-se. — Eu tomo o lugar do meu primo. Sor Duncan, armai-me cavaleiro. — Caiu sobre um joelho.

Franzindo o sobrolho, Dunk moveu uma mão para o cabo da espada, mas depois hesitou.

— Raymun, eu... eu não devo fazê-lo.

— Tendes de o fazer. Sem mim, sois só cinco.

— O rapaz tem razão — disse Sor Lyonel Baratheon. — Fazei-o, Sor Duncan. Qualquer cavaleiro pode armar um cavaleiro.

— Duvidais da minha coragem? — perguntou Raymun.

— Não — disse Dunk. — Não é isso, mas... — Ainda hesitava.

Uma fanfarras de trombetas cortou o ar brumoso da manhã. Egg veio a correr ter com eles.

— Sor, o Lorde Ashford chama-vos.

A Tempestade Ridente sacudiu impacientemente a cabeça.

— Ide com ele, Sor Duncan. Eu armo Sor Raymun cavaleiro. — Desembainhou a espada e afastou Dunk com um empurrão. — Raymun da Casa Fossoy — começou solenemente, tocando com a lâmina no ombro direito do escudeiro — em nome do Guerreiro vos exorto à coragem. — A espada deslocou-se do ombro direito para o esquerdo. — Em nome do Pai vos exorto à justiça. — De volta ao direito. — Em nome da Mãe vos encarrego de defender os jovens e inocentes. — O esquerdo. — Em nome da Donzela vos encarrego de proteger todas as mulheres...

Dunk deixou-os ali, sentindo-se tão aliviado como culpado. *Continuamos a ter um a menos*, pensou enquanto Egg lhe segurava no *Trovão*. *Onde vou eu encontrar outro homem?* Virou o cavalo e avançou lentamente para a bancada, onde o Lorde Ashford estava à espera. Vindo da extremidade norte da liça, o Príncipe Aerion avançou ao seu encontro.

— Sor Duncan — disse ele com voz alegre. — Parece que só tendes cinco campeões.

— Seis — disse Dunk. — Sor Lyonel está a armar Raymun Fossoway cavaleiro. Combateremos seis contra sete. — Sabia que havia homens que tinham vencido com probabilidades bem piores.

Mas o Lorde Ashford abanou a cabeça.

— Isso não é permitido, sor. Se não conseguirdes encontrar outro cavaleiro para tomar o vosso partido, tendes de ser declarado culpado dos crimes de que estais acusado.

Culpado, pensou Dunk. *Culpado de deixar um dente a abanar, e por isso tenho de morrer.*

— S'nhor, suplico-vos um momento.

— Concedo-o.

Dunk avançou lentamente ao longo da vedação. A bancada estava repleta de cavaleiros.

— S'nhores — gritou-lhes. — *Nenhum de vós se lembra de Sor Arlan de Pataqueira? Eu era seu escudeiro. Servimos muitos de vós. Comemos às vossas mesas e dormimos nos vossos salões.* — Viu Manfred Dondarrion sentado no nível mais elevado. — *Sor Arlan foi ferido ao serviço do senhor vosso pai.* — O cavaleiro disse qualquer coisa à senhora sentada a seu lado, sem prestar atenção. Dunk foi forçado a seguir adiante. — *Lorde Lannister, Sor Arlan derrubou-vos uma vez num torneio.* — O Leão Grisalho examinou as mãos enluvadas, recusando-se estudadamente a erguer os olhos. — *Ele era um bom homem, e ensinou-me a ser um cavaleiro. Não apenas a espada e a lança, mas também a honra. Um cavaleiro defende os inocentes, dizia ele. Foi só o que eu fiz. Preciso de mais um cavaleiro para lutar a meu lado. Um, é tudo. Lorde Caron? Lorde Swann?* — O Lorde Swann riu-se baixinho enquanto o Lorde Caron lhe murmurava ao ouvido.

Dunk puxou as rédeas ao cavalo à frente de Sor Otho Bracken, baixando a voz.

— Sor Otho, todos vos conhecem como um grande campeão. Juntai-vos a nós, suplico-vos. Em nome dos deuses antigos e dos novos. A minha causa é justa.

— Pode ser que o seja — disse o Bruto de Bracken, que teve pelo

menos a elegância de responder — mas é a vossa causa, não a minha. Eu não vos conheço, rapaz.

Desolado, Dunk fez *Trovão* dar meia-volta e correu dum lado para o outro em frente das fileiras de homens pálidos e frios. O desespero levou-o a gritar.

— *NÃO HAVERÁ VERDADEIROS CAVALEIROS ENTRE VÓS?*

Só o silêncio respondeu.

Do outro lado do campo, o Príncipe Aerion soltou uma gargalhada.

— Não se troça do dragão — gritou.

Então surgiu uma voz.

— Eu tomarei o partido de Sor Duncan.

Um garanhão negro emergiu das brumas do rio, com um cavaleiro negro nele montado. Dunk viu o escudo do dragão, e a cimeira esmaltada de vermelho no topo do elmo com as suas três cabeças rugidoras. *O Jovem Príncipe. Pela bondade dos deuses, será mesmo ele?*

O Lorde Ashford cometeu o mesmo erro.

— Príncipe Valarr?

— Não. — O cavaleiro negro ergueu a viseira do elmo. — Não pensava entrar na liça em Vaufreixo, senhor, portanto não trouxe armadura. O meu filho teve a bondade de me emprestar a dele. — O Príncipe Baelor fez um sorriso que era quase triste.

Dunk via que os acusadores tinham sido deixados em confusão. O Príncipe Maekar esporeou o cavalo para avançar.

— Irmão, perdeste o juízo? — Apontou um dedo revestido de cota de malha para Dunk. — Este homem atacou o meu filho.

— Este homem protegeu os fracos, como qualquer verdadeiro cavaleiro deve fazer — respondeu o Príncipe Baelor. — Que os deuses determinem se estava certo ou errado. — Puxou pelas rédeas, obrigou o enorme cavalo negro de Valarr a dar uma volta e seguiu a trote para a extremidade sul do campo.

Dunk fez parar *Trovão* a seu lado, e os outros defensores reuniram-se à volta de ambos; Robyn Rhysling e Sor Lyonel, os Humfrey. *Todos bons homens, mas serão suficientemente bons?*

— Onde está Raymun?

— Sor Raymun, se fizerdes favor. — Aproximou-se a meio galope,

com um sorriso sombrio a iluminar-lhe a cara sob o elmo emplumado. — As minhas desculpas, sor. Precisei de fazer uma pequena alteração ao meu símbolo, para não ser confundido com o meu desonroso primo. — Mostrou a todos o escudo. O polido campo dourado permanecia igual, e a maçã dos Fossoway também lá estava, mas aquela era verde, não vermelha. — Temo ainda não estar maduro... mas antes verde do que com bicho, hã?

Sor Lyonel riu-se, e Dunk fez um sorriso involuntário. Até o Príncipe Baelor pareceu aprovar.

O septão do Lorde Ashford viera até à frente da bancada e ergueu o cristal para convocar a multidão para uma prece.

— Prestai-me todos atenção — disse Baelor em voz baixa. — Os acusadores estarão armados com lanças pesadas de guerra para a primeira carga. Lanças de freixo, com dois metros e meio de comprimento, com bandas para evitar que se estilhacem e uma ponta de aço suficientemente afiada para penetrar em placa de aço se tiverem o peso dum cavalo de guerra por trás.

— Nós usaremos o mesmo — disse Sor Humfrey Beesbury. Atrás dele, o septão estava a convocar os Sete para olharem para baixo, julgarem aquela disputa e atribuírem a vitória aos homens cuja causa era justa.

— Não — disse Baelor. — Nós armar-nos-emos com lanças de torneio.

— As lanças de torneio são feitas para se partirem — objetou Raymun.

— E também são feitas com três metros e meio de comprimento. Se as nossas pontas acertarem em cheio, as deles não conseguirão tocar-nos. Apontai para o elmo ou o peito. Num torneio é galante quebrar a lança contra o escudo do adversário, mas aqui isso pode perfeitamente significar a morte. Se conseguirmos derrubá-los e manter-nos montados, a vantagem é nossa. — Olhou para Dunk de relance. — Se Sor Duncan for morto, considera-se que os deuses o julgaram culpado, e a disputa termina. Se ambos os seus acusadores forem mortos ou retirarem as acusações, passa-se o mesmo. De outro modo, todos os sete de um lado ou do outro têm de perecer ou de se render para que o julgamento termine.

— O Príncipe Daeron não lutará — disse Dunk.

— Não lutará bem, pelo menos. — Sor Lyonel riu-se. — Contra isso, temos três das Espadas Brancas para enfrentar.

Baelor encarou aquilo com calma.

— O meu irmão errou quando exigiu que a Guarda Real lutasse pelo filho. O seu juramento proíbe-os de fazer mal a um príncipe do sangue. Felizmente, é o que eu sou. — Dirigiu-lhes um ténue sorriso. — Mantende os outros longe de mim durante tempo suficiente, que eu lidarei com a Guarda Real.

— Meu príncipe, será isso cavaleiresco? — perguntou Sor Lyonel Baratheon enquanto o septão terminava a sua invocação.

— Os deuses far-nos-ão saber — disse Baelor Quebra-Lanças.

Um profundo silêncio de expectativa caíra sobre o prado de Vaufrei-xo.

A setenta metros de distância, o garanhão cinzento de Aerion soltou um relincho de impaciência e escarvou o chão lamacento. Por comparação, *Trovão* estava muito quieto. Era um cavalo mais velho, veterano de meia centena de combates, e sabia o que se esperava dele. Egg entregou o escudo a Dunk.

— Que os deuses estejam convosco, sor — disse o rapaz.

A visão do seu ulmeiro e estrela cadente deu-lhe ânimo. Dunk enfiou o braço esquerdo na correia e apertou os dedos em volta da pega. *Carvalho e ferro, defendam-me bem senão estou morto e no inferno também.* O Pate de Aço trouxe-lhe a lança, mas Egg insistiu que tinha de ser ele a pô-la na mão de Dunk.

De ambos os lados, os companheiros pegaram nas lanças e espalharam-se numa longa fileira. O Príncipe Baelor estava à sua direita e Sor Lyonel à esquerda, mas a estreita ranhura do elmo limitava a visão de Dunk àquilo que estava diretamente à sua frente. A bancada desaparecera, e o mesmo acontecera aos plebeus que se aglomeravam junto à vedação; havia apenas o campo lamacento, a pálida bruma soprada pelo vento, o rio, a vila e o castelo para norte, e o principelho no seu cavalo cinzento com chamas no elmo e um dragão no escudo. Dunk observou o escudeiro de Aerion a entregar-lhe uma lança de guerra, com dois metros e meio de comprimento e negra como a noite. *Ele vai enfiar-me aquilo no coração, se conseguir.*

Soou uma corneta.

Por um segundo, Dunk ficou imóvel como uma mosca em âmbar, embora todos os cavalos estivessem em movimento. Uma punhalada de pânico trespassou-o. *Esqueci*, pensou, descontrolado, *esqueci tudo, vou envergonhar-me, vou perder tudo*.

Trovão salvou-o. O grande garanhão castanho sabia o que fazer, mesmo que o seu cavaleiro não soubesse. Arrancou a trote lento. O treino de Dunk assumiu então o controlo. Deu ao cavalo de guerra um pequeno toque com as esporas e encaixou a lança. Ao mesmo tempo, virou o escudo por forma a cobrir-lhe a maior parte do lado esquerdo do corpo. Segurou-o em ângulo, a fim de defletir os golpes para longe dele. *Carvalho e ferro, defendam-me bem senão estou morto e no inferno também*.

O ruído da multidão não passava do bater de ondas distantes. *Trovão* pôs-se a galope. Os dentes de Dunk castanholaram com a violência do ritmo. Empurrou os calcanhares para baixo, apertando as pernas com toda a força e deixando que o corpo se lhe tornasse parte do movimento do cavalo por baixo de si. *Eu sou o Trovão e o Trovão é eu, somos um animal, estamos unidos, somos um só*. O ar dentro do seu elmo já estava tão quente que quase não conseguia respirar.

Numa justa de torneio, o adversário estaria à sua esquerda, do outro lado da barreira, e ele teria de virar a lança por cima do pescoço de *Trovão*. O ângulo fazia com que fosse mais provável que a lança se quebrasse com o impacto. Mas o jogo que jogavam naquele dia era um jogo mais mortífero. Sem barreiras a separá-los, os cavalos carregavam a direito uns contra os outros. O enorme cavalo preto do Príncipe Baelor era muito mais rápido do que *Trovão*, e Dunk vislumbrou-o a cavalgar à frente, através do canto da fenda da viseira. Sentiu os outros mais do que os viu. *Eles não importam, só Aerion importa, só ele*.

Viu o dragão a aproximar-se. Salpicos de lama saltavam dos cascos do cavalo cinzento do Príncipe Aerion, e Dunk viu as narinas do cavalo a dilatarem-se. A lança negra ainda se inclinava para cima. O velho dissera-lhe que um cavaleiro que mantém a lança elevada e a desce no último momento corre sempre o risco de a baixar longe de mais. Dunk apontou a sua ponta ao centro do peito do principelho. *A minha lança faz parte do*

meu braço, disse a si próprio, *é o meu dedo, um dedo de madeira. Só tenho de lhe tocar com o meu longo dedo de madeira.*

Tentou não ver a ponta de ferro afiada na extremidade da lança negra de Aerion, que crescia a cada passo. *O dragão, olha para o dragão*, pensou. A grande fera de três cabeças cobria o escudo do príncipe, com asas vermelhas e fogo dourado. *Não, olha para onde queres bater*, lembrou-se de súbito, mas a sua lança já começara a deslizar para o lado. Dunk tentou corrigir, mas era tarde de mais. Viu a ponta a bater no escudo de Aerion, atingindo o dragão entre duas das suas cabeças, rasgando uma mancha de chama pintada. Quando soou um estalo abafado, sentiu *Trovão* a retrair-se sob o seu corpo, tremendo com a força do impacto e, meio segundo mais tarde, algo se esmagou contra o seu flanco com uma força terrível. Os cavalos colidiram com violência, fazendo retinir armaduras quando *Trovão* tropeçou e a lança de Dunk lhe caiu da mão. Então viu-se para lá do adversário, agarrando-se à sela num esforço desesperado para se manter a cavalo. *Trovão* inclinou-se para o lado na lama escorregadia, e Dunk sentiu as patas traseiras a escorregar de debaixo do cavalo. Viu-se a deslizar, a rodopiar, e depois os quartos traseiros do garanhão bateram com força no chão.

— *Para cima!* — rugiu Dunk, golpeando com as esporas. — *Para cima, Trovão!* — E de algum modo o velho cavalo de batalha voltou a equilibrar-se.

Dunk sentia uma dor forte sob as costelas, e o braço esquerdo estava a ser puxado para baixo. Aerion trespassara com a lança carvalho, lâ e aço; um metro de freixo estilhaçado e ferro aguçado projetava-se do seu flanco. Dunk estendeu a mão direita, agarrou a lança logo atrás da ponta, cerrou os dentes e puxou-a para fora de si com um violento puxão. Sangue seguiu-a, jorrando através dos elos da cota de malha para lhe ir pintar de vermelho o manto. O mundo oscilou, e ele quase caiu. De forma longínqua, através da dor, conseguia ouvir vozes a gritar o seu nome. O seu belo escudo era agora inútil. Deitou-o fora, ulmeiro, estrela cadente, lança quebrada e tudo, e puxou pela espada, mas tinha tantas dores que não lhe parecia ser capaz de a brandir.

Virando *Trovão* num círculo apertado, tentou obter uma ideia do que estava a acontecer noutros pontos do campo. Sor Humfrey Hardyng agar-

rava-se ao pescoço da sua montada, obviamente ferido. O outro Sor Humfrey jazia imóvel num lago de lama manchada de sangue, com uma lança quebrada espetada nas virilhas. Viu o Príncipe Baelor a passar a galope, de lança ainda intacta, e a derrubar da sela um dos homens da Guarda Real. Outro dos cavaleiros brancos já estava caído, e Maekar fora também derrubado. O terceiro dos homens da Guarda Real estava a esquivar-se a Sor Robyn Rhysling.

Aerion, onde está Aerion? O som de cascos a trovejar atrás dele fez Dunk virar rapidamente a cabeça. *Trovão* bramiu e empinou-se, brandindo futilmente os cascos enquanto o garanhão cinzento de Aerion ia contra ele a todo o galope.

Daquela vez não havia esperança de recuperar. A espada saltou-lhe a rodopiar das mãos, e o chão ergueu-se ao seu encontro. Aterrou com um doloroso impacto que o sacudiu até aos ossos. A dor apunhalou-o, tão penetrante que soluçou. Por um momento não pôde fazer mais do que ficar ali no chão. O sabor do sangue encheu-lhe a boca. *Dunk, o tolo escudeiro, julgou que podia ser um cavaleiro.* Sabia que tinha de voltar a pôr-se em pé, senão morreria. Gemendo, forçou-se a erguer-se nas mãos e joelhos. Não conseguia respirar, e tampouco conseguia ver. A viseira do elmo estava coberta de lama. Pondo-se cegamente em pé, Dunk raspou a lama com um dedo coberto de cota de malha. *Ali, aquilo é...*

Através dos dedos, vislumbrou um dragão a voar, e um manguel eriçado de espigões a rodopiar na ponta duma corrente. Então, a sua cabeça pareceu explodir em bocados.

Quando os olhos se lhe abriram, estava de novo no chão, estatelado de costas. Toda a lama lhe tinha sido arrancada do elmo, mas agora um olho estava fechado por sangue. Por cima nada havia além de céu cinzento-escuro. Sentia a cara a latejar, e metal frio e húmido a fazer pressão contra a face e a têmpora. *Ele partiu-me a cabeça, e estou a morrer.* O pior eram os outros que morreriam com ele, Raymun e o Príncipe Baelor e os demais. *Falhei-lhes. Não sou campeão nenhum. Nem sequer sou um cavaleiro andante. Não sou nada.* Lembrou-se do Príncipe Daeron a gabar-se de que ninguém era capaz de fazer sem sentidos na lama tão bem como ele. *Mas ele nunca tinha visto Dunk, o marmelo, pois não?* A vergonha era pior do que a dor.

O dragão apareceu por cima dele.

Tinha três cabeças, e asas brilhantes como chamas, vermelho, amarelo e laranja. Estava a rir-se.

— Já estás morto, cavaleiro andante? — perguntou. — Grita por quartel e admite a tua culpa, que eu talvez só exija uma mão e um pé. Oh, e esses dentes, mas o que são uns quantos dentes? Um homem como tu pode viver anos de papa de ervilhas. — O dragão voltou a rir-se. — Não? Então come *isto*. — A bola de espigões rodopiou e rodopiou no céu, e caiu sobre a sua cabeça, tão rápida como uma estrela cadente.

Dunk rolou.

Onde encontrou as forças, não sabia, mas encontrou-as. Rolou contra as pernas de Aerion, envolveu-lhe a coxa num braço vestido de aço, arrastou-o a praguejar para a lama, e rolou para cima dele. *Ele que branda agora a porcaria do mangual*. O príncipe tentou empurrar a borda do escudo contra a cabeça de Dunk, mas o elmo amolgado absorveu o pior do impacto. Aerion era forte, mas Dunk era mais forte, e também maior e mais pesado. Agarrou o escudo com ambas as mãos e torceu-o até que as correias se partiram. Depois bateu com ele no topo do elmo do príncipe, uma e outra e outra vez, esmagando as chamas esmaltadas da sua cimeira. O escudo era mais grosso do que o de Dunk fora, sólido carvalho reforçado com ferro. Uma chama quebrou-se. Depois outra. Esgotaram-se as chamas ao príncipe muito antes de se esgotarem os golpes a Dunk.

Aerion largou finalmente o cabo do seu inútil mangual e tentou agarrar o punhal que trazia à anca. Conseguiu desembainhá-lo, mas quando Dunk lhe deu uma forte pancada na mão com o escudo, a faca saltou para a lama.

Ele podia vencer Sor Duncan, o Alto, mas não o Dunk do Fundo das Pulgas. O velho ensinara-lhe justa e esgrima, mas aquele tipo de luta fora aprendido antes, nas ruelas sombrias e vielas tortas por trás das tabernas da cidade. Dunk deitou fora o escudo amolgado e puxou para cima a viseira do elmo de Aerion.

Lembrou-se de o Pate de Aço ter dito que uma viseira é um ponto de fraqueza. O príncipe praticamente parara de lutar. Os seus olhos eram purpúreos e estavam cheios de terror. Dunk teve uma súbita vontade de

agarrar um e esmagá-lo como uma uva entre dois dedos de aço, mas isso não seria cavaleiresco.

— *RENDEI-VOS!* — gritou.

— Rendo-me — murmurou o dragão, quase sem mover os lábios pálidos. Dunk fitou-o a pestanejar. Por um momento não conseguiu acreditar no que os seus ouvidos tinham ouvido. *Quer dizer que acabou?* Virou a cabeça lentamente de um lado para o outro, tentando ver. A fenda da viseira estava parcialmente fechada pelo golpe que lhe tinha metido para dentro o lado direito da cara. Vislumbrou o Príncipe Maekar, de mangual na mão, a tentar abrir caminho para junto do filho. Baelor Quebra-Lanças estava a retê-lo.

Dunk pôs-se em pé e pôs também o Príncipe Aerion em pé. Tateando os atilhos do elmo, tirou-o e atirou-o fora. De imediato foi submerso em cenas e sons; grunhidos e pragas, os gritos da multidão, um garanhão a berrar enquanto outro corria sem cavaleiro pelo campo fora. Por todo o lado, aço ressoava em aço. Raymun e o primo estavam a golpear-se um ao outro em frente da bancada, ambos a pé. Os escudos eram ruínas feitas em lascas, e quer a maçã verde, quer a vermelha, estavam transformadas em acendalhas. Um dos cavaleiros da Guarda Real retirava do campo um irmão ferido. Pareciam iguais nas suas armaduras e mantos brancos. O terceiro dos cavaleiros brancos estava caído, e a Tempestade Ridente juntara-se ao Príncipe Baelor contra o Príncipe Maekar. Mangual, machado de batalha e espada colidiam e retiniam, ressoando em elmos e escudos. Maekar estava a receber três golpes por cada um dos que dava, e Dunk viu que aquilo em breve chegaria ao fim. *Tenho de pôr fim a isto antes que sejam mortos mais de nós.*

O Príncipe Aerion deu um súbito mergulho para o mangual. Dunk pontapeou-o nas costas e atirou-o ao chão de cara para baixo, após o que lhe pegou numa das pernas e o arrastou pelo campo fora. Quando chegou à bancada onde se encontrava o Lorde Ashford, o Príncipe Brillhante estava tão castanho como uma latrina. Dunk pô-lo em pé e sacudiu-o, fazendo saltar alguma da lama para cima do Lorde Ashford e da bela donzela.

— Diz-lhe!

Aerion Chamaviva cuspiu uma porção de erva e terra.

— Retiro a minha acusação.

* * *

Mais tarde, Dunk não foi capaz de dizer se saiu do campo pelas próprias forças ou se precisou de ajuda. Tinha dores por todo o lado, e nalguns sítios mais do que noutros. *Agora sou um verdadeiro cavaleiro?*, lembrava-se de ter perguntado a si próprio. *Sou um campeão?*

Egg ajudou-o a tirar as grevas e o gorjal, e Raymun também, e até o Pate de Aço. Estava demasiado aturdido para distinguir uns dos outros. Eram dedos, polegares e vozes. Dunk percebeu que Pate foi quem se queixou.

— Vede o que ele fez à minha armadura — disse. — Toda amolgada, cheia de mossas e de riscos. Pois, pergunto-vos, porque perco tempo? Tenho a impressão de que vou ter de lhe cortar aquela cota de malha de cima.

— Raymun — disse Dunk com urgência, agarrando as mãos do amigo. — Os outros. Como se saíram? — Tinha de saber. — Alguém morreu?

— O Beesbury — disse Raymun. — Morto por Donnel de Valdocaso na primeira carga. Sor Humfrey também está gravemente ferido. O resto de nós estamos magoados e ensanguentados, nada mais. Exceto vós.

— E eles? Os acusadores?

— Sor Willem Wylde, da Guarda Real, foi levado do campo sem sentidos, e acho que parti algumas das costelas ao meu primo. Pelo menos espero que sim.

— E o Príncipe Daeron? — perguntou Dunk. — Sobreviveu?

— Depois de Sor Robyn o derrubar, ficou onde caiu. Pode ter um pé partido. O seu próprio cavalo pisou-o enquanto corria à solta pelo campo.

Aturdido e confuso como estava, Dunk sentiu uma enorme sensação de alívio.

— Então o sonho dele estava errado. O dragão morto. A menos que Aerion tenha morrido. Não morreu, pois não?

— Não — disse Egg. — Vós poupaste-lo. Não vos lembrais?

— Suponho que sim. — As recordações da luta já se estavam a tornar confusas e vagas. — Num momento sinto-me bêbado. No seguinte dói-me tanto que sei que estou a morrer.

Fizeram com que se deitasse de costas e conversaram sobre ele en-

quanto ele fitava o turbulento céu cinzento. Parecia-lhe que ainda era manhã. Perguntou a si próprio quanto tempo teria durado a luta.

— Pela bondade dos deuses, a ponta da lança enterrou-lhe profundamente os elos na carne — ouviu Raymun dizer. — Vai gangrenar, se não...

— Embebedai-o e despejai na ferida óleo a ferver — sugeriu alguém. — É assim que os mestres o fazem.

— Vinho. — A voz tinha uma ressonância metálica. — Óleo não, isso iria matá-lo, vinho a ferver. Vou mandar o Mestre Yormwell dar uma vista de olhos nele depois de tratar do meu irmão.

Um cavaleiro alto estava por cima dele, com uma armadura preta amolgada e riscada por muitos golpes. *Príncipe Baelor*. O dragão escarlate no seu elmo perdera uma cabeça, ambas as asas e a maior parte da cauda.

— Vossa Graça — disse Dunk. — Eu sou vosso. Por favor. Sou vosso.

— Meu. — O cavaleiro negro pôs uma mão no ombro de Raymun para se equilibrar. — Preciso de bons homens, Sor Duncan. O reino... — A sua voz soou estranhamente indistinta. Talvez tivesse mordido a língua.

Dunk estava muito cansado. Era difícil manter-se acordado.

— Vosso — murmurou mais uma vez.

O príncipe moveu lentamente a cabeça de um lado para o outro.

— Sor Raymun... o meu elmo, se tiverdes a bondade. Viseira... a viseira está rachada, e os meus dedos... dedos parecem madeira...

— Imediatamente, Vossa Graça. — Raymun pegou com ambas as mãos no elmo do príncipe e soltou um grunhido. — Mestre Pate, uma ajuda.

O Pate de Aço arrastou para perto do príncipe um banco de montar.

— Está esmagado na parte de trás, Vossa Graça, do lado esquerdo. Enfiou-se no gorjal. Bom aço, este, para parar um tal golpe.

— O mangual do meu irmão, provavelmente — disse Baelor com uma voz entaramelada. — Ele é forte. — Estremeceu. — Isso... dá uma sensação esquisita, eu...

— Aí vem. — Pate ergueu o elmo amolgado. — Pela bondade dos deuses. *Oh deuses, oh deuses, oh deuses protejam...*

Dunk viu uma coisa vermelha e húmida cair do elmo. Alguém estava a gritar, alto e terrivelmente. Com o céu sombrio como fundo, um prin-

cipe alto de armadura preta cambaleou com meio crânio apenas. Dunk viu sangue vermelho e osso branco por baixo e mais uma coisa, uma coisa cinzenta-azulada e polposa. Uma expressão estranha e perturbada passou pela cara de Baelor Quebra-Lanças, como uma nuvem a passar por um sol. Ergueu a mão e tocou na parte de trás da cabeça com dois dedos, oh, tão ligeiramente. E então caiu.

Dunk apanhou-o.

— Para cima — dizem que terá dito, tal como fizera com *Trovão* durante o combate. — Para cima, para cima. — Mas não se lembrava disso mais tarde, e o príncipe não se ergueu.

* * *

Baelor, da Casa Targaryen, Príncipe de Pedra do Dragão, Mão do Rei, Protetor do Território e herdeiro do Trono de Ferro dos Sete Reinos de Westeros, foi entregue ao fogo no pátio do Castelo de Vaufreixo na margem norte do rio Ameijoeiro. Outras grandes Casas podiam preferir enterrar os seus mortos na terra escura ou afundá-los no frio mar verde, mas os Targaryen eram do sangue do dragão, e os seus finais eram escritos em chamas.

Ele fora o melhor cavaleiro da sua época, e alguns afirmavam que devia ter partido para enfrentar as trevas vestido de cota de malha e placa de aço, com uma espada na mão. No fim, contudo, os desejos do rei seu pai prevaleceram, e Daeron II tinha uma natureza pacífica. Quando Dunk passou pelo féretro de Baelor a arrastar os pés, o príncipe usava uma túnica de veludo negro com o dragão de três cabeças realçado em fio escarlata no peito. Em volta da garganta tinha uma pesada corrente de ouro. A sua espada estava embainhada a seu lado, mas ele usava um elmo, um fino elmo de ouro com uma viseira aberta para que os homens pudessem ver-lhe o rosto.

Valarr, o Jovem Príncipe, estava de vigília aos pés do ataúde enquanto o pai se encontrava em câmara-ardente. Era uma versão mais baixa, mais magra, mais bem-parecida do seu progenitor, sem o nariz duas vezes partido que fizera com que Baelor parecesse mais humano do que régio. O cabelo de Valarr era castanho, mas uma brilhante madeixa de louro-prateado

atravessava-o. Vê-la fez Dunk lembrar-se de Aerion, mas sabia que isso não era justo. O cabelo de Egg estava a crescer tão claro como o do irmão, e Egg era um rapaz bastante decente, para um príncipe.

Quando parou para dar umas condolências desajeitadas, bem carregadas de agradecimentos, o Príncipe Valarr pestanejou na sua direção uns frios olhos azuis e disse:

— O meu pai só tinha trinta e nove anos. Tinha qualidades para ser um grande rei, o maior rei desde Aegon, o Dragão. Porque quiseram os deuses levá-lo e deixar-vos a vós? — Abanou a cabeça. — Fora daqui, Sor Duncan. Fora.

Sem palavras, Dunk saiu a coxear do castelo e dirigiu-se ao acampamento junto da lagoa verde. Não tinha resposta para dar a Valarr. Nem para as perguntas que ele próprio fazia. Os mestres e o vinho a ferver tinham feito o seu trabalho, e o seu ferimento estava a sarar de forma limpa, embora fosse ficar com uma profunda cicatriz preguiçada entre o braço esquerdo e o mamilo. Não conseguia olhar para o ferimento sem pensar em Baelor. *Ele salvou-me uma vez com a espada e uma vez com uma palavra, apesar de já ser um homem morto enquanto ali estava em pé.* O mundo não fazia qualquer sentido quando um grande príncipe morria para que um cavaleiro andante pudesse sobreviver. Dunk sentou-se sob o seu ulmeiro e fitou sombriamente os pés.

* * *

Quando quatro guardas com a libré real apareceram no seu acampamento ao fim duma tarde, teve a certeza que afinal o tinham mesmo vindo matar. Fraco e fatigado de mais para estender a mão para uma espada, sentou-se com as costas apoiadas ao ulmeiro, à espera.

— O nosso príncipe suplica o favor duma conversa privada.

— Que príncipe? — perguntou Dunk, cauteloso.

— Este príncipe — disse uma voz brusca antes de o capitão ter tempo de responder. Maekar Targaryen avançou, vindo de trás do ulmeiro.

Dunk pôs-se lentamente em pé. *Que quer ele de mim agora?*

Maekar fez um gesto, e os guardas desapareceram tão subitamente como tinham aparecido. O príncipe estudou-o durante um longo mo-

mento, após o que se virou e se afastou dele para ir parar ao lado da lagoa, fitando o próprio reflexo na água.

— Mandei Aerion para Lys — anunciou de repente. — Alguns anos nas Cidades Livres talvez o mudem para melhor.

Dunk nunca estivera nas Cidades Livres, portanto não soube que resposta dar àquilo. Estava satisfeito por Aerion ter saído dos Sete Reinos, e esperava que nunca mais voltasse, mas isso não era algo que se dissesse a um pai sobre o filho. Ficou em silêncio.

O Príncipe Maekar virou-se para o encarar.

— Há homens que dirão que eu queria matar o meu irmão. Os deuses sabem que é mentira, mas ouvirei os murmúrios até ao dia da minha morte. E foi o meu mangual que deu o golpe fatal, não duvido. Os únicos outros adversários que ele enfrentou na luta foram três Guardas Reais, cujos juramentos os proibem de fazer mais do que defenderem-se. Portanto, fui eu. É estranho, mas não me lembro do golpe que lhe partiu o crânio. Será isso uma mercê ou uma maldição? Um pouco das duas coisas, parece-me.

Pelo modo como olhou para Dunk, pareceu-lhe que o príncipe desejava uma resposta.

— Não sei dizer, Vossa Graça. — Talvez devesse odiar Maekar, mas sentia uma estranha simpatia pelo homem. — Vós brandistes o mangual, s'nhor, mas foi por mim que o Príncipe Baelor morreu. Portanto, também eu o matei, tanto como vós.

— Sim — admitiu o príncipe. — Vós também ireis ouvir esses murmúrios. O rei está velho. Quando morrer, Valarr subirá ao Trono de Ferro em vez do pai. De todas as vezes que uma batalha seja perdida ou se perca uma colheita, os tolos dirão: “Baelor não teria permitido que isto acontecesse, mas o cavaleiro andante matou-o.”

Dunk via a verdade que havia naquilo.

— Se eu não tivesse lutado, vós teríeis cortado a minha mão. E o meu pé. Às vezes sento-me ali debaixo daquela árvore e olho para os pés e pergunto se não podia ter cedido um deles. Como pode o meu pé valer a vida dum príncipe? E os outros dois também, os Humfrey, eles também eram bons homens. — Sor Humfrey Hardyng sucumbira aos ferimentos na noite anterior.

— E que resposta vos dá a vossa árvore?

— Nenhuma que eu consiga ouvir. Mas o velho, Sor Arlan, dizia todos os dias ao cair da noite: “Pergunto a mim próprio o que trará a manhã.” Nunca soube, tal como nós. Bem, poderá acontecer que alguma manhã chegue em que eu tenha falta desse pé? Em que o reino precise desse pé, ainda mais do que da vida dum príncipe?

Maekar removeu aquilo durante algum tempo, com a boca bem cerrada sob a barba de prata que fazia com que a sua cara parecesse tão quadrada.

— É improvável como o raio — disse com dureza. — O *reino* tem tantos cavaleiros andantes como andanças, e todos eles têm pés.

— Se Vossa Graça tem uma resposta melhor, gostaria de a ouvir.

Maekar franziu o sobrolho.

— Pode ser que os deuses tenham gosto por partidas cruéis. Ou talvez não existam deuses. Talvez nada disto tenha nenhum significado. Eu perguntaria ao Alto Septão, mas da última vez que fui ter com ele, disse-me que nenhum homem pode realmente compreender as obras dos deuses. Ele talvez devesse experimentar dormir debaixo duma árvore. — Fez uma careta. — O meu filho mais novo parece ter-se tornado vosso amigo, sor. Está na altura de ele ser escudeiro, mas diz-me que não servirá nenhum cavaleiro além de vós. É um rapaz indisciplinado, como tereis reparado. Aceitais?

— *Eu?* — A boca de Dunk abriu-se, fechou-se e voltou a abrir-se. — Egg... quer dizer, Aegon... ele é um bom rapaz mas, Vossa Graça, sei que me concedeis uma honra, mas... eu sou só um cavaleiro andante.

— Isso pode ser mudado — disse Maekar. — Aegon deve regressar para o meu castelo em Solarestival. Há lá um lugar para vós, se o desejardes. Um cavaleiro da minha Casa. Jurar-me-eis a vossa espada, e Aegon pode servir-vos como escudeiro. Enquanto o treinardes, o meu mestre de armas completará o vosso treino. — O príncipe deitou-lhe um olhar astuto. — O vosso Sor Arlan fez tudo o que pôde por vós, não duvido, mas ainda tendes muito a aprender.

— Eu sei, s'nhor. — Dunk olhou em volta. Fitou a erva verde e as canas, o grande ulmeiro, as ondulações que corriam pela superfície da lagoa iluminada pelo sol. Outra libélula deslocava-se pela água, ou talvez fosse

a mesma. *O que será, Dunk?*, perguntou a si próprio. *Moscas-dragão ou dragões?* Alguns anos antes, teria respondido imediatamente. Aquilo era tudo o que sonhara, mas agora que a possibilidade estava ao alcance da mão, assustava-o. — Imediatamente antes de o Príncipe Baelor morrer, jurei estar ao seu serviço.

— Presunção vossa — disse Maekar. — O que foi que ele disse?

— Que o reino precisava de bons homens.

— Isso é bem verdade. E que tem?

— Aceito o vosso filho como escudeiro, Vossa Graça, mas não em Solarestival. Pelo menos durante um ano ou dois. Ele já viu o bastante de castelos, julgo eu. Só o aceitarei se o puder levar comigo para a estrada. — Apontou para o velho *Castanha*. — Montará o meu corcel, usará o meu velho manto e manterá a minha espada afiada e a cota de malha limpa. Dormiremos em estalagens e em estábulos, e de vez em quando nos sa-lões de algum cavaleiro com terras ou fidalgo de baixa categoria, e talvez debaixo de árvores quando tiver de ser.

O Príncipe Maekar dirigiu-lhe um olhar incrédulo.

— O julgamento perturbou-vos o juízo, homem? Aegon é um príncipe real. Sangue do dragão. Os príncipes não foram feitos para dormir em valas e comer carne dura e salgada. — Viu Dunk hesitar. — Que tendes medo de me dizer? Dizei o que quiserdes, sor.

— Daeron nunca dormiu numa vala, aposto — disse Dunk, muito baixinho — e toda a carne que Aerion comeu na vida era grossa, tenra e em sangue, provavelmente.

Maekar Targaryen, Príncipe de Solarestival, olhou para Dunk do Fundo das Pulgas durante muito tempo, com o maxilar a mover-se em silêncio sob a barba prateada. Por fim, virou-se e afastou-se, sem proferir palavra. Dunk ouviu-o partir a cavalo com os seus homens. Depois de se irem embora, não se ouviu um som além do ténue zumbido das asas da libélula enquanto esta voava rente sobre a água.

O rapaz veio na manhã seguinte, mesmo na altura em que o Sol nascia. Trazia botas velhas, bragas castanhas, uma túnica de lã castanha, e um velho manto de viajante.

— O senhor meu pai diz que eu tenho de vos servir.

— De vos servir, *sor* — fez-lhe Dunk lembrar. — Podes começar por

selar os cavalos. O *Castanha* é teu, trata-o bem. Não te quero ver no *Trovão*, a menos que seja eu a pôr-te nele.

Egg foi buscar as selas.

— Para onde vamos, sor?

Dunk pensou por um momento.

— Nunca estive do lado de lá das Montanhas Vermelhas. Gostavas de dar uma olhadela a Dorne?

Egg fez um sorriso.

— Ouvi dizer que eles têm uns ótimos espetáculos de marionetas — disse.